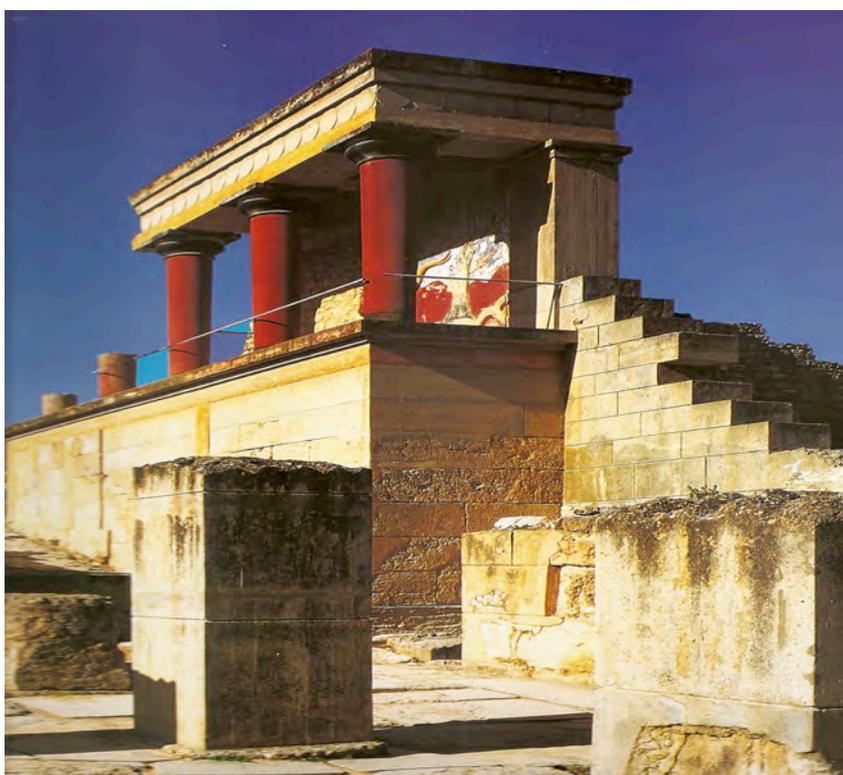


NA IDADE DO COBRE
NÓS PELASGOS–ATLANTES

***COLONIZÁMOS A SARDENHA,
CRETA E O “EGEO–PELASGO”***

LÁ e CÁ

***MAR, EXPERIÊNCIA E MISCIGENAÇÃO
do MEGALITISMO AO NÚMERO DE OURO***



**POR
VIRIATO SIMÕES**

Autor: Viriato Simões
R. Joaquim Quirino Nº 1, 1º, Dto.
2780 – 090, PAÇO DE ARCOS
Edição do autor, Dez. 2010
Colaboração Gráfica: Maria José M. Simões

Publicações do autor no domínio histórico:

- O Tratado de Alcanizes; Agosto de 1997

- A Serra da Estrela e as suas beiras.
2ª Ed. Lisboa 1979

- Homero cria os Deuses do Olimpo
na Epopeia de Ulisses, Rumo á Hespérides.
Registo no I.G.A.C. Proc.5054 / 2008; Reg.5099 /2008
Lisboa, Dez. 2008

- Homero, A Cegueira de Polifemo nos Ciclopes,
frente à Azóia de Almada.
O Estanho da Cornualha no Erguer da Quéops
e de Stonehenge c. 2.400 a. C.
Lisboa, Abril. 2009

- Os Pelasgos Conquistam Creta e Micenas
e erguem a Porta dos Leões e o Tesouro de Atreu
Lisboa, Setembro de 2009

- MAAT, Deusa do Amor Criador
o Pentagrama como diadema,
Símbolo Egípcio da Verdade
Lisboa, Dezembro 2009
Registo no I.G.A.C. Proc. nº5765 / 2009;Reg. nº 50 / 2010

- A “KALDERA” DA ATLÂNTIDA
Fim do Reino Hítita e Migração de
Povos do Egeu para a Ibéria e Itália
Lisboa, Abril de 2010
Registo no I.G.A.C Proc. Nº 19762010; nº2227 / 2010

- CENTUM CELLAS E O TEMPLO DE ALMOFALA
NA ROTA LUSA DO OURO E DO ESTANHO – Séc. VI a.C
Lisboa, Dezembro de 2010
Registo I.C.A.C. nº 6702 / 2010;Proc. nº 6526 / 2010

- *Na Idade do cobre / NÓS PELASGOS – ATLANTES*
... COLONIZAMOS A SARDENHA, CRETA E O “EGEO-PELASGO”
LÁ e CÁ
MAR, EXPERIÊNCIA E MISCIGENAÇÃO
DO MEGALÍTISMO AO NÚMERO DE OURO
Lisboa, Fevereiro de 2011;
Registo I.G.A.C. Proc. nº 957 / 2011

- Os Celtiberos-Pelasgos
“de la pétrea muralha de Gredos” à Cova da Lã
...em conclusão

SUMÁRIO

1. Nota Prévia	3
1.1 Síntese da Investigação.....	4
2. Novas revelações	9
3. Manual da Civilização Grega – Nova Acrópole”	12
4. A Mitologia, que também ignoramos	16
5. “Somos todos uma grande família que começou em África”	18
6. Descarte, Espinosa, o N.º de Ouro na “Enigmática” Torre de Centum Celas	21
7. Os Judeus são Pelasgos-Atlantes traíndo a nossa Mãe-Negra Minóica	26
8. A Mãe-Eva, Negra foi a nossa mãe / A Negritude em África	29
8.1 O Matriarcado e a arte de viver	31
8.2 A Consciência da natureza feminina no nosso País.....	33
8.3 Documento elucidativo da nossa miscigenação	34
9. Abraço genético Afro-Euro-Asiático na consciência da natureza humana	35
9.1 À cerca das mulheres	35
10. O Lado escuro da natureza humana.....	44
10.1 Rainer Daehmaradt e o Mundo Português	45
11. “Europa y África Juicios Federalistas”	50
11.1 O espírito tacanho de Salazar	51
12. A actual crise mundial	52
12.1 Algo hicimos mal”	53
13. A Oralidade e a Literacia, guardiã da memória	55
13.1 Homem e as ideias	56
14. A Civilização do Granito dos Castro ao Ciclópico “Egeo-Pelasgo”	58
15. Caminhos errados da humanização	62
15.1 O amor, “No sentimento trágico da vida humana”, Unamuno e o “Senhor padre Manuel”	64
15.2 Sem amor na cegueira do misticismo.....	67
16. Ex Oriente Lux – A Euro-Ásia	71
16.1 A Civilização Sumério-Ariana	72
16.2 O cavalo e o burro	74
17. Os Arianos na Grécia”	77
17.1 O Si (self) Ariano na Índia	78
18. O crescer da natureza humana.....	79
18.1 Das pinturas rupestres do Atlas-Atântico aos Castros da Sardenha e “Egeo-Pelasgo”	80
18.2 Homero na Odisseia. Os “Erros de Ulisses”	83
18.3 Das pinturas rupestres aos Castros e a Micenas	84
19. Dos Castros à Sardenha	86
19.1 Voltemos aos Nuragues.....	89
19.2 Já no “Egeo-Pelasgo”	89
20. Os palácios da Creta Minóica	92
20.1 O tauro e o porcon na religiosidade e na tradição	94
20.2 Na Creta Minóica	96
20.3 “A Kaldera do Santorini”	97
21. A arquitectura.....	98
21.1 O Islão e os seus palácios	99
22. A caminho da fonte.....	101
22.1 Zazinto-Sagunto.....	102
22.2 Quem somos e donde vimos.....	103
23. At Lusitânia ... que mare Atlanticum Spectad.....	105
24. Na rota Lusa do ouro e estanho, com o N.º de Ouro e Divina Proporção.....	106
25. A “enigmática” torre de Centum Celas e os glaciares vindos dos <i>Kántháros</i>	108
25.1 A toponímia no mundo Hitita III – II milénio.....	112
25.2 A era dos Sea-Peoples	114
25.3 O reino dos Cónios e o Império dos Tartessos.....	116
25.4 A Lusitânia primitiva e a civilização megalítica	117
25.5 Dois Mundos que se cruzam, confusões que provocam	118
26. “As cruzadas vistas pelos Árabes”	125
27. A valia de um parque ecológico na educação ambiental	126
28. Amar o mar “Na linha do horizonte”	129

NOTA PRÉVIA

*Enalteçamos o nosso presente e o nosso futuro se compreendermos o nosso passado”
Rosse Leeckie*

“O maior dos perigos é a credulidade humana, que dá cobertura a esta enorme e preocupante vaga de obscurantismo e irracionalidade.”

Jorge Bunesco

A Linhagem, individual e colectiva, é a nossa razão de ser, de amar, do continuo racional, na senda da humanização.

No nosso deambular pelo mundo, nos descobrimentos, praticávamos a Assimilação, enquanto os Ingleses, Espanhóis e outros o “Apartheid”.

Camões, nos Lusíadas, entre os nossos feitos, não escondeu a atracção sexual, o amor, dizendo-nos – “julgue-o quem não puder prová-lo, mas é melhor prová-lo que julga-lo.”

*Para conscientemente aceitar o esplendor da Arte Minóica e da Atlântida que, em tão curto espaço de tempo, atingiu todo o “Egeo-Pelasgo”, herdado pela Grécia Arcaica após a erupção do Santorini, com os “Sea Peoples”, a queda do Reino Hítita e os séculos obscuros que lhe seguiram – **constituindo a nossa Proto-História, que também o é da Europa e da Humanidade**, temos de aceitar que tal resultou da **Miscigenação Afro-Euro-Asiática, da Experiência e do amor ao mar**, integrando a natureza humana no ecossistema de que era parte.*

Lembro que da construção dos Palácios da Creta Minóica, centralizando uma arte que excedeu a Egípcia, os clusters e modo de viver, o poder da sua marinha comercial, ao Partenon – símbolo da civilização Grega e do modo Grego de pensar, ainda seguido hoje na Investigação Científica, medeiam cerca de mil e quinhentos anos...!!

Para termos plena consciência de que assim foi ver no Cap 3- “A Mitologia” abaixo referida..

Como nos sentimos felizes ao saber que diversos pintores famosos, em várias épocas, pintaram o Mito da Europa, **“a maior aventura do mundo”**, dando melhor luz à caminhada para a humanização.

“Europa”, filha do rei de Sídon, por quem Zeus, atingido por um raio do travesso Cúpido, se apaixonou, passeava com suas amigas colhendo flores, já com a sua cestinha de ouro cheia de narcisos de suave aroma, jacintos, açafraão e rubras rosas silvestres.

“Zeus, surpreendido e cauteloso, transforma-se num dócil touro, belo, aproximando-se meigo, que Europa acaricia e ele a seus pés se ajoelha.

“Por certo ele quer que o montemos! Tão dócil, encantador e belo que é. Nem parece um toiro. Dir-se-ia um deus, homem verdadeiro, só lhe falta falar.”

Europa, sorridente, acomoda-se, segurando-se bem. O Touro, astuto e determinado, dispara rumo ao mar.

“Enfunaram-se as ondas profundas, como velas de um barco e, sempre assim, suavemente a levaram sobre o mar.”

... ..

Não era um toiro, acreditou ser um deus que a levou para a ilha de Creta, onde foi mãe de Minos, Sarpedão e Radarinhanto. “Filhos gloriosos cujos ceptros dominarão todos os homens da Terra, irmã do mar”.

In “A Mitologia” de Edith Hamilton, Ed. Publicações Dom Quixote” Lisboa, 1991,

No século passado, na Venezuela, um intelectual com visão e capacidade de execução resolveu criar uma orquestra sinfónica com rapazes das favelas. Foi um extraordinário sucesso e existem hoje neste país muitas dezenas de orquestras. Creio que foi em 2007, uma delas foi convidada a exhibir-se em Londres, tendo o chefe desta Orquestra sido considerado o melhor regente do Mundo. Fui oficial miliciano do Exército, mas nunca fui capaz de assobiar aquele pequeno toque de sentido! Porque nunca me ensinaram música, mas sim doutrina...meu pai antes das refeições, todos de pé à volta da mesa, ainda rezávamos uma ou duas orações, mas certa vez enganou-se e meu irmão mais novo começou a rir-se, os outros três irmãos acompanharam o coro e nunca mais se rezou.

Tenho no entanto uma neta, **com oito anos**, que fala Inglês com os pais, português na vida escolar e cívica, Mandarim em Academia e é exímia no Piano – porque a mãe, de Macau, durante meia hora diária, a ensina.

Enquanto no nosso ensino a tabuada é decimal, na Índia, como na China é de um a vinte!
A média Nacional a Matemática era de c. 4,5 valores, porquê?

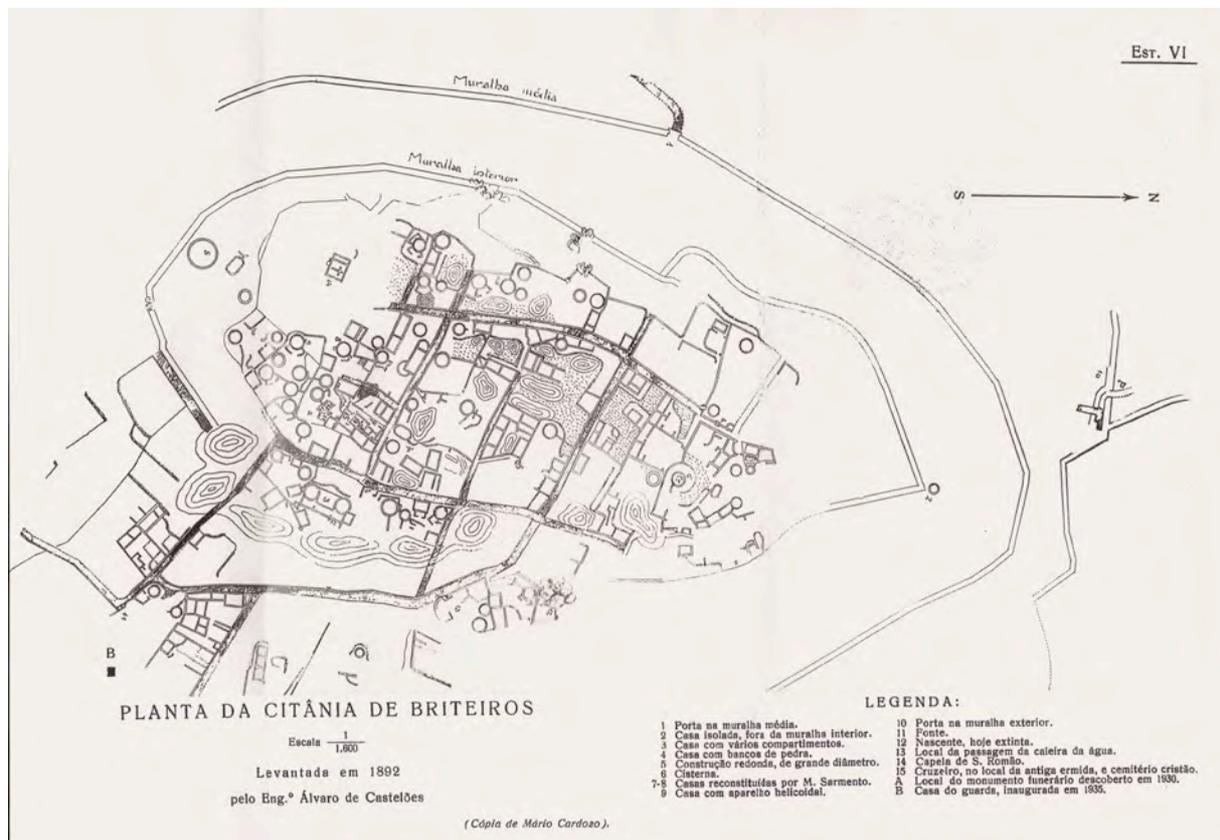
Porque só o actual Governo de José Sócrates com o Ministro da Ciência Mariano Gago, revogaram o ensino, da Pré-escolar à Universidade e foi-me dado ler hoje, Fim de Dezembro de 2010, do punho de Maria do Carmo Fonseca, da Faculdade, de Medicina da Universidade de Lisboa, Inst, Medicina Molecular, Prémio Fernando Pessoa 2010, a seguinte Mensagem de esperança:

~~~~~  
“Uma nova geração que tem professores cientistas vai desenvolver-se com uma visão, um espírito à criatividade que uma geração com professores de livro não tem. É isso que faz a diferença entre os países mais desenvolvidos e os Países menos desenvolvidos.”  
~~~~~

1.1 – SÍNTESE DA INVESTIGAÇÃO

“Se a civilização Grega nunca tivesse existido ... nunca nos teríamos tornado plenamente conscientes, o que significa que, para o melhor e para o pior, nunca nos teríamos tornado humanos.”
W. H. Auden

Notar que a Grécia Primitiva - IV Mil a 1200 a. C. foi a assimilação do auge e fim da “Creta Minóica” e da Atlântida, estas vindas de um abraço genético Afro-Euro-Ásiático, registado para todo o sempre, em ciclópicos monumentos que nos criaram a consciência do ser. (ver pag. 11 e seg.)



No prefácio do livro: *“Maat, Deusa do Amor Criador, símbolo Egípcio da Verdade”*, dizia: encontrei nos meus papéis uma fotocópia que tirei, há anos, do livro de Lima Freitas *“Pintar o Sete” Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda*. Da nota 14, pág 104, vou usar um pequeno extracto:

*“Sir J Norman Lockyer expôs as suas descobertas nos dois livros The Dawn Astronomy, que relata as investigações que levou a efeito no Templo de Amon-Ra, em Karnac, bem como outros templos egípcios, e Stonehenge and Other British Stone Monuments Astronomically Considered, publicados respectivamente em 1894 e 1906. Lockyer teve discípulos e continuadores nessa linha de estudos, designadamente nas pessoas do almirante Sommerville (autor de uma comunicação intitulada “Astronomical Indications in the Megalith Monument at Callanish”, publicada em 1912 ...
... ..*

“O Prof. Atkinson, que publicara trabalhos de arqueologia sobre Stonehenge encarregou-se de demolir os pontos de vista de Hawkins em dois artigos publicados em Nature e Antiquity (1966), a polémica generalizou-se.

... ..

*“Inesperadamente, o Prof. Fred Hoyle, um dos mais destacados astrónomos britânicos veio lançar todo o seu peso na balança a favor das teses do colega norte-americano. Depois de refazer os cálculos de Hawkins e dos ter encontrado correctos, o ilustre cosmógrafo de Cambridge confessou-se persuadido de que os construtores de Stonehenge tinham incluído intencionalmente no monumento as relações astronómicas descobertas, as quais denotavam alta capacidade intelectual; e concluía: **“deve ter sido obra de um verdadeiro Newton ou Einstein.”**”*

... .. Mas quando a datação pelo carbono radioactivo indicou de modo definitivo e os círculos megalíticos tinham sido construídos entre 2900 e 1200 a.C., o mundo ficou estupefacto.

... .. “Os círculos Megalíticos da Grã-bretanha e do Norte da França contam-se entre os primeiros observatórios da humanidade, segundo escreve Gerald S. Hawkins, autor de Stonehenge Decoded (1966), e provavelmente entre os calendários mais antigos.”....

Estamos, felizmente, perante uma interpretação científica, ao mais alto nível, de Stonehenge e do Megalitismo, que podemos considerar marco imorredoiro da mutação da Humanidade, Por intermédio dos Pelasgos-Atlantes, vindos do NW do Atlas para os Castros e Sardenha, colaborando com Egípcios e Gauleses, na exploração do estanho da Cornualha, ocorre singular aproximação de povos e conseqüente miscigenação.

“Os gauleses de grande estatura, pele branca e cabelos loiros, têm inteligência e são capazes de se instruir” Diodoro da Sicília. Com o lidar com os Pelasgos-Atantes, negros e com muitos pelos, os gauleses suavizaram a cor da pele e deixaram de ser tão loiros...

Sem nada saber de Antropologia, posso no entanto afirmar que, nos dias de hoje, de Norte a Sul de Portugal, ainda encontramos mulheres com pelos nas pernas e bigode, e tenho netos e filhos com abundantes pelos nos braços, pernas e peito...- e barba rija...(tal é a persistência deste genes). Por outro lado, tal como sucedeu na Creta Minóica, à maioria das nossas mulatas, espalhadas pelo Mundo, ainda podemos dizer:”Mais c’est une parisienne!”

Pouco tempo depois de colonizarem a Sardenha, nossos avoengos, navegam e conquistam Creta e o “Egeo-Pelasgo”. Da assimilação e miscigenação com as civilizações do Egípto, da Sumério-Ariana e outras legam, com a Grécia, que lhes sucedeu, o rico património da Proto-História da Europa, que é o da Humanidade.

A Civilização Egípcia, velha de trinta e tal séculos, sobre o despotismo dos Faraós, os representantes de Deus na Terra, com o Império Antigo, chegara ao fim da crença no misticismo. Tutankamon, ainda tenta, por pouco tempo, morreu jovem, considerar o Sol – Amon-Rá o verdadeiro deus do céu e da Terra; sua esposa, a bela Nefertiti, continuou a sua obra, e o mundo egípcio abarca ferverosamente o racionalismo e a ciência como alavanca motora da Humanização.

Assim, a Civilização Megalítica, tem em Stonehenge o elo de ligação entre as primeiras grandes civilizações do Neolítico Euro-Asiático e Africano, nomeadamente a Civilização Sumério-Ariana e Egípcia, assimiladas pela Creta Minóica, já considerada a Grécia Primitiva.

Dado a Arquitectura ser o parâmetro que melhor caracteriza o grau de evolução de um povo, podemos caracterizar a referida Mutação, levada a cabo pelos Pelasgos-Atlantes, dos Castros ao Mar Sardun, de Stonehenge, Sardenha ao Partenon, como Belo Património, da “Infância da Humanidade” que a Grécia herdou, estruturou e nos legou.

Sem toda a anterior filosofia já tínhamos chegado   conclusão de quem ergueu Stonehenge foram os engenheiros Egípcios, construtores das primeiras Pirâmides – ao túmulo subterrâneo do Fara o cresceram imponentes degraus de alvenaria, encimados por um bloco megal tico, f lico.

Não se trata pois de um isolado Einstein mas sim da engenharia e astronomia do único povo de então, que, naquela zona, tinha capacidade para erguer o Primeiro Observatório Astron mico do Mundo, onde as popula es poderiam comemorar as Festas das sementeira e da colheitas, das esta es do anos, dos equinócios e solstícios.

Começou assim o Natal do Solstício – o Sol no ponto mais afastado do Equador 21-22 Dezembro – Natal da Esperança, do crescer das ervas, do florir das fruteiras, do aproximar do Sol da Primavera, do datar um novo ano.

Estamos perante o primeiro grande marco da ciência e da arte no caminho da Humaniza o, definindo cientificamente a civiliza o Megalítica, a origem do poder da Sardenha, no mar Sardun e da , rumo   conquista da Creta que atingiu o auge com Minos e do Egeu Pelasgo, com a Atl ntida, atingindo o apogeu civilizacional no Mar Egeu e sendo pulverizada pelo gigantesco sismo de Santorini, c. 1200 a. C., com enorme Tsunami, que destruiu o Reino Hítita, atingindo ainda a Creta Minóica.

– Eliminando o Reino Hítita III e II Mil. a. C, criando os “sea peoples” “a terr vel serpente das montanhas” e as migra es destes povos para Ocidente: Cónios no Reino do Algarve (levando as açoteias, a língua e o recome o); os Tartessios entre os rios Anas e o B tis, povos que breve j  produziam e exportavam azeite, vinho e prata; os Tarraconenses, que beneficiaram na civiliza o a que chamaram Ibéria, pormenorizadamente a seguir descrita; os Etruscos que se fixaram nas nascentes do rio Iberus e l  continuam, e no Norte da Itália os Etruscos, que breve renovam a sua frota e desenvolvem a metalurgia e requintada arte em ouro e cobre –   a actual paradis ica zona da Toscana;   mesma latitude, **para Oriente, a malfadada Albânia dos ciganos, errantes como os Judeus, ambos sem miscigena o...**

Falta acrescentar os Dórios que com Pelasgos – atlantes e seus descendentes se fixaram no Sul de Itália e na Sicília, criaram poderosa frota mercante; associada ao renovado Porto do Pireu; enriqueceram, chamaram os melhores arquitectos de então e com a ajuda do J nio Pitágoras, que, vindo de uma larga estadia no Egito, criou uma Sociedade Esotérica destinada ao ensino da matemática, da astronomia e da música. Estes Dórios, vindos do frio das montanhas da Tessália, dos princípios a que obedecia a sua casa, rectangular e com duas águas, mandaram construir Palácios e Templos, com a Ordem Dórica da Arquitectura Grega, ainda hoje o maior Santuário desta Ordem.

Foi daqui que partiu, na procura do ouro e do estanho, a Sociedade que rumou   Cova da L , Belmonte, erguendo, no séc. VI a.C. a “Enigmática” Torre de Centum Celas e o Primitivo Templo Grego de Almofala, onde li os Preceitos da Ordem Dórica da Arquitectura Grega.

Ainda tenho de referir que, na data destas Migra es os J nios migraram, com Pelasgos e seus descendentes para a faixa da An t lia, donde saíram os H titas e, a partir do porto de Mileto – **ponto de encontro das rotas da seda e do Mediterrâneo, criaram, até ao mar Negro e para Sul, um rosário de cerca de oitenta cidades que prosperaram aderindo   civiliza o da cidade-estado de Atenas.**

Notar que é em Mileto que Tales de Mileto (640 – 548) cria a sua Escola, que deu lugar ao esplendor da Ciência e da Filosofia.

Num “ Cours d’Histoire” de que só tenho esta página, leio: “La Grèce Ancienne. Les Poèmes Homériques” Introduction. – Presqu’île resserrée entre la mer Ionienne et la mer Égée, la Grèce est un pays montagneux, morcelé, assez pauvre, mais tous enveloppé d’une atmosphère lumineuse, limpide et tiède.

C’est de Crète qui lui vint la civilisation, qui se développa d’abord en Argolide autour de Mycènes. Mais la civilisation Mycénienne fut ruinée par l’invasion des barbares doriens.

Le souvenir de ces temps anciens, mal connus des Grecs eux-mêmes, s’était conservé cependant para des légendes poétiques dont la plus célèbre se rapporte à la guerre de Troie. »

Também podemos acrescentar, sobre a rota da seda, que foi com o Imperador Huang-Ti, casado com Si-Ling, cerca de 2.700 a. C., que esta senhora inventou a seda.

Tinham o Palácio rodeado de amoreiras e, certa Primavera, as árvores ficaram subitamente sem folhas. O imperador pediu a Si-Ling para investigar, e...tal foi a sua determinação, que conseguiu tecer o fio do casulo – a seda.

Não é obra do acaso mas sim o desenvolvimento do espírito científico. O antecessor deste Imperador Chengue - Niu criara já a Agricultura e a Medicina;

A China não realizou só a grande e monumental muralha para se proteger da Cavalaria Mongol, o Imperador Xang-loo concebeu e realizou o Canal mais longo do mundo, com mil e quinhentos quilómetros, unindo os rios Huand ao Yangtse - Kiang, com o trabalho de três milhões e meio de trabalhadores. Fabuloso povo!

Há pouco tempo vi, na televisão, uma larga reportagem sobre a reconstituição na actual China de um programa sobre a reconstrução de todos os barcos à Vela da história, após a criação do referido canal. Nós também tivemos em todo o país, mas sobretudo à volta de Lisboa, um conjunto de cerca de meia centena de barcos, durante os milénios passados, mas pouco o divulgamos.

Detenhamo-nos um pouco neste ponto, pois num dos meus trabalhos, falando dos moinhos de maré existentes na Serra da Arrábida, onde Ulisses ancorou a sua armada de doze navios e em Terras da Azóia – terras isentas de ocupação humana, só povoadas de cabras selvagens – com todos os seus companheiros, caçaram, cearam e, no dia seguinte, descobrem na Hespérides dos pomos de ouro, no actual Terreiro do Paço, a gruta de Polifemo – gigante de um só olho, vivendo só com as suas cabras e ovelhas, que Ulisses e seus companheiros esperam, na gruta cheia de queijos e com farta lareira.

Aparecendo o tacanho Gigante, pegou em dois dos visitantes e esmaga-os contra a rocha. Sacia-se de carne humana, dorme de seguida e ressona. O astuto Ulisses aproxima-lhe o odre de vinho que traziam, ele bebeu, e o sono de Polifemo continuou profundo. Então, Ulisses toma um pau de oliveira que ardia, e com toda a sua força, espeta a ponta em brasa no olho de Polifemo, que salta uivando para fora da gruta. (Odisseia Canto IX, v 116-171)

Esta é a mais bela e brutal metáfora com que o genial Homero castiga a cegueira Humana e que José Saramago deve ter seguido no seu “Ensaio sobre a Cegueira”.

Ao tratar deste assunto, no trabalho **“Homero, a Cegueira de Polifemo nos Ciclopes, frente à azóia de Almada – O Estanho da Cornualha no nascer da Europa”** falei do interesse da abertura de um canal do Tejo – Montijo ao estuário do Sado, de grande interesse turístico e económico. Pensando que poderia sondar-se uma exploração de ouro e o material retirado servir a indústria cimenteira, que destrói fortemente a Serra, e, talvez, projectar uma Barragem de Marés.

Voltemos ao Egipto, cuja civilização e arte a Creta Minóica e a Atlântida assimilaram, ultrapassando-o no domínio da arte, segundo alguns peritos.

A história milenar do Egipto foi dividida em três grandes épocas: Império Antigo -2686 até às primeiras Pirâmides; Império Médio (2055-1650) Império Novo (1650-1069) – período do esplendor e das maiores Pirâmides.

Também concluímos que Albion, não significa o que dizem as Enciclopédias – neve nas colinas da Grã-Bertanha; é sim, a então cor da pele dos Gauleses:

“Os Gauleses são de grande estatura. São loiros e de olhos azuis,” Diodoro de Síclia
Chamaram-lhe Albinos para os distinguir dos negros Pelasgos-Atlantes, antes da miscegenação...

*Denominei **Tratado de Carnac** o encontro entre Egípcios, Gauleses e Pelasgos, para a exploração intensiva do estanho na Cornualha, c.2400 a.C.. O Egipto, não tendo jazidas de estanho, necessitava dele para o fabrico de picos e cinzéis, em bronze, para melhor aparelhar o granito das suas primeiras pirâmides - subterrâneas, prolongadas com degraus, encimadas com um menir fático; dos palácios e para o fabrico de armas.*

O testemunho de Guilherme de Eça Leal in “O Dilúvio de Quéops”, Ed. Livros Horizonte, Lisboa 1933, da Astronomia e da Matemática (Nº de Ouro e divina proporção), dá-nos duas centenas de páginas, com cálculos até à quinta casa decimal, utilizados pelos engenheiros egípcios.

Com o referido acordo, estes povos erguem o 1º Observatório Astronómico do mundo – Stonehenge c. 2.400 a.C. – nasce para a arquitectura o estilo trilítico: duas fortes colunas ao alto e uma outra como arquitrave - neste caso direccionadas às estrelas, equinócios e solstícios.

Nascia também a Civilização Megalítica, com os corredores de menires de Carnac, breve extensiva a todos os Anfiteatros de Verão Verde do Atlântico Norte, bafejados com a brisa marítima no Verão (“o sopro de Zéfiro”, que Ulisses detectou, c.séc XII na sua viagem à Hespérides); trata-se da Brisa Marítima, no que denominei Anfiteatros de Verão Verde, que faz com que a floresta e as culturas atinjam, nesta estação, valores máximos da sua capacidade genética.

Todo este conjunto histórico, sem dúvida, à volta de 2.400 a.C, na Idade do Cobre....

O Faraó de então ergue a sua Pirâmide e abre o Egipto ao mundo, na procura de estanho, de boas madeiras do Líbano, ouro, prata e pedras preciosas, que os seus sucessores acumulam em jóias, obras de arte, máscaras de ouro maciço, paredes de ouro, em pirâmides, palácios e túmulos megalíticos.

As elites dos nossos antiquíssimos avós Pelasgos-Atlantes, nos Castros, pensaram que, com a invenção do bronze, os seus picos e cinzéis podiam transformar, o melhor granito das suas serras em inesgotável fonte de matéria-prima. Com o bronze fazem cabeças de picos e de machados, objectos de arte e utensílios, erguem esta magnífica Citânia de Briteiros, a de Santa Tecla, La Guarda, Galiza, o Castro de Sabroso e muitos outros.

É obscura a história destes povos. Certo é que, uns tantos anos após o Tratado de Carnac, migram para Oriente – a marinha da Sardenha (Sardínia...) conquista Creta, Micenas, a ilha de Citera, a Sul de Micenas, e ilhas do Mar Egeu, onde erguem a cidade de Kastri, antes da chegada dos Aqueus.

Erguem, em Micenas, a colossal Porta dos Leões e o Tesouro de Atreu – túmulos de corredor e cúpula, idênticos aos que os seus ancestrais deixaram no Algarve e na Ibéria.

*Os Gregos, dos Pelasgos da Creta Minóica e da desaparecida Atlântida, assimilaram a nossa civilização. Tal como nós, Pelasgos-Atlantes, já havíamos assimilado e **superado** a arte Egípcia, e as civilizações Sumério-Ariana e a Indo-Ariana, esta de onde herdamos o Conselho dos Anciãos e, quiçá, do Sânscrito, **os Vedas – o saber por excelência e os Upanishades – o combate à ignorância pelo conhecimento do espírito.***

2

– NOVAS REVELAÇÕES

“Ah Portugueses! ... Se nós soubéssemos quem somos!!”

Almada Negreiros

O Tratado de Carnac traz ao mundo: Ordem, organização comunitária, talassocracia (poder marítimo), os clusters da lã, algodão e linho; fruticultura e alimentar; a vida do espírito (o nº de ouro e a divina proporção), a arte, a invenção e a poesia, com os expoentes maiores em Homero e nos eidos – designação grega para atingir a essência das coisas.

Os sentidos não são suficientes, é necessário um esforço intelectual para compreender. Toda esta expansão da Civilização Minóica, com domínio do mar, capaz de assimilar as civilizações vizinhas, transmitir-lhes conhecimento e relações comerciais; foi na Idade do Cobre que se desenvolveu, de forma exuberante a metalurgia do cobre, do ouro, do ferro, da construção naval, enriquecendo os povos e o comércio, em tempo de paz.

Hoje, meados de Junho de 2010, uma nova e surpreendente revelação lança mais credibilidade e luz na epopeia de nossos ancestrais avós Pelasgos – Atlantes.

Para esta Perspectiva Histórica a que eu chegara, com os trabalhos que nas primeiras páginas refiro, escritas ao correr da pena, e do progredir na investigação, este surpreendente conhecimento vem consolidar e esclarecer como foi possível aos Pelasgos – Atlantes o extraordinário e rápido contributo trazido, na Idade do Cobre, à Humanização da Espécie.

Esse conhecimento colhi-o, neste meados de Julho de 2010 e relato-o no dia em que foi a enterrar, com honras nacionais, o nosso Prémio Nobre da Literatura José Saramago, a que farei justa referência, pelo contributo dado ao País, pela projecção europeia, para um desejado renascimento, livre de crenças medievais. Devo, no entanto notar que o comunismo, de que o escritor era adepto, terminou com Den Xiao Ping, cerca de 1997, integrando a China na Comunidade Internacional.

*Na boa Biblioteca da Câmara Municipal de Oeiras colhi a informação de que a UNESCO tinha considerado Património Mundial as **“Pinturas Rupestres de Tassili N´Ajjer”** em pleno deserto, descoberta por um oficial do Governo Francês, que colonizou Marrocos e Argélia, contribuindo para o conhecimento dos seus povos. O arqueólogo que primeiro analisou o achado Henri Lhote, maravilhado com a sua extensão, revelou que entre as figuras estava a representação pictórica de **seis barcos idênticos aos usados no Nilo.***

Termina assim as suas notas do surpreendente achado:

...“É certo que não descobrimos a Atlântida, mas conseguimos uma coisa muito mais importante. Estamos em condições de demonstrar que desde o Neolítico, o Sara Central foi uma das mais importantes regiões habitadas da Pré-História. Há muito tempo atrás o deserto estava coberto de pastagens, povoado por inúmeras civilizações que são tudo menos uma lenda”.

Este Paleolítico, Património classificado pela UNESCO é do mesmo teor do recentemente encontrado do Vale de Foz-Côa, no Tejo, junto a Vila Velha de Ródão e mais tarde na Serra da Gardunha. É arte dos Pelasgos-Atlantes, mas com um atributo de grande interesse para a Perspectiva Histórica que desvendamos.

Foi da Sardenha, dominando o Mar Sardun que os Pelasgos-Atlantes conquistaram Creta que atingiu o esplendor com Minos, a Atlântida e o domínio do Egeu Pelasgo, certamente com barcos à vela parecidos com os dos Egípcios.

Mas donde terá vindo esse poder marítimo, em tão pouco espaço de tempo?

A resposta a esta falha de conhecimento é-me dada, quando Lhote descobre que os primeiros paralelos estilísticos com desenhos do Antigo Egipto.

Esta ligação parece sair ainda reforçada por meio do Cânone imaginético das culturas pastoris “argelinas”, após Lhote ter descoberto em Tassili N’Ajjer a representação pictórica de seis barcos idênticos aos utilizados no Nilo.

Os nossos Pelasgos-Atlantes, pastores, tinham contactos com a civilização egípcia, recebendo deles a maior dádiva, que veio a revelar-se, *ab aeterno*, uma das maiores conquistas do ser Humano: **o barco à vela**, capaz de enfrentar as fúrias do mar, aproveitando a energia dos ventos dominantes – logo encaminhando o homem para o conhecimento, para a racionalidade, para a arte de fazer barcos e, com eles, comerciar, contactar com outros povos, aprender que é da sua persistência, ordem no convívio e esforço comum que está o prazer de viver.

É curioso como esta determinação do nossos avós ancestrais os levou, para além da Creta Minóica e da Atlântida ao Megalítismo – atacando o granito das montanhas com ciclópicas portas das cidades, muralhas e os Nuragues da Sardenha, formando sistemas interligados de defesa - que os Pelasgos também implantaram em Corinto, como iremos referir.

A civilização dos Pelasgos-Atlantes têm os auspícios da milenar Civilização Egípcia, aprendendo a construção dos seus barcos à vela e o *ir pró mar*. Treinando, nas águas relativamente calmas de um Mar sem marés e, quando da ocupação dos Castros, ao longo do Atlântico, conheceram o encanto das bacias do Sul do Algarve, do Tejo-Sado, do Mondego, a vasta costa de Aveiro a Ovar, a foz do Douro e o esplendor da Foz do Minho – onde o companheiro de Ulisses, Diómedes, c. do sec. XII a.C. , encontra o complexo Castrejo de Santa Tecla e funda, na margem esquerda do rio, a cidade de Tyde, hoje Caminha.

É lindo recordar o passado e cumpre-nos a nós, hoje transmitir o pouco conhecimento que dele temos, numa maneira visual, com placas e registo em blocos megalíticos, como os nossos longínquos avós Pelasgos o fizeram, pondo fim a uma amnésia colectiva, sistemática que o seu Megalítismo, ciclópico, venceu.

É uma vergonha não conhecermos o que Homero e Ulisses nos quiseram transmitir, e toca as raias do inconcebível o não estar gravado no actual Terreiro do Paço, que deve passar a designar-se das Hespérides dos Pomos de Ouro e em letras grandes o nome lindo de Ulissipo e a sua razão de ser.

Perante a fabulosa maestria destes bronzes da Sardenha, com domínio naval no denominado Mar Sardun, que Shulten e arqueólogos da sua época já haviam assinalado, como noutro lado refiro, temos de nos curvar.

Procurei no Languedoque, onde vivi e existem mais de meia dúzia de dialectos. Acabei por consultar o Dicionário Enciclopédia da Lello, dois volumes.

“Sardenha ...”Capital Cagliari, em português Calaris, porto da Sardenha, separada da Itália pelo mar Tirreno e da Córsega por um estreito... muito fértil em minérios... os habitantes são de uma raça muito pura, descendem dos Iberos.”

Tinha encontrado o elo que faltava no somatório de conjuntos de matrizes inovadoras no espaço e no tempo da nossa Proto-História, que é a Proto-História da Europa e, segundo um director da UNESCO, a Proto-História do Mundo.

Os nuragues, as primeiras rústicas pirâmides, o nascer do Megalitismo, que Stonehenge e corredor de menires de Carnac, conciliou, foram levados pelos Pelasgos-Atlantes da Sardenha para a Creta Minóica, para o Egeo- Pelasgo.

Procurei mais dados sobre a história da Sardenha. Encontrei-os na *Enciclopédia Mirador Internacional Ed. Enciclopédia Britânica do Brasil, Pub. L^a ; São Paulo – Rio de Janeiro, 1980.*

“Sardenha – os primeiros habitantes parecem derivar de um ramo de origem paleo-mediterrâneo, talvez aparentado aos primitivos grupos da Península Ibérica.” „, „ “ mantendo relações comerciais com a Ibéria e com a Itália, para onde exportavam obsidiana.”

...” Os dólmenes e os menires deveriam preencher a função de santuários e de túmulos. A cerâmica do período apresenta formas e decorações variadas, por vezes com nítida influência Ibérica. A sua exploração económica ligava-se principalmente à exploração das minas e a uma agricultura intensiva. Seus traços característicos são os grandes monumentos megalíticos (nuragues) espalhados por toda a ilha, formando por vezes um sistema interligado de defesa.”

(Giara di Gesturi)

...” O nurague forma um conjunto arquitectónico dominado por uma grande torre de pedra em forma de cone truncado, com câmaras circulares sobrepostas de tectos em forma de cúpula, unidos por uma escada em espiral, bastiões e torrinhas, corredores, câmaras, circulares e cisternas. Além da sua finalidade defensiva, os nuragues, possivelmente serviam também como castelos aos chefes do clã, sendo ao mesmo tempo depósitos, fundições e lugares de culto.”

...” A arquitectura funerária assume proporções fundamentais nas “tumbas dos gigantes” onde são encontradas estatuetas votivas, mormente guerreiros, mulheres, animais, alguns seres mitológicos e pequenos modelos de navios ou de edifícios, Essas esculturas pelos seus traços naturalistas, denotam uma civilização guerreira mantida por uma rígida disciplina militar e religiosa.”

O curioso dos **nuragues da Sardenha** está no facto de, acompanhado de uma bela gravura megalítica, **ver que também foram implantados pelos Pelasgos em Corinto.**

“Galeria oriental da cidadela da acrópole de Tirinto. As grandes muralhas de Tirinto, conservam-se em toda a sua extensão. Contam com escadas secretas, grandes torres e bastiões de até quinze metros de altura. O interior da galeria está coberto por falsas abóbadas realizadas por aproximação de fileiras”

In “História Universal” – Antiguidade: Ásia e África. Os Primeiros Gregos; “ Salvat. Público” Lisboa 2005

Consultei o “*Dictionnaire Alphabétique et Analogique de la Langue Française ; Soc. Du nouveaux Littré Le Robert Paris XI, 1981. (ouvrage couronné par L’Académie Française).*”

Diz-nos :« (gr. **Pelasgos**), nom de peuple.

Pelagien ou Pélasgique :Relatif aux Pélasges, nom sous lequel ont désigne un peuple mal connue de l’antiquité préhellénique.

- **Archéol. – mur pélasgique : murailles, construction de Grèce et d’Italie qu’on attribuait aux Pelasges et qui sont les vestiges de diverses civilisations préhelléniques.**
- **V. Cyclopeen.**
-
- **« Les monuments Pélagiques sont construit en blocs de pierres énormes plus ou moins dégrossis assembles sans mortier. »**

3

– “Manual da Civilização Grega, Nova Acrópole”

Para que não nos restem quaisquer dúvidas de que a nossa brilhante Proto-História foi racionalmente assimilada pelo “modo grego de pensar” e pela Grécia do Partenon, como símbolo maior da filosofia Grega e da Humanização, vamos referir o que nos diz o **“Manual da Civilização Grega, da Nova Acrópole, 2º Ed. 1983.**

Manual realizado por uma equipa de investigadores de **Nova Acrópole**, dirigida pelos professores Eduardo Amarante e Françoise Terseur.

- p. 3 apresenta CRONOLOGIA:

“A Grécia Primitiva – (IV Milénio - séc. VIII a. C.): * Três grandes Centros de Civilização: Anatólia (Tróia) - Creta (arte Minóica, 1700-1450) - Grécia Continental (arte Micénica, séc XV-XIII) .

C. 1280: Destruição de Tróia pelos Gregos Séc. XII - VIII: Invasão Dórica; fuga dos gregos para a Ásia (Jónia)”*

Ligeira correcção: Quem ergueu a Porta dos Leões de Micenas, à imagem e semelhança de Stonehenge – dois menires ao alto e, por arquitrave, uma lage pesando cerca de vinte toneladas, encimada por um nicho triangular, com dois pequenos leões em pé, frente a frente; transmitindo a falsa cúpula o peso das paredes para a verticalidade dos menires, – foram os Pelasgos Atlantes; o mesmo sucedeu com o Tesouro de Atreu, à imagem e semelhança de tais túmulos de corredor e cúpula, construídos séculos antes no Alentejo e Algarve.

Na fuga dos Gregos para Mileto, porto de encontro das rotas do Mediterrâneo e a da Seda os Jónios foram acompanhados de muitos Pelasgos e mestiços, criaram ao longo do Egeu, rumo ao Mar Negro e para Sul um rosário de oitenta prósperas cidades. Notar que foi nos arredores de Mileto que Talles de Mileto criou a sua Escola e com ela o início metódico das ciências.

De referir também que nesta faixa, que deu alma à civilização da Cidade - Estado Atenas, nasceu, c. séc. VIII a. C., o Jónio-Pelasgo Homero, a que faremos referência pormenorizada.

“A Grécia Arcáica – (séc. VIII – 478 a.C.) Regime de cidades. Duas cidades predominam: – Esparta, dórica: regime aristocrático (Agéllisas, Licurgo) Atenas, Jónica: regime democrático (Sólon, Pisistrato, Clístenes) – Colonização Grega à volta do Mediterrâneo.

... ..

*“A Grécia Clássica (478 – 323 a.C.) * 478 -431 – Hegemonia Ateniense. Confederação Ateniense “443 - 429 – Péricles. Apogeu da civilização Ateniense; 431 – 407 – Guerra do Peloponeso. Desmembramento da Confederação.*

... ..

No seguimento de um Capitulo dedicado à Sociologia da Arte refere:

“O Período Geométrico

“disciplinando, pouco a pouco, sob a forma linear e circular, com o aparecimento da espiral, ligada às ondas do espaço e à energia telúrica, e das deusas mães em argila, de formas proeminentes, que evidenciam um desejo de manifestação e de fecundação.. A fase Geométrica – Caos – é um mundo elementar de gestação, do qual irá nascer a na futura semente da civilização.”

“Período Arcaico

Tendo surgido a impulsão da vida durante a primeira fase, esta vai tornar-se receptiva à penetração de um elemento organizativo e ordenado, que a estruturará. Esta passagem do Caos ao Theos far-se-á a partir do exterior, graças ao contributo de Civilizações mais evoluídas, tais como Creta, Fenícia, Egípto e Mesopotâmia Theos representa o Princípio Inteligível, aquele que diferencia e organiza.”

“Período Clássico

... .. Tudo se exterioriza. É a eclosão da vida e da luz num movimento libertador....É a idade de ouro de Péricles. Nesta época a Grécia é o foco de inspiração do Ocidente.

Período Pós-Clássico.

A Grécia enceta o seu declínio. ...

Período Eneolítico:

“O Sul da Península Balcânica e as Ilhas Cíclades, no mar Egeu, haviam tido uma longa história antes das primeiras invasões. Da Tessália ao Irão, da Anatólia ao Chipre, estendia-se o domínio de uma comunidade mediterrânica, Pré-Ariana e Pré-Semíta, os PELASGOS”

Tinham como característica comum as construções funerárias em forma de matriz, a inumação, os cultos dedicados à Deusa-Mãe, os edifícios circulares. A cerâmica, de desenhos lineares vermelhos sobre fundo branco, era elaborada à mão.”

“Idade do Bronze Antigo

“Surge a metalurgia; aparecimento de centros civilizados, tais como Tróia I, na Anatólia. Estes centros estendiam-se desde a Grécia Continental até às ilhas Cíclades, e viriam a ser o núcleo de uma brilhante cultura. Influenciada por Creta e pelos contactos com outros povos da bacia do Mediterrâneo (Trácia, Frígia, etc.), a arte deste período é uma alternância de cálculos e sensações. Os ídolos, em mármore liso, estilizados, são de uma frescura e simplicidade que acusa uma procura aprofundada da estética. O gosto pela proporção e harmonia está presente em cada tentativa, e exprime uma grande sensibilidade face à vida e à natureza. A arte das Cíclades recorda-nos a arte rupestre do paleolítico europeu. Aí, encontramos a mesma riqueza pictural e a extrema simplicidade de formas, que em nada correspondem à ideia que se faz do homem rústico da idade das cavernas

(ao lado ilustra a página a cabeça humana estilizada, com pescoço no gosto de estilização que terão inspirado Modigliani e Picasso...)

“Civilização Cretense

“O aparecimento da Civilização Cretense continua a ser um enigma para a História, pois que, quando a Europa não saíra ainda do período neolítico já Creta vivia os primeiros momentos de uma civilização sofisticada e pacífica. Datar as primeiras construções e vestígios de Creta torna-se difícil, pois que embora a sua história comece a partir do segundo Milénio esta região foi abalada por vários terremotos. Os primeiros palácios de Cnossos, Phaistos, Mallia e Zarco (2.000 a.C.) eram edifícios monumentais. De forma rectangular, as salas e os corredores estendiam-se no infinito, à volta de um pátio central; a decoração, no interior era muito requintada. As paredes, de estuque vermelho, estavam pintadas de frescos com ornamentações florais, de uma grande delicadeza e de uma policromia inigualável.

“As cidades comportavam construções de pedra e de tijolo, que podiam elevar-se em dois ou três andares; as janelas eram feitas de pergaminho oleoso.

“Em 1750 a.C. foi a catástrofe. Tudo desabou sob terríveis incêndios, para renascer logo em seguida, quase sem rotura. É o reinado de Minos e o apogeu de Creta. Data deste período o aparecimento da escrita em tábuas de argila, chamada Linear A. Estas, em forma de disco, comportam aproximadamente 90 signos.”

“É esta Creta de Minos que será lembrada pelos gregos, através do mito sobre o labirinto do Minotauro.”

Ladeando a página o *machado de dois gumes – a acha*, de dois gumes, significa labores e o Disco, em espiral, representativo da escrita Linear A.

Na página seguinte, continuando a Creta Minóica, três belas ilustrações. A primeira mostra-nos a Arquitectura Minóica: majestosas colunas de madeira pintada, suportando harmonicamente largas arquitraves, ornadas geometricamente, sobre grossas paredes de granito; embelezadas com U pontiagudo – arte abstracta lembrando os cornos do touro.

A segunda imagem mostra-nos a célebre Mãe-Negra, empunhando uma cobra em cada mão, e seios nus suportados por vistoso corpete, avental geometricamente ornamentado sobre discreta saia – em discos crescentes, tronco-cónicos.

A terceira, um disco circular mostrando um acrobata saltando paralelo ao dorso de um touro, braços à frente tocando as pontas dos largos cornos do touro.

E o texto: “Cnossos será a capital dos reis Minóicos. Admirada pela sua arquitectura, pelas suas instalações sanitárias, os seus centros hidráulicos, e ele será também um centro religioso ligado aos cultos solares. “A “acha” tornou-se o glifo cretense. “acha” significa labor (latim: labore): apresenta dois gumes, que simbolizam o trabalho interno e o trabalho externo do homem (visível e invisível). “Labor” dará nascimento ao labirinto do rei Minos, assim como ao mito de Teseu. Encontramos aí, também, cultos ligados ao touro, à tauro-catapsia, assim como numerosas representações de chifres (a dualidade lunar, também representada nas estatuetas dos deuses envoltos em serpentes).”

“O próprio Minos é um enigma. Pode representar toda uma dinastia de reis-sacerdotes, como Mene no Antigo-Egipto, Manu na Índia e Mitra na Pérsia.”

“Cerca de 1500 a. C., vários sismos abatem-se sobre Creta. É a destruição da ilha de Thera. Cnossos, pouco atingida, sofre, no entanto, uma súbita mudança. Vestígios Creto-Micénicos são perceptíveis na escrita Linear B. Uma dinastia Aqueia estabelece-se em Cnossos. Creta enfraquece-se. Nota-se, através das Tábuas, uma administração mais centralizada e mais autoritária.

(Ulisses astuto, de regresso a Itaca, ausente há vinte aos (dez anos na Guerra de Tróia e outros dez na ida à Hespérides dos pomos de ouro – Olissipo - e regresso), fazendo-se passar por caminheiro, conta a sua mulher que vira o seu marido em Creta, onde a tempestade o fez aportar. (ver Homero, Odisseia, Canto XIX ; v. 170 e Seg.)

É fidedigna esta interpretação histórica, que só falha nalgumas datas. Sobre este problema de datas diremos que foram e continuam a ser várias e por vezes violentíssimas as erupções do Santorini.

Em Junho de 2008, tivemos notícia de que o Director do Laboratório de Matemática e Física da Universidade de Rockefeller, N.Y. prof. Marcelo Magnasco, a partir de quatro acontecimentos astronómicos e do eclipse que Homero registou, quando da matança dos pretendentes de Ulisses; esse acontecimento foi a 16 de Abril de 1178 a.C. E conclui o distinto prof. : “Se considerarmos como exacto o acontecimento da matança dos pretendentes, poderemos deduzir que todos os acontecimentos descritos na Odisseia são historicamente exactos “Publicado na Revista Proceedings of the National Academy of Science. PNAS.”

Temos, assim, uma data em que podemos confiar. Uma outra é a da batalha pela posse de Kadesh entre Ramsés II e o Imperador Hítita, em 1275 a. C., profusamente gravada nos frescos do Templo de Karnac, que o dito Faraó mandou erguer.

Com estes dados, e aturado estudo, pude concluir, com a Odisseia de Homero, que a viagem de Ulisses à Hespérides dos Pomos de ouro se realizou cerca de dez anos antes de 1178 a. C. – e como Ulisses já encontrou, cerca de Olissipo, o Palácio do rei Alcino - descrito pormenorizadamente no Canto VII de qualquer Odisseia, assim:

Após pormenorizada descrição do bronze das paredes, das colunas de prata e do ouro das portas e ferragens do Palácio de Alcino à imagem e semelhança dos Palácios Minóicos, no Canto VII, v.85 e seg. Homero descreve-nos:

“No quintal do Palácio tem Alcino cinquenta servas/ Umas moendo cereais em pequenos moinhos; / outras fiando lã, que tingem e dão para o tear:/. E duma manta de linho, já moída, da azeitona escorre o loiro Azeite.” Interpretação livre do Canto VII v, 103 e seg., seguindo-se a descrição do pomar, da vinha e das laranjeiras em flor, mas também ainda com frutos maduros, numa exuberância vegetal que a brisa marítima dá, no Verão às Hespérides – dos pomos de ouro ...

Esta Hespérides situava-se no actual Terreiro do Paço, e ia até para lá de Sete Rios, outras há, ainda hoje, nas redondezas, com destaque para Sintra. Ver mapa Espagne Ancienne, com as etapas da vinda de Ulisses ao estuário do Tejo, a almejada Angra de Ulisses, onde o Tejo se faz ao mar, Canto V, v. 425 e seg.; ver os dois primeiros trabalhos que sobre o assunto publiquei, na 1ª p. referidos. Com estes dados podemos, com segurança, inferir que a viagem de Ulisses às Hespérides dos Pomos de ouro, *no Mar Oceano que circunda toda a Terra*, foi posterior à Migração dos Cónios, Túrdulos e Tartessos; e como Ulisses, no regresso a Ítaca, devido ao mau tempo, aportou a Creta,

“Já com Aqueus, magnânimos Cretenses autênticos, Cidónios, Dórios divididos em três grupos e divinos Pelasgos. Destas cidades há uma, Cnossos: é grande e nela reinou Minos, interlocutor do Grande Zeus, desde os nove anos. Foi ele o pai de meu pai. O magnânimo Deucalião “

...in Homero-Odisseia; tradução de Frederico Lourenço; Livros Cotovia. Canto XIX v. 172 e seg.

Com esta rigorosa data da viagem de Ulisses, ficamos a saber que das várias erupções do Santorini, aquela maior, que pulverizou a Atlântida, cujo Tsunami acabou com a Creta Minóica, com o Reino Hitita séc XIII-séc. XII, fomentou os séculos obscuros, com o caos na região: os “sea peoples” “a terrível serpente das montanhas”, coincidindo com o surgimento explosivo dos Dórios, que acabam por conquistar o Sul da Itália e a Sicília; onde Pitágoras, Jónio, vindo do Egipto, se refugiou em Cretona – dando lugar à Ordem Dórica da Arquitectura Grega.

Podemos, assim, logicamente concluir que a data de todos estes notáveis acontecimentos foi c. 1200 a.C. após a explosão do Santorini que pulverizou a Atlântida, salvando-se as açoteias na montanha inamovida, ao lado – a casa com terraço em garridos tons de azul e branco, onde secavam o peixe a roupa e apanhavam a fresca do por do sol, trepando pelas encostas; vendo as tonalidades do azul do mar do nascer ao pôr do Sol - no Santorini que ficou. Convém acrescentar que foram os Cónios, que então migraram para o Algarve, que aí e no Baixo Alentejo elegeram este tipo de construção, para secar o peixe, a alfarroba e os figos, ao abrigo dos cães e das poeiras da rua.

As açoteias construídas, encosta acima, têm ainda outras virtudes: seguram o terreno, beneficiam durante todo o ano da temperatura do solo, têm maior visibilidade e o ar mais puro.

Hoje, meados de Janeiro de 2011, ao receber notícias do deslocamento de terras em diversas cidades do Brasil, cerca do Rio de Janeiro, arrastando bairros, favelas e parte de cidades - construções a esmo lembro as açoteias de Santorini trepando por morros ainda mais escavados, mas tendo o rés-do-chão bem escavado na encosta, segurando-a, com rua atrás com porta para o primeiro andar. Espero que o Brasil trace novas cidades e não cometa os erros que Jorge jardim cometeu, durante uns trinta anos, na Madeira, tocando rabeção, sem nada saber desta música.

4

– A MITOLOGIA QUE TAMBÉM IGNORÁMOS

“A Lógica nada consegue sem a ajuda da intuição e a intuição é o instrumento essencial do pensamento matemático”

A mente é o entendimento que os nossos neurónios e axiónios constroem tornando-se consciente com o que António Damásio denomina proto-eu.

Neste proto-eu desempenhou papel de relevo o Mito, e é com júbilo, que no caso vertente da Creta-Minóica, podemos com ele contar nesta união genética e cultural Afro-Euro-Asiática.

Hércules, filho de Júpiter, é o mais célebre herói da Mitologia Grega, tendo num acesso de loucura assassinado sua mulher e os filhos. Foi castigado por seu irmão com “Os doze anos de trabalhos de Hércules”:

1º – Estrangular o leão de Nemeia.

... ..

11º – Roubar os Pomos de ouro do Jardim das Hespérides.

Os mitos são, na origem da Humanização, a revelação de uma nova visão do Mundo. T.S. Eliot (1819-1889) , com fundo ético de ateísmo racional, diz-nos “ O Mito... é apenas uma maneira de controlar, ordenar e dar forma e significado ao imenso panorama de futilidades e anarquia que é a história contemporânea.”

“ A realidade é demasiado complicada, existem demasiadas coisas... têm de se encontrar modelos que permitam separar o que é importante do que não o é. E todo este processo de selecção, chamemos-lhe assim, é o que os mitos têm feito ao longo de gerações. O modelo pode não ser muito ameaçador, pode até de alguma forma assustador, mas é satisfatório, porque é melhor que o caos. “

G. Lloyd

Na criação do Mundo, ATLAS, irmão de Prometeu, foi condenado a suportar às costas para sempre / O cruel peso do Mundo esmagador / E a abobada do Céu/ Que mantêm separados a Terra e o Céu / Um peso difícil de suportar.

Foi nesta Cordilheira do Atlas que os Pelasgos-Atlantes gravaram nas suas pinturas rupestres, a imagem dos primeiros barcos à vela Egípcios, partindo séculos depois para a aventura da Sardenha e, daí, para o “Egeo – Pelasgo”.

O Mito Europa foi codificado por Freud como uma história do inconsciente e anos depois Gustavo Jung (1875-1961) olha o Mito de modo diferente. Pintores célebres como Pesto pinta a Europa como “desejo”. C. 340 a.C.; Pierre Gobert, séc. XVIII, num quadro de belo colorido, a Europa, no dorso do touro, segura a um dos cornos, rodeada pelas três amigas que com ela apanhavam jacintos, com requinte, mostra a sua arte.

O Mito, tal como a Metáfora, é uma síntese do importante, interactiva, que concentra o nosso pensamento; a intuição é a percepção de factos complexos, indo ao seu âmago.

A Mitologia Grega era então a única fonte lançando alguma luz sobre a proto-história, falando-nos do que hoje sabemos: os Pelasgos da Sardenha colonizando Creta e o mar Egeu, dando origem aos primitivos Gregos com uma profusa miscigenação.

Como nos sentimos felizes ao saber que diversos pintores famosos, em várias épocas, pintaram o Mito da Europa, "*a maior aventura do mundo*", dando melhor luz à caminhada da humanização.

"Europa", filha do rei de Sidon, por quem Zeus, atingido por um raio do travesso Cúpido, se apaixonou, passeava com suas amigas colhendo flores, já com a sua cestinha de ouro cheia de narcisos de suave aroma, jacintos, açafraão e rubras rosas silvestres.

.... ...

"Zeus, surpreendido e cauteloso, transforma-se num dócil touro, belo, aproximando-se meigo, que Europa acaricia e ele a seus pés se ajoelha.

"Por certo ele quer que o montemos! Tão dócil, encantador e belo que é. Nem parece um touro. Dir-se-ia um deus, homem verdadeiro, só lhe falta falar."

Europa, sorridente, acomoda-se, segurando-se bem. O Touro, astuto e determinado, dispara rumo ao mar.

"Enfunaram-se as ondas profundas, como velas de um barco e, sempre assim, suavemente a levaram sobre o mar."

... ...

Não era um touro, acreditou ser um deus que a levou para a ilha de Creta, onde foi mãe de Minos, Sarpedão e Radarinhanto. "Filhos gloriosos cujos ceptros dominarão todos os homens da Terra, irmã do mar".

In "A Mitologia" de Edith Hamilton, Ed. Publicações Dom Quixote" Lisboa, 1991,

A vontade de Zeus vingou, a Europa viu a sua história em belas pinturas tão belas como os frescos da Creta Minóica.

Devo, no entanto, acrescentar a minha decepção ao ler na pág. 112 o Mito: "O Ciclope Polifemo": aludindo a autora que a primeira parte desta história remonta à Odisseia; a segunda é contada por Teócrito, poeta alexandrino do sec.III; a última parte só poderia ter sido escrita pelo poeta satírico Luciano, no séc. II da era cristã.

"Pelo menos mil anos medeiam entre o começo e o fim deste conto. O vigoroso poder narrativo de Homero, as belas fantasias de Teócrito e o cinismo elegante de Luciano são facetas, todas elas em grau diferente, que ilustram bem o curso da literatura grega. "

"Quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto", mas os acrescentos de Teócrito e de Luciano nada têm a ver com a Mitologia Grega e Polifemo é uma forte metáfora (Canto IX, v.180 e seg.), que Homero situa na Hespérides dos Pomos de ouro, que então ia do actual Terreiro do Paço a Sete Rios, na actual cidade de Lisboa, na Olissipo.

..... que, na realidade, Ulisses visitou, com os Pelasgos-Atlantes, retornados: (Cónios, Tartéssios e Túrdulos, que Homero também designa por Cíclopes).

Temos de, sempre, separar o trigo do joio, com factos racionalmente confirmados.

A Mitologia voltou a ter papel de relevo na formação da consciência ocidental a partir do Renascimento. "*Il canzoniere*" de Petrarca... a Erasmo.

5

“SOMOS TODOS DE UMA GRANDE FAMÍLIA QUE COMEÇOU EM ÁFRICA”

Spencer Wells

TOUTES CHOSES VIENNENT DE LA TERRE,

et c'est dans la terre
que toute chose finissent.

Toutes choses qui naissent et croissent
Sont la terre et l'eau.

Et l'eau dégoutte dans certaines cavernes...

Xénophanes de Colophon

Muitos arqueólogos e historiadores só parcialmente se debruçam, cada um na sua especialidade, sem pensarem que, no caso concreto, todos aqueles séculos de reduzida informação, tiveram como causa primeira a colossal explosão do Santorini – talvez também o grande responsável pela ignorância que até hoje tivemos da nossa Proto-História que, com a ajuda da Grécia, dela natural herdeira, foi a proto-história da Humanidade.

Os nossos ancestrais avós Pelasgos-Atlantes tiveram a sorte de contactar com os Egípcios que os ensinou a navegar, e a utilizar o granito nas suas construções; assimilaram, dos milénios de História do Egipto e da primeira civilização do mundo – a Sumério-Ariana, já peritos no manuseio do cobre, do ouro, da seda, como o demonstra a Rainha de Ur, Shubad, exumada por Wolley nos lodos do Dilúvio, em 1926.

Adiante, referiremos esta alma que o cobre deu à Humanização, que os nossos Pelásgos-Atlantes souberam aproveitar. E, como introdução à tese que defendo, uma científica contribuição para suplantar o torpor dos nossos arqueólogos, antropólogos e historiadores.

A “*National Geographic*”, em parceria com a IBM e com a Fundação da Família Waytt, tem um projecto, coordenado por Spencer Wells e constituído por numerosas equipas e instituições, que a nível mundial analisam o ADN de povos nativos, visando traçar a árvore genealógica do ser humano.

A nossa Proto-História – do agregado populacional dos Pelasgos-Atlantes, dos Castros, da Sardenha e do Mar Egeu, **denominados por Homero como “Os divinos Pelasgos”**(**Odisséia-Canto XIX v. 177**) dando o mais fascinante contributo para à humanização da espécie, na Idade do Cobre – devia merecer particular cuidado, pois começámos como os nossos avós negros que no Atlas imprimiram na rocha, as primeiras pinturas rupestres, já com o barco à vela em destaque e, com a miscigenação, já nos Palácios Minóicos, ornando as paredes com painéis, com frisos de belas moçoilas, de coloridos tecidos, sedas e sorrisos tais que um arqueólogo francês, ao contemplar um desses painéis, descobertos no ano setenta do passado século, exclamou : **“Mais c’est une Parisienne!”**

O Prof Spencer Wells, no caso português, além de Pelasgos que, descendentes dos Cónios, Túrdulos e Tartessos somos, pode aqui, neste Portugal de hoje, encontrar de Norte a Sul mulheres com pelos nas pernas e bigode; nos homens, como nos ex Pelasgos retornados da bela Campania de hoje (Etruscos), homens de abundantes pelo negros no peito, braços e pernas, com usos, costumes, clusters e língua da Creta Minóica.

E mais: por todos os continentes e países que o português colonizou, lá encontra mulheres lindas, belas mulatas. Neste iniciar de século estão emigradas no nosso País milhares de Cabo-verdianas, Angolanas, Moçambicanas, Guineenses, Goesas. Lindas mulheres, mulatinhas de esbeltos corpos, por vezes, com a idade, de ancas mais adiposas. No século passado, as empregadas doméstica cabo-verdianas da cidade de Milão tinham já um sindicato privativo...

Também me interessa provar, por a+b, que foi a mulher, como mãe e esposa, com a sua inteligência e devoção, mais nos educou, orientando a labuta do dia a dia, como matriarca, sendo depois ofendida no seu ser pelas fés Católicas Apostólicas Romanas e Maometanas.

Quem sou eu ...

Um ancião, com oitenta e oito anos, tendo criado oito filhos e com uma boa e variada experiência da vida, em dois continentes.

Escrevi a meia dúzia de trabalhos acima referidos, ao correr da pena, no espaço de pouco mais de um ano. Após, regressado de Angola em 1976, ter investigado a “Enigmática” Torre de Centum Celas e o Primitivo Templo Grego de Almofala, onde li os Preceitos da Ordem Dórica da Arquitectura Grega, com o número de ouro e a Divina Proporção (Phy = 1,618...). Julgo de interesse referir alguns traços do meu percurso:

Fiz dois anos do Instituto Superior Técnico e um ano no Instituto de Toulouse, tendo abandonado os estudos, por doença de ordem neurológica; fiz-me lavrador e publiquei o semanário o Zêzere, na cidade da Covilhã, com insucesso em ambas actividades.

Em França nasceu o meu primeiro filho e conheci bem o departamento à volta de Toulouse, os albigenses e a Aquilândia.

Parti para Angola em 1950, onde permaneci um quarto de século, sempre ligado à Meteorologia, e à Energia Solar, colaborando com as Faculdades de Agronomia e de Veterinária, tendo para elas redigido as folhas da cadeira: (“Introdução à Climatologia”).

Convidado a ingressar no Instituto de Investigação de Angola, em Nova Lisboa, pelo prof Doutor Tomaz Moreira, montamos uma rede de Estações Meteorológicas em todas as capitais de Distrito da então Província, com análise dos dados colhidos e Boletim Mensal.

Na parte da tarde e noite, fui professor de Matemática e Física da Secção Preparatória para admissão aos Institutos Industriais, durante uma dúzia de anos; exercendo o jornalismo de divulgação científica, no Jornal “a Província de Angola”, durante meia dúzia de anos.

Em Nova Lisboa dediquei-me também ao fabrico de adobos, com latrites seleccionas, tendo construído um edifício que funcionou como Centro de Saúde, num bairro periférico, e um bairro residencial, totalmente em adobos, na vila da Caála.

De regresso a Portugal, criei, na Estação Agronómica de Oeiras, um Sector de secagem de frutos por intermédio da energia solar, tendo registado a patente de um Secador Solar; e outro Sector de transformação de lixos e resíduos celulósicos, por intermédio de minhocas; sobre estes assuntos apresentei, com colaboradores ou individualmente, vários trabalhos em diversos congressos da especialidade.

Fui hortelão amador toda a vida e em todas as cidades onde residi; em Paço de Arcos, durante trinta anos, até aos meus oitenta e cinco, tendo apresentado este tema, “small is beautiful”, em diversos congressos.

Desculpem estes dados biográficos, para vos dizer que vivi intensamente junto da investigação científica e da **comunidade negra angolana**, – tema que tratarei com algum pormenor. Com minha mulher, criamos oito filhos, que singraram na vida.

Assim, desenvolvi o feixe de axiónios e neurónios, adquirindo boa destreza e capacidade de discernimento consciente, sendo eles a alumiar caminhos, rumo ao racionalismo, a uma ética ambiental que nos proporcione ordem e harmonia, na Verdade do conhecimento.

Eles, neurónios e axiónios, no final de uma vida, caminhando para perto de um século, fizeram-me investigador, procurando condições de relação entre o património material e espiritual herdado pela Natureza humana e um rol de eruditos e criadores, que sobre ela se debruçaram.

O investigador não é, obrigatoriamente, um erudito, procura sim, com o Método que Descartes e outros ensinaram, a luz da verdade.

No entanto, António Damásio, célebre neurologista do Departamento de Neurologia da Universidade de IOWA e professor no Salk Institute, pronunciou-se sobre o “O ERRO DE DESCARTES” afirmando que a máxima de Descartes “Penso, logo existo” devia ser substituída por **“Existo e por isso posso pensar”**.

Escudo-me no dizer do Prof. Doutor Alexandre Quintanilha:

“Sempre achei que aquilo que de mais importante se aprende na vida não é na Universidade que se aprende. **Aprende-se fazendo**”... “Para alguém trabalhar numa determinada área, não precisa de ser especialista, tem é que ter muito interesse por ela e tudo o que já aprendeu pode vir a ser-lhe muito útil.”

Sim, mas o contacto com a Universidade e o conteúdo de um bom Centro de Documentação Técnica, como o do Instituto de Investigação Agronómica de Angola, emitindo regularmente lista de abstrats de trabalhos recebidos, ajuda muito. Também não esqueço o excelente trabalho desenvolvido por uma Instituição Agrária no vizinho Congo Belga.

Devo referir que este Instituto de Investigação Agronómica de Angola e o de Moçambique, à sua imagem, foi criado pelo espírito lúcido e empreendedor do ex – Secretário Provincial do Governo de Angola, Prof. Vieira da Silva, que criou os Novos Estudos Gerais de Angola, querendo modernizar o ensino universitário; anulados por Salazar, com a nomeação para seu Reitor e integração na Universidade de Lisboa, do Professor André Navarro, o mesmo que, anos antes, quando foi dado um golpe nas finanças da Federação Portuguesa de Futebol, Salazar chamou para a ela presidir e orientar.

O Prof. Vieira da Silva continuou a sua vida científica na Universidade de Paris, como Mestre da importante cadeira de Ecologia, brilhando a nível Internacional.

Aproveito para acrescentar que Salazar, considerava que “para a maioria dos portugueses saber ler e escrever era mais que suficiente”; eliminou: a Investigação Científica na Universidade, por intermédio do seu Ministro da Cultura Carneiro Pacheco; e a existência de uma escola do Magistério Primário em cada capital de distrito;

Com o Cardeal Cerejeira, colega de Academia, ajudaram ao reconhecimento do aparecimento da Virgem de Fátima aos pastorinhos, que, com os seus milagres, nos salvou do Comunismo... continuando na sua senda de milagres, a troco de ouro e cera.

6

– DESCARTES, ESPINOSA E O NÚMERO DE OURO NA “ENIGMÁTICA” TORRE DE CENTUM CELAS

*“Uma vez alcançado o carácter orgânico numa obra de Arte, essa obra é eterna.
Tal como o Sol, a Lua e as estrelas, as grandes árvores, as flores e a erva ela
existe e permanece enquanto e onde o homem estiver.”*

FRANK LLOYD WRIGHT

Falemos de Espinosa, filho de judeus portugueses que, estupidamente expulsamos, indo enriquecer a Holanda, um dos herdeiros dos proventos da nossa Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia. Tal como da Descoberta da Creta Minóica e da Atlântida, que neste trabalho vou tratar – o herdeiro foi Atenas.

No Prelúdio:

O que o número de ouro representa? Pela primeira vez é expresso um conceito abstracto por um número. A noção de estética entranha-se no espírito humano.

Paul Valéry diz deste primórdio, do entrelaçar a geometria com a matemática: “Quel poème l’analyse de phy”.

Foi a Milenar Civilização Egípcia que desvendou o Número de ouro e a divina proporção, tendo Pitágoras, residente neste país durante anos, levado este conhecimento para a Magna Grécia, criando, em Cretona, uma Escola Esotérica dedicada à Matemática, Música e Astronomia.

Foi para a Magna Grécia que migraram Dórios, Pelasgos, e outros fugidos da instabilidade provocada no Egeu pela colossal explosão do Santorini, que pulverizou a Atlântida, ilha gémea do actual Santorini das açoteias, trepando encostas acima, com o terraço no topo do edifício e o azul e branco brilhando nos portados e contornos das janelas.

O fabuloso vulcão pulverizou a ilha da Atlântida, habitada pela comunidade mais evoluída do Egeu, e em seu lugar ficou a enorme Kratera de 83,5 Km², com uma profundidade de 200-300 m, provocando um Tsunami calculado em 210 m de altura.

Foi na Magna Grécia que os Dórios, criando poderosa frota, enriqueceram, exportando trigo das planícies, carne e madeiras das encostas, a troco de ouro e moeda, que levou Atenas a projectar grande porto no Pireu e a caminhar com segurança para a sua Democracia e para o Século de Péricles.

Por outro lado a ordem e pujança marítima levou os Senhores da Magna Grécia a chamar os melhores arquitectos do mundo de então a erguer os seus Palácios e Templos com a denominada *Ordem Dórica da Architectura Grega*. O Conjunto destes Templos, perdurou através dos tempos e ainda é hoje Santuário desta Architectura.

Fácil é concluir, pelas datas e pelo **arquétipo** – “**na filosofia de Platão, modelos eternos das coisas individuais, que dele são um reflexo.**” – que foi daqui que c. séc.VI a.C. partiu uma Sociedade Exotérica, dedicada à exploração do estanho e do ouro, rumo às Minas de estanho, na Povoação que denominaram Gaia, numa ribeira do Zêzere, vinda dos lados da Guarda, a que também deram o nome de Gaia.

Aqui construíram o seu palácio, com o granito e carvalho para o telhado de duas águas, e para os prumos e barrotes de carvalho da Varanda Alpendrada, a toda a volta do edifício, excepto à frente, com larga terraço sem cobertura, voltada para a larga e muito bela panorâmica da Serra.

Os Gregos da Magna Grécia que no séc. VI a.C. nos procuraram, encontraram já ocupando o território, neste caso a Cova da Lã, os Túrdulos, como os Tartéssios e os Cónios do Algarve, fugidos dos “sea peoples” e da anarquia que a pulverização da Atlântida e seu enorme Tsunami provocaram.

O erguer da “Enigmática Torre de Centum Celas e do Primitivo Templo grego de Almofala, perto de Figueira de Castelo Rodrigo, levaram-me a denominar Colonização Greco-Túrdula de c. sec VI a.C., tendo em conta os numerosos povoados que então nasceram à volta da Serra e a introdução de novas culturas.

Um pormenor curioso, os arquitectos que trouxeram devem ter subido o vale glacial que em linha recta vai de Manteigas ao alto da nascente do Zêzere e, lá no alto, à vista de três gigantesco morros de granito, que Camões diz “*é onde a Terra acaba e o céu começa*” e os pastores reconhecem ser o sítio onde as águias fazem ninho;

em êxtase...

... os ditos arquitectos, verificando que da base dos gigantesco fragedos jorrava água e nasciam os rios, tiveram a ideia de chamar-lhe Kantháros – bela Metáfora, que nos diz ainda que a língua Grega tem palavras que bebeu na nossa língua, que nasceu e cresceu com a Civilização da Creta Minóica .

O conhecimento nas múltiplas secções douradas e razões de simetria de Centum Celas, data de cerca de milénios antes de Descartes ter deduzido a figuração visual de complexas noções da matemática. Por esta razão e para, mais uma vez, mostrar como a ciência cresce em ambientes a ela propício, com o convívio de cérebros que a ela dedicam toda a sua pujança e persistência, bom é referir esta ambiência.

Nem assim, com tais provas – o Arquitecto Calais, na década de 50, havia já medido e detectado o Nº de ouro e a divina proporção, minuciosamente e afirmado que a dita construção era egípcia ou grega, romana nunca.

Nem assim, desde 1979, quando li os preceitos da Ordem Dórica da Arquitectura grega na “Enigmática Torre de Centum Celas”, tendo apresentado o estudo em diversos Congressos da especialidade, em Córdova, Vigo, Lisboa e Algarve; mesmo assim, alguns dos nossos Arquitectos que sobre o assunto se debruçaram, continuam a apelidar de romano, arquétipos que, tal como o fado ora proposto para Património da Unesco, devia ter primazia.

“Archéologie without Anthropologie is nothing”

O pior do nosso País é a « Cegueira » de Polifemo, relatada no Canto IX, v. 106 e seg. da Odisseia, numa gruta que se situava na encosta do Bairro Alto, no actual Terreiro do Paço na Ulissipo de outras Eras.

Ao inventar a Geometria Analítica, Descartes (séc. XVII) tornou a álgebra visível e inscrita no espaço, graças ao que se apelidou de gráficos. A vantagem, na linguagem expressiva de um matemático, é de “**falar aos olhos.**” Descartes é o próprio a especificar que com a sua ajuda se “constroem todos os problemas”.

“D’un coup d’oeil” todo um conjunto complexo de noções é aprendido concretamente”

René Huyghe in Dialogue avec Le Visible, ed. Flamarion, 1955

“A grande invenção de tornar as leis sensíveis à vista, lidas assim, incorporou-se no conhecimento e duplicou de certo modo a experiência de um mundo visível de curvas, de superfícies, de diagramas que transpõem as propriedades em figuras. O gráfico é capaz do contínuo que falta à palavra, supera-a em evidência e precisão”. Paul Valéry

O Número de Ouro merece um bom painel, no futuro Museu da Língua Portuguesa no Nascer da Europa, para que possa contribuir para a subida da média nacional a Matemática de cerca de cinco valores, numa escala de zero a vinte, no nosso ensino secundário, no começo do séc. XXI.

Falando de Descartes, podemos alargar-nos um pouco e relacionar a sua valiosa contribuição para a ciência com o ambiente intelectual então vivido na Holanda, cerca do início do século XVII, provando que tudo cresce a partir de alguma coisa e que para colher é necessário semear.

Assim, Bacon, por essa altura, procura na Natureza a Ordem Universal que advém do método experimental; embora alheio à obra de Galileu, mas ciente do poder do espírito como valor essencial. Descartes convive com o matemático e médico Isaac Beeckman, conversam e tiram dúvidas.

Descartes, como qualquer mortal, na noite de 10 de Novembro de 1619 sonha com as suas preocupações, com a “invenção maravilhosa” do Discurso do Método – que nos torna mais aptos ao exercício da razão, apoiado numa matemática universal, com a ordem e a medida na busca das condições de relação dos objectos uns com os outros, por meio da mesma unidade.

“Compreendendo por intuição e dedução, uma verdade como consequência de outra que já conhecemos, estabelecendo as suas condições de relação; assim podendo formar juízos sólidos e verdadeiros sobre todos os objectos que se apresentarem”. É a uma instrução progressiva do espírito, à dúvida reflectida, que Descartes vai buscar as referidas condições de relação.

“É necessário rejeitar como absolutamente falso tudo em que se veja alguma dúvida, restando um conhecimento inteiramente indubitável”

Descartes dedicou a pujança da sua determinação e experiência vivida ao desenvolvimento das suas ideias... cartesianas, no ambiente intelectual vigente.

Pontificava nesse tempo e nesses sítios Leibniz, também matemático, filósofo e Jurisconsulto. Homem erudito, procurou entre os antagonismos do Cristianismo e a Reforma um pensamento unificador.

Mas também concebeu a lógica do infinito, os métodos e símbolos do Cálculo Infinitesimal – a diferencial como símbolo e algoritmo significativo. Juntou à Lógica o espírito de análise e o Cálculo Infinitesimal.

Descartes tornou a Álgebra visível no espaço e nos gráficos, “falando aos olhos”, dando forma, construindo todos os problemas. Utilizou a noção de infinito, transcendendo-a.

E disse-nos: *“Nunca devemos deixar-nos persuadir, a não ser pela evidência da nossa razão”.* Conselho que seguiu Baruche Espinosa, jovem filho de pais portugueses, que Descartes fortemente influenciou. Espinosa reduziu a sua filosofia a conceitos matemáticos, num estilo novo, considerando o mundo do ponto de vista racional.

“A Eternidade é a própria existência, cuja concepção parte necessariamente da definição de algo que é eterno.” “Porque a existência assim concebida é uma verdade eterna, considerando que é a essência da coisa eterna; por isso, não pode ser explicada pela duração ou pelo tempo, embora a duração possa ser concebida sem princípio nem fim”.

“O Universo é Deus e vice-versa: Deus ou Natureza é uma substância única” A mente e o corpo são um só e o mesmo indivíduo, que ora é concebido sob o atributo do pensamento, ora sob o atributo da extensão” (Ética Parte II)

“Não penso ter encontrado a melhor filosofia, mas sei que penso na melhor filosofia”

A sua obra *Ética* e o *Tratado de Reforma do Entendimento* são tratados monumentais sobre o homem e o seu espírito.

António Damásio, actual cientista mais cotado na investigação do cérebro, reconheceu ter de ir “Ao Encontro de Espinosa”, tal com o fizeram Hegel e outros grandes filósofos.

Da geração de Espinosa são Rembrandt e Verner.

Em hipótese moderna Gaia, o Planeta, é para Espinosa um vasto organismo que se auto-regula. Hostilizado pela sua comunidade, devotou-se abnegadamente à filosofia.

“Para Descartes, a mente humana não tinha extensão espacial e substância material, duas características negativas que lhe permitiam sobreviver à morte do corpo, a mente era uma substância mas não uma substância física. Não é possível saber se Descartes, realmente acreditava nesta formulação.”... ..

“Não há qualquer dúvida de que a mente humana é especial na sua capacidade imensa de sentir prazer e dor e de conhecer a dor e o prazer de outros; especial na sua capacidade de amar e perdoar. Especial na sua memória prodigiosa e na sua capacidade de simbolizar e narrar; especial na sua linguagem com sintaxe; especial na capacidade de compreender o Universo e criar novos universos; especial na velocidade e facilidade com que manipula e integra os conhecimentos que permitem a solução de um problema.”

“Mas o espanto e admiração para com a mente humana são compatíveis com outras perspectivas da relação entre o corpo e a mente e não corrigem, de forma alguma, os defeitos das perspectivas de Descartes. À medida que os dados da introspecção vieram a ser progressivamente informados pelos factos da neurobiologia moderna, a perspectiva do dualismo de substância perdeu adeptos. Os fenómenos mentais foram revelados como dependendo estreitamente do funcionamento de uma enorme variedade de circuitos cerebrais.”

“Espinosa tinha 38 anos quando chegou a Haia, sozinho, como era seu hábito. Trazia consigo uma estante com a sua biblioteca, uma secretária, uma cama e o equipamento com que polia as lentes.”

Goethe adopta e recomenda Espinosa, não deixando qualquer dúvida sobre a influência que ele teve no seu trabalho” Hegel proclamou que para se ser filósofo é preciso ser antes de mais espinosista: se não se tem espinosismo não se tem filosofia.”

“ Em 1880, o fisiologista Johannes Muller notava que “ há uma semelhança notável entre os resultados científicos obtidos por Espinosa há dois séculos e os resultados a que hoje chegam cientistas como Wundt e Haeckel na Alemanha, Taine em França e Wallace e Darwin em Inglaterra, cientistas que tratam de questões psicológicas através da fisiologia”

A. Damásio

“Espinosa é cada vez mais o filósofo dos homens de ciência”

Frederick Pollock

“Einstein sentia-se em sintonia perfeita com a visão que Espinosa lhe dava do universo em geral e de Deus em particular”

... .. “E dado que a substância de que Espinosa fala é a Natureza, eu diria que :

“um corpo é um pedaço de Natureza, cuja fronteira é a pele.”

Todas estas transcrições são mais uma prova como António Damásio sabe alicerçar a sua inédita obra, no contributo que já outros devotados homens de ciência deram à humanização da espécie.

No entanto, sobre Espinosa:

Hume considerava a sua magistral obra como “uma hipótese hedionda, nela suspeitando a presença do Diabo.” “Uma vida profana, atenta e blasfema, vilipendiando a autenticidade dos milagres”. “Obra forjada por um judeu renegado e pelo Diabo. A hipótese mais monstruosa possível de imaginar”

***Em Julho de 1656**, com vinte e três anos, numa grandiosa cerimónia de excomunhão:*

“Com julgamento dos anjos e dos santos, excomungamos, execramos e anematizamos Baruche Espinosa. Amaldiçoado seja de dia e de noite, ao deitar e ao acordar, amaldiçoado à saída e à entrada. O Senhor eliminará o seu nome da face da Terra e bani-lo-á de todas as tribos de Israel pelo mal causado. Ninguém poderá dirigir-lhe a palavra pessoalmente ou por escrito, prestar-lhe um favor, estar debaixo do mesmo teto, aproximando-se quatro cúbicis dele, nem ter qualquer documento por ele escrito ou ditado.”

Aprendeu o ofício de polidor de lentes, para subsistir.

Temos esta pequena narrativa como um marco no Processo Histórico, que nos possibilita melhor situar o nosso Património. Convém também referir que:

“Acima de tudo, a influência mais importante da Grécia sobre a cultura ocidental é que esta não tem sido permanente, mas sim periódica. Uma e outra vez, os textos, a arte, a filosofia, são redescobertos ou reinterpretados. E o efeito é revolucionário.” B. Cnox

A Holanda era já um povo democrático que havia recebido os Judeus expulsos de Espanha e de Portugal – comunidades com o saber de experiência feito, homens de dinheiro.

Na Holanda do século XVII floresceu o núcleo científico referido, mas a clonagem espiritual da comunidade capitalista, responsável pelo comércio e pela vida economia, teve o comportamento que referi.

Perante tal clarividência, como é possível, tão deliberadamente, manter países com rebanhos humanos conduzidos por poderosas organizações e seitas religiosas, as modernas decalcadas na credence fácil das mais velhas, causando no passado como nos dias de hoje milhares de vítimas, hoje, no leque alargado das seitas do Islão que nos seus tempos áureos ia do Algarve à Índia, passando pela então evoluída Pérsia, hoje Irão.?!

Os tempos são outros, acredita-se, tal como o fizeram os nossos Perlasgos-Atlantes no Egeo-Pelasgo, na capacidade do espírito humano dizendo-nos que com o instinto da miscigenação e o saber de experiência feito, todos pertencemos à espécie humana e é racionalmente, com esforço e ordem que temos de viver e coexistir.

“Depois do Império Romano se ter desmoronado finalmente em 467, a Idade das Trevas pairou sobre a Europa durante Mil anos. Tribos invasoras amalgamaram-se em pequenos reinos regionais e as pessoas comuns ficaram ligadas à terra, dependentes de proprietários para protecção e alguma coisa que se assemelhasse a justiça, A momentânea subida ao poder de Carlos magno no séc IX, trouxe um breve vislumbre de ordem, mas os ataques violentos dos viquingues no século X arrastaram se novo a Europa para a violência interminável da guerra.

Por volta de século XII as coisas tinham mudado. As cidades mais uma vez tornam-se focos de civilização e as suas populações crescem regularmente a par da educação e do renascimento e interesse pela ciência e filosofia gregas. Invasões, migrações e declínio do reino de Deus tinham chegado ao fim. A Igreja romana já não era o Reino de Deus no exílio; ela tornou-se a instituição central do poder.

Mercadores-banqueiros italianos penetraram no coração da Europa e no Norte de África, e a Itália tornou-se lentamente uma sede de poder e autoridade, tanto económica como eclesiástica.”...

PRYA HEMENWAY in “O CÓDIGO SECRETO- A fórmula misteriosa que governa a arte, a natureza e a ciência.”
Ed.2910 EVERGREEN GmbH, Koln

Na contra capa diz-nos: ... “Este livro apresenta não só as multifacetadas formas da Secção Áurea na natureza, na arte, na arquitectura, na música e nas ciências, mas também variações, como a espiral dourada no ouvido interno humano.” ...

Simplesmente expressão fabulosa!

Lembremos, uma vez mais, que temos este código secreto – $\phi = 1,618...$ na “Enigmática” Torre de Centum Celas, Belmonte, desde o séc. VI a. C., hoje, em respeitável ruína, tida pelo IMPAR como romana.

7

OS JUDEUS SÃO PELASGOS ATLANTES TRAINDO A NOSSA MÃE NEGRA, MINÓICA

Não podemos falar dos Judeus sem ter presente a gigantesca obra de Baruche Espinosa que Descartes e Leibniz inspiraram e, também, o livro de António Damásio “Ao encontro de Espinosa. Com tal documentação tudo fica esclarecido, considerando já o Número de ouro e a divida Proporção – a alavanca que projectou a pintura, desde Leonardo da Vinci, a arquitectura desde os Palácios Minóicos, ao Patenon, a Pitágoras e à nossa humilde “Enigmática Torre de Centum Celas, Belmonte, Lusitânia, séc. VI a.C.

Vi, num bom programa da televisão, pormenorizada reportagem sobre Jerusalém, num sábado
O sabad judaico.

Maravilhosas e largas avenidas residenciais, aqui e além com uma loja comercial. Nestas lojas que ao sábado estavam abertas ao público, tinham à sua frente meia dúzia de jovens judeus, em traje negro, barbas caindo em tratados rolos de caracóis encimadas pelo tradicional chapéu negro. Não saíam dali enquanto o comerciante não fechasse a loja; o que acabava por acontecer, com o medo de represálias.

Uns poucos dias depois, nova reportagem, desta vez sobre um empreendimento arqueológico na cidade de Jerusalém. A alguns metros de profundidade encontram ruínas da Velha cidade de Jerusalém e ao lado um curso de água ao mesmo nível.

Brado Judeu: “ todo este território é nosso!”... e de mais ninguém! Com Obama em rampa descendente, quem cala os poderosos Judeus americanos?

Qual a origem de Jerusalém?

Vejamos a história: David, poeta e exímio tocador de harpa, integrando a música nos seus **salmos**, que vêm a constituir as primeiras páginas da Bíblia, no final do Primeiro Milénio a.C., – cerca de três séculos após a violenta explosão do Santórini, que acabou como Império Minóico e pulverizou a Atlântida, irmã gémea de Santorini, ora reduzida à enorme Kratera; ao lado, que podemos ver numa imagem tirada a cerca de vinte quilómetro de altitude, na Google.

David, com os seus salmos e mavioso acordes, seduziu a filha do Rei Saul, e refugiou-se longe até à morte do Rei. Consumada esta e depois de ter vencido o gigante Golias com uma pedrada, vencendo assim os Filisteus, assume-se como Herdeiro de Saul, rei de Israel, escolhendo como capita a cidade de Jerusalém, nas montanhas do Sião, a Sul da Ásia Menor, frente à Ilha de Chipre, junto ao Mar Morto e Rio Jordão.

Tal como os ciganos da Albânia, os Judeus são Pelasgos-Atlantes que, isolados do Mundo, constituíram uma sociedade fechada, fugindo à Miscigenação, elegendo os Salmos de David como as primeiras páginas da Bíblia, após a primeira página que a seguir transcrevo

– O DILÚVIO A HISTÓRIETA DE NOÉ E ADÃO, O PRIMEIRO HOMEM

Cerca de 3.000 a. C. na Mesopotâmia, entre o Tigre e o Eufrates, onde se firmou o Neolítico com as cidades de Ur, Urac, Samarra etc. e a sul Babilónia, ocorreu um grande Dilúvio que acrescentou cerca de 150 Km à fértil foz dos referidos rios.

Hamurabi, que reconstruiu Babilónia, rejubilou com a possibilidade de nesses jovens lodeiros, trazidos pelo anterior dilúvio, abrir novos canais de rega.

O Dilúvio foi então recordado como o foram as inúmeras manifestações sísmicas que, desde à milénios as placas da Anatólia têm provocado.

Um túnel que os Japoneses estão executando no Bósforo descobriu recentemente, debaixo de 45 m de lamas, um porto com uma dúzia de navios atracados, carregado de ânforas ainda intactas, do tempo do Imperador Constantino. Pararam os trabalhos do túnel para investigar a Arqueologia, mas não desistiram do túnel que mergulha fraccionado por elementos, já ultimados, que por pressão encaixam uns nos outros.

Especial cuidado merecem a entrada e a saída, pois os construtores sabem que as referidas placas sísmicas estão a cerca de 20 kms do projectado Túnel, ligando a Europa à Ásia.

A Proto-História da Europa, que o é também da Humanização, deu-se neste ponto de encontro dos primitivos povos e, se a Arquitectura é a Arte que melhor representa o grau de desenvolvimento de um povo, nós, da família dos Pelasgos-Atlantes, talvez como o também peludo Homero, devemos orgulhar-nos de aqui termos erguido os Palácios Minóicos, as Portas megalíticas de Micenas e o Túmulo de Atreu, divulgando o Megalitismo de Stonehenge por todo o Egeo-Pelasgo. (ver mapa).

Homero também nos chama Ciclopes, e descreve-nos a Terra dos Ciclopes na Hespérides dos Pomos de Ouro, que Ulisses baptizou de Olissipo; no Egeu fizemos muralhas ciclópicas.

Outros povos que aqui ergueram Arquitectura foram os Gregos com o Partenon e perto, em Constantinopla é erguida em 531 a Magna Sophia, dedicada à eterna Sabedoria. Foi mesquita com os Turcos e depois Museu.

Magna Sofia não foi construída por arquitectos mas sim por Matemáticos, revolucionando a construção dos grandes templos. Nuns minutos explico:

A meio de um rectângulo no solo, é marcado um quadrado e em cada vértice deste é erguida uma poderosa coluna. Lá no alto, a c. 20 m de altura temos quatro pontos, base de quatro arcos, em semicircunferência, inclinados para o interior, para sustentar a base da futura cúpula, apoiada nos quatro *triângulos esféricos* formados. A base da cúpula suporta esta, com cerca de cinquenta janelas na base e trinta metros de altura.

Os problemas da nova estrutura e da luz ficaram resolvidos.

Curioso é o facto de o estádio do Sport Lisboa e Benfica, na actual Lisboa, construído por uma firma Italiana, ser baseado nestes princípios, com a diferença seguinte: os quatro arcos são em aço, mas não voltados para dentro, mas sim para fora, suportando o tecto à tracção, com os mesmos quatro pilares de suporte.

Como vemos o mundo cedo avançou, só os credos religiosos ou políticos, o Comunismo, o Nazismo, os Colonialismos, os Monopólios das armas e dos capitais, provocam a fome, a peste e as Guerras.

Lembremos a ingenuidade grosseira com que a Bíblia trata o Dilúvio, mesmo considerada como metáfora.

A HISTORIETA DE NOÉ

“Noé, homem justo e perfeito entre os homens do seu tempo que mereceu a graça do Senhor, ocupa quatro capítulos do Génesis, o primeiro livro da Bíblia em que se descrevem a Criação e os primeiros tempos do mundo, até ao nascimento de Moisés.

Deus, descontente com os homens, resolveu castigá-los rigorosamente; no entanto, exceptuou Noé e a sua família. “

“Por ordem de Deus, Noé construiu uma barca, em cuja construção gastou cem anos. Logo que a terminou, meteu-se nela com a sua mulher, seus filhos e sete casais de todos os animais puros que viviam sobre a terra. Então, começou a chover torrencialmente durante quarenta dias e quarenta noites; as águas ultrapassaram as mais altas montanhas e todos os seres vivos, homens e animais, morreram afogados.

“As águas cobriram a terra durante cento e cinquenta dias; foram depois baixando lentamente e a arca encalhou nas montanhas de Ararate, na Arménia. Noé esperou quarenta dias, ao fim dos quais soltou um corvo que voltou por não ter encontrado onde pousar. Alguns dias depois soltou uma pomba, que trouxe um ramo de oliveira.

“Noé compreendeu então que as águas tinham descido ao nível anterior ao dilúvio e saiu da arca com a sua família e os animais que nela guardara.

Deus prometeu nunca mais castigar assim o género humano; abençoou Noé cujo sinal lhes mostrou num arco-íris.”

Este texto está, na íntegra, na palavra Dilúvio da Enciclopédia Universal Lello; ed Lello e Ir. Porto.

Os Gregos, nas escolas, liam a Odisseia de Homero, no meu tempo era só a doutrina.

Vem-me á mão um pequeno texto, elucidativo.

– ADÃO, SEGUNDO AS ESCRITURAS, O PRIMEIRO HOMEM

“Formou-o Deus do barro à sua semelhança dando-lhe depois uma companheira, Eva formada de uma das suas costelas, colocando-os a ambos no Paraíso, proibindo-lhes que tocassem nos frutos da árvore da ciência, do Bem e do Mal. Seduzido por Eva, Adão desobedeceu a Deus que o puniu condenando-o e à sua posteridade ao trabalho e à morte. Expulso do Paraíso terrestre, entregue às misérias da existência, Adão levou na terra uma vida errante. Teve, entre outros filhos, Cain e Abel, depois Seth e várias filhas. Masolina representou Adão e Eva.”

(Museu Carmine, Florença) (V. est. Bel – Art 1)



O Pelasgo – Atlante Moisés, com as tábuas do Decálogo.

“ Moisés é o maior vulto do Antigo Testamento, guerreiro, estadista, poeta, historiador, moralista e legislador dos Hebreus. Conta a Bíblia que tendo um faraó mandado matar todos os filhos varões dos Judeus do Egipto, uma mulher da tribo de Levi expôs no Nilo dentro de uma cesta o seu filho que foi salvo pela filha do rei e recebeu dela o nome de Moisés (salvo das águas). Na idade de quarenta anos viu-se obrigado a fugir para o deserto por ter morto um egípcio que batera num judeu e teve lá uma aparição. Deus mostrou-se-lhe sob a forma de uma sarça ardente, ordenando-lhe que libertasse o seu povo da escravidão e o conduzisse à Palestina. Começou então o êxodo. Um milagre permitiu a Moisés atravessar a pé enxuto o leito do Mar Vermelho e durante a marcha de quarenta anos no deserto para a terra de promessa, serviu Moisés de intermediário entre Deus e o seu povo.

” In “ Lello Universal “ Ed. Lello e Irmão; Porto

**- A MÃE- EVA, NEGRA, FOI A NOSSA MÃE
A NEGRITUDE EM ÁFRICA**

Emile Poulat , da Escola de Altos Estudos de Paris, proclama que “ A Identidade cristã da Velha Europa tende a desaparecer.” ... “ porque numa actual cultura tecnocrática, com a informática, basta carregar num botão para aceder ao conhecimento. É uma cultura auto-suficiente”

“ O homem moderno, “civilizado”, continua a conservar traços de arcaísmo, manifestados em forma de essencialismos vários, cultural, étnico, religioso e outros, visíveis nos seus comportamentos habituais, e mesmo em certas atitudes científicas, como demonstra Gaston Bachelard em “La Formation de L`Esprit Scientifique”.

Tornando presente o ponto de vista do filósofo, no que se refere a impedimentos colocados à ciência, o cientista constata que esta se debate com um obstáculo epistemológico, quando as ideias não são susceptíveis de ser tomadas como factos, porque escapam à interpretação racional, o que cria um problema ao avanço do conhecimento, um obstáculo ao sujeito pensante e ao historiador, pela sua manifesta incongruência, uma vez que “Un fait mal interprète par une époque reste un fait pour l`historien. C`est, au gré de l`épistémologue, un obstacle, c`est une contre-pensée. »

Bachelard, 204, p.209

Curioso, leio este parecer ao abrir o livro de uma jovem, Maria Manuela Araújo, doutorada e mestre em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: **Diálogos Literários entre a África e os E. U. A. no Despertar dos Nacionalismos Africanos.**

Também nós descurámos a sabedoria dos nossos ancestrais. ...

Hoje não temos Tribunal do Santo Ofício no que respeita à Igreja Católica, mas a carnificina e a Bruca continuam no Islamismo; a mulher mostrando só os olhos, e fiéis imolando-se diariamente no Iraque, causando vítimas inocentes, convencidos que vão direitinhos ao Céu, onde o esperam uma dúzia de virgens. Do lado das seitas Católicas continuam a falar, no Céu, no Purgatório e no Inferno, para onde irão as nossas almas, considerando-nos filhos de Jesus Cristo, menosprezando a nossa Mãe – Eva, que primitivos povos elegeram como Deusa.

Os tempos mudaram, com a eleição de Obama nos E.U.A. Na eleição da Miss E.U.A. deste ano foi eleita Rima Fakhri, Muçulmana do Michigan, filha de imigrantes Libaneses, bela sem bruka!.

Numa altura em que surge a notícia de que o “*Instituto do Gênicista Gaig Venter, em Rockville, nos EUA criou a primeira célula sintética.*

A mudança deita fóra o credo: ... “bem aventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos Céus!” Já não há céus, nem Infernos, nem purgatórios, pobres de espírito sim, as seitas religiosas formaram muitos.

Pena que este trabalho sobre ***O Despertar dos Nacionalismos Africanos*** não tenha conhecido os meus sobre a nossa Proto-história, com realce para a nossa bem aventurada Mãe Pelasga-Atlante, negra de Origem.

Lembremos pequeno extracto deste oportuno trabalho de anos, de uma vizinha e colega nestas lides, com quem nos entendemos:

“Na minha língua há um ditado: *Ndiwelimilambo enamagama.*” – “eu atravessei rios famosos” Nelson Mandela

“Desde 1934, eu tinha atravessado muitos rios importantes na minha própria terra: o Mbashe e o Grande Kei, na ida para Healdtown; e o Orange e o Vaal, quando fui para Joanesburgo. Mas tinha ainda muitos rios a atravessar.” Nelson Mandela

Também Langston Hughes : *I've known rivers:*
I've known rivers ancient as the Word and older than the flow of human blood in human veins.

“O Sol tinha precisamente acabado de se pôr, e atravessamos o Mississipi, lentamente, sobre uma longa ponte. Olhei pela janela da carruagem restaurante, para o grandioso rio lamacento correndo em direcção ao coração do Sul, e comecei a pensar no que aquele rio, o velho Mississipi, tinha significado para os negros no passado (...). Então, comecei a pensar noutros rios do nosso passado – o Congo, o Níger e o Nilo em África – e o pensamento veio até mim: “Eu conheci rios, “
Langston Hughes

:
Não posso deixar de transcrever, pela referência à mulher (digo: nossa mãe Negra-Atlante) o capítulo 3.4.5 de Maria Manuela Araújo

“ **A Mulher.**”

“Nesta composição poética, a figura feminina, personagem mulher, dramatiza um papel tematicamente conduzido pela dinâmica do fazer, numa dramaturgia que evidencia o seu desempenho no trabalho da terra como força braçal de transformação, que dá “vasão à força da semente.” (Est. XXVIII, V.9p.73), semeando, colhendo e oferecendo, com as suas mãos e os seus dez dedos, esses que, segundo ela, fazem a invocação da cor da terra:

” Cito os meus dedos para invocar a cor/da terra (...)- (Est.XXVIII,vv.13,14,p.73). No discurso da mulher, através dos mencionados elementos de relação com o mundo, citadas ferramentas de trabalho, se faz a invocação explícita da terra, da sua cor, que o signo mãos consubstancia, pela sua simbologia, e coordenação semântica associativa, criadas no âmbito do seu significado, com o conceito sintagmático de “desempenho agrícola da lavra”, interceptado pela ideia vizinha de “produção de alimentos.”

“Na função simbolizante do imaginário humano, a mulher revela ser força anímica regeneradora. Na sua ligação natural entre significado e significante afigura-se seio fértil que recebe e germina, tal como o chão e terra são recebedores de energia, de sol e de água. No cinzelado poético do texto, a voz feminina apresentada afirma-se, em sentido figurado, como “(..) leite manso para a vitória” (Est. XXIX, v.3,p.73). a ponte entre o ser e o querer, sinónimo de concretização de desejo, ou realização do sonho.”

“Numa outra vertente interpretativa da expressão simbólica do texto, a voz da mulher assume-se como fala que provém das entranhas da terra, insinuando-se esta **persona** dramática como sua mensageira – “E o que sabeis da terra só por mim sabeis/ em coxas, alimento, lar e clã.” (Est.XXX, vv.6,7, p.74) – mas representando-se, igualmente pelo seu discurso, como corporização de sensualidade, garante de nutrição e funcionalidade doméstica., assim como de continuidade clânica.”

“Assim, a mulher prefigura-se como força poderosa transmutadora da terra africana, capaz de (...) alterar paisagens e geografias, mapas e fronteiras.” Est.XXXII, vv.12,13,p.14), corpo expansivo partilhado, figuração metamórfica entre carne, terra e tempo, parideira do tempo com poderes mágicos – “Transforma orações em água vertida” (Est. XXXIX, vv.3,4, p. 76 – cuja vivência é regulada pelos ciclos lunares. A mulher é o todo e a sua origem, a fonte da vida, a que invoc(a) o Nome, a protecção dos mortos” (Est.54,v.4,p.80, em práticas terapeuto-religiosas invocatórias da fertilidade, a que chama os filhos invocando espíritos a que faz legar o nome já herdado, alimento da perenidade ancestral, possessão. A mulher é ainda, no passado e no presente, a face do poder, o rosto esculpido da Pátria, a máscara e o corpo do continente africano, porque, pelo que afirma: “ É fêmea a Pátria que de mim se inventa” (Est. L, v.8,p.79).”

8.1 – O MATRIARCADO E A ARTE DE VIVER

Entre a arte dos caçadores do Paleolítico, e a arte da Creta Minóica, assimilada da arte egípcia e a da Civilização Sumério-Ariana, resultante do que posso denominar abraço genético operado, desde a Sardenha ao "Egeo Pelasgo", com o poder da Talassocracia, há um abismo. Impressiona-nos este outro mundo, vivendo de uma maneira totalmente diferente novo ciclo da civilização Universal, neste "Egeo Pelasgo" caldeado na Atantida, que o Santorini pulverizou, restando a recuperada Creta Minóica e Micenas – que a nova Grécia herdará.

Convém lembrar que do erguer dos palácios Minóicos ao Partenon medeia século e meio; e sendo a Arquitectura a actividade que melhor nos revela a mutação operada na humanização, trazendo novas virtudes – da consciencialização à paciência e á ordem, temos de reconhecer o **poder e papel da mulher no abraço genético Afro-Euro-Asiático.**

Note-se que sou um leigo em antropologia, mas como investigador cumpre-me chamar a atenção para factos.

Surgem novas técnicas na arte de semear e colher, a tecelagem integrada já no *cluster* da lã, do algodão e até da seda, atingindo o requinte a indumentária feminina, a que não faltam os adornos de ouro e pedras preciosas em colares e diademas de sumptuosidade, não só no Egipto como na Rainha Suméria Shubad, Ur 2.700 a.C.

A mulher devem o centro do universo de então, do junco fazendo tapeçaria e logo após criando o tear e, com o barro cosido, vasos com incisões geométricas, séculos antes de no Egipto surgirem os primeiros géometras.

Lembro-me que Pitágoras exilado em Cretona após Santorini, com um estágio de cerca de trinta anos no Egipto, criou na Magna Grécia a Ordem Dórica da Arquitectura Grega, já com o número de ouro e a divina proporção, um século depois de os arquitectos Egípcios a utilizarem nas suas Pirâmides.

Voltemos à mulher, com base numa conferência proferida por Octávio Canhão Bernardes, na Semana de Compreensão Mundial, realizada em Nova Lisboa. hoje Huambo, em Set.1970.

O título é: "QUE É ARTE"

Na parte de maior interesse, para o nosso caso, o autor baseia-se no trabalho "Les Mistère de la femme" da Dr^a. Harding Ed.Payot, 1953 que "diz seguir como fonte de informação no que se refere aos mitos."

Do longo e bem elaborado trabalho seja-nos permitido alguns extractos referentes à mulher.

"Os primitivos e os homens da Antiguidade não faziam distinção entre"factos" objectivos e "superstições" subjectivas; eles "não pensavam, eles apercebiam-se, graças a um sentido interior, que por vezes se revela hoje em dia" (pág.23).

"E mais tarde com a criação dos deuses, eles sentem que a relação entre os homens e os deuses é um mistério, "eles próprios designam essas relações por "mistérios".

"A provação é um mistério e não será compreendida se não reconhecermos que os "deuses" não são seres exteriores à humanidade, mas antes forças e princípios psicológicos projectados e personificados nos deuses. Eles ultrapassam os homens, mas a sua origem encontra-se nas profundezas escondidas da psíque humana (pág.152). "Sabemos hoje que esse poder vem do inconsciente e que nisso reside o segredo da fascinação que exercia sobre os homens " (pág.74)

... "Podemos agora mergulhar em toda a primitiva criação de mitos e ritos e ver a saudade desses tempos conservada e transmitida pela genética de conduta, surtida em sonhos, alucinações, poesia e todas as demais" Artes com base no inconsciente colectivo.

A Lua é o primeiro símbolo. E "mais do que nenhum outro, manteve-se através dos tempos como o símbolo da mulher, não no que esta tem de comum com o homem – homo sapiens - mas naquilo que a distingue, o elemento feminino por oposição ao elemento masculino". (pág. 30).

“Esta identificação da mulher com a Lua, então é coerente: o ciclo menstrual coincide com o ciclo lunar; a Lua, como a mulher grávida, enche, fica plena, repousa um instante (sabattu) e desenche (pág.72). Note-se que é destas três fases que o número três adquiriu em nós um poder mágico e ele fará a criação dos deuses de três cabeças: dos animais de três cabeças: Mas também a identificação da Lua com a mulher surge com o quarto das noites sem Lua, porque a Lua, por isso se identifica com o princípio feminino que é fecundado mas não destruído.. O quarto mau é a Lua Negra, os poderes destruidores estavam no seu apogeu.”(pág. 37).

“ E a Lua penetrou no patriarcado: Até os árabes, com o mais feroz regime para a mulher, tomaram o crescente como seu símbolo!!! E o Sinai não é mais que uma montanha da Lua, (pág. 98) cujo “Deus” era servido pelos Levitas, que ornamentavam a sua cabeça com o crescente lunar (pág. 61). (Sin era o Deus - Lua da Babilónia, pág. 97).

Octávio Canhão Bernardes diz-nos ainda: “ Não resisto a referir o complicado símbolo da serpente. Aparece, dada a sua forma e por penetrar no seio da Terra, como um símbolo fálico: “Priapo” era a serpente adorada no templo de Vesta. Mas identifica-se com a lua pela sua capacidade de “renascer”, tornar-se outra devido à mudança de pele.

“ Associava-se ainda a serpente à Lua por uma outra razão: as serpentes vivem em buracos obscuros e desaparecem nas gretas da terra e das rochas. Vivem em regiões subterrâneas que, para os antigos, confinavam com os infernos. A sua vida é secreta, misteriosa, têm sangue frio e não sentem nenhum sentimento humano. Por isso se considerou sempre que elas mantinham relações com o mundo subterrâneo e o reino dos mortos, tal como a Lua na sua fase obscura” (pág. 61).... ..

“Na Caldeia, prestava-se o culto à Grande Deusa, Magna Dea, Deusa-Lua, sob a forma de uma pedra negra sagrada, que se acredita ser a pedra venerada em Meca (pág. 51). E, interessante! “sobre esta pedra negra vê-se uma marca denominada “a marca de Afrodite”, que é uma impressão oval, representando o íoni ou sexo feminino” (pág. 51). Um cone ou uma pirâmide representava Astarte, em Pafos (Chipre). Um cone a representava também em Biblo, na Fenícia, e nas cidades de Perga e Pessimunte, na Ásia Menor.”... ..

“Logo que ela passou por uma experiência interior análoga à da prostituição no templo, as suas tendências a desejar e a possuir desapareceram, ela considera a sua sexualidade, o seu instinto como expressão de uma força vital divina de um valor inestimável, independente da sua manifestação no plano humano” (pág. 167).

Admirável contributo da Dr.^a Harding Ed.Payot, por intermédio de Octávio Canhão Bernardes, recordando a Nova Lisboa de outras eras, que nos compete não esquecer.

Pelo seu valor formativo e para saber que país herdamos, desde o Rei da Pimenta, quando mais se assertou o seu conluio com a Igreja Católica e o afastamento dos Mercadores, culminando com a introdução no País do Tribunal de Santo Ofício – até Eça de Queiroz ou ao Padre Himalaia que conquistara o Primeiro Prémio de Física na Exposição Universal de Boston de 1900, afirmando no primeiro quartil do passado século:

“Nós não somos unicamente o país idílico dos analfabetos; somos sobretudo o país de ilustrações ocas, teóricas, nulas, supremamente prejudiciais.”

Na próxima página temos algumas poderosas razões do porquê!

8. 2 – A CONSCIÊNCIA DA NATUREZA FEMININA NO NOSSO PAÍS

Recorro a alguns dos nossos melhores autores, seleccionados por Maria Letícia Clemente da Silva e Eduarda Monteiro in **TEXTOS**, 3º ano do ensino secundário, **1975**, para vincar bem a consciência que tínhamos, antes do 25 de Abril de 74, da natureza feminina no nosso país e podermos julgar os responsáveis...

“**As mulheres**” de Manuel da Fonseca, em “O Fogo e as Cinzas”.

“A casa era para as mulheres.

No fundo das casas, escondidas da rua, elas penteavam as tranças, compridas como caudas de cavalos; trabalhavam na sombra dos quintais, sob as parreiras; faziam a comida e as camas – viviam apenas para os homens. E esperam-nos submissas.

Não podiam sair à rua sozinhas porque eram mulheres. Um homem da família acompanhava-as sempre. iam visitar as amigas e os homens deixavam-nas à porta e entravam numa loja que ficasse perto, à espera que saíssem para as levar para casa. iam à missa, e os homens não passavam do adro. Eles não entravam em casas onde fossem obrigados a tirar o chapéu. Eram homens que, de qualquer modo dominavam o adro.”

“**O Almoço** “ de Luís Sttau Monteiro, in “Angústia para o Jantar”

Gonçalo entrara um dia, à ora do almoço, em casa do porteiro dum dos seus prédios. A família estava reunida em torno da mesa. A mãe e os filhos comiam batatas fritas e o pai o único bife. Foi-lhe impossível não comentar:

– Então a carne é toda para o João? A mulher saltara logo a defender a casa portuguesa:

– Carne é para quem trabalha Sr. Doutor!

O porteiro passara a manhã sentado numa poltrona, no átrio do prédio, lendo o Século, enquanto a mulher varrera a escada, limpava a casa, cozinhando e olhando pelas crianças.

– Parece que a Maria é quem mais trabalha nesta casa. O porteiro de pé, com o guardanapo na mão, esclareceu a situação. – O marido sou eu Sr. Doutor.

“**O Mundo Feminino**” de Eça de Queirós, in “Uma Campanha Alegre”.

“Em Portugal as mulheres, excluídas da vida pública, da indústria, do comércio, da literatura, de quase tudo, pelos hábitos ou pelas leis, ficam apenas da posse de um pequeno mundo, seu elemento natural – a família e a *toilette*. Daqui provém que as senhoras reunidas, conversando, giram – como borboletas em torno de um globo de candeeiro – em volta destes dois supremos assuntos: vestidos e namoros.

“ A criança – grande ouvido e grande curiosidade – absorve, como uma esponja chupa a água, tudo o que ouve dizer em redor, no concheiro das saias juntas. Espírito nascente, ávido, trabalha principalmente sobre a ideia que contém mistério. *Ver o que está dentro* –, é o ardor da criança, ou se trate duma palavra que escutou, ou de um boneco que lhe deram. Ora quais são aqui os factos que oferecem à sua curiosidade as conversas da família, mãe tias, amigas ou visitas? Que fulana casou, que aquela se separou do marido, que é inexplicável a riqueza da *toilette* de outra, que Sicrano lhe faz a corte, mas que Sicrano tem uma actriz. E, sempre os namoros, os vestidos, os escândalos, os mexericos, as histórias de paixões...

“O espírito da criança fita grandes olhos neste episódios pitorescos! E toda esta vida do mundo, de que lhe chega já nas conversas um sopro e uma vaga sensação, dá à sua pequenina alma um sopro e uma vaga sensação, dá à sua pequenina alma uma palpitação ansiosa – alguma coisa do que produz o primeiro cheiro das madre silvas nas borboletas ainda afogadas na vida inerte do casulo.

“Qual depois o resultado? Que vemos aqui meninas, aos quinze anos, falando com grande autoridade sobre casamentos, dotes. Adultérios, raptos, e afirmando que tal comédia é fresca ou que tal romance é imoral. “

8.3 – DOCUMENTO ELUCIDATIVO DA MISCIGENAÇÃO DOS PORTUGUESES

Vêm-nos de Gilberto Freire em “Casa Grande e Senzala”, Ed. Livros o Brasil, sintetizado em uma dúzia de linhas.

“Parece que para as colónias inglesas o critério da importação de escravos da África foi quase exclusivamente o agrícola. O de energia bruta, animal, preferindo-se, portanto o negro resistente, forte e barato. Para o Brasil a importação de africanos fez-se atendendo-se a outras necessidades e interesses. À falta de mulheres brancas; às necessidades de técnicos em trabalhos de metal, ao surgirem as minas. Duas poderosas forças de selecção.”

... ...

Oliveira Viana cita de Luís Vahia Monteiro, governador do Rio de Janeiro em 1730, palavras que vêm favorecer a nossa interpretação quanto a Minas Gerais: “ e pela mesma razão não há Mineiro que possa viver sem nenhuma negra Mina, dizendo que só com elas tem fortuna. Foram essas Minas e as fulas-africanas, não só pela pele mais clara, como mais próximas em cultura e “domesticação” dos brancos – as mulheres preferidas em zonas como Minas Gerais, de colonização escuteira, para “amigas”, “mancebas” e “caseiras” dos brancos. Ilustres famílias daquele Estado, que ainda hoje guardam traços negróides, terão tido o seu começo nessa união de brancos com negras Minas, vindas de África, como escravas, mas aqui elevadas à condição, segundo o testemunho de Vahia Monteiro, de “donas de casa”. Outras terão permanecido escravas, ao mesmo tempo que amantes dos enhores brancos. Preferidas como mucamas e cozinheiras”. Araripe Junior escreveu que a negra Mina se apresentou sempre no Brasil com todas as qualidades para ser “uma excelente companheira”. Sadia, engenhosa, sagaz, afectiva. “Com semelhantes predicados acrescenta Araripe, “e nas condições precárias em que no primeiro e segundo século se achava o Brasil em matéria de belo-sexo era impossível que a Mina não dominasse a situação.”

Curioso anotar que já em 1868, D. Pedro II ordenava que aos Jesuítas Brasileiros fosse determinado “que não excluam do ensino moços geralmente pela qualidade de pardos, porque as escolas de ciências devem ser igualmente comuns a todo o género de pessoas sem exclusão alguma.”

“Na tão religiosa e filosófica Índia nada mais comum do que religiões e filosofias sem Deus” A Criação é inconcebível “porque uma coisa não pode ser feita de nada” *Kapila*

“Com a doutrina de Kapila aparece pela primeira vez na História do Mundo a completa liberdade do espírito humano e a plena confiança em seus poderes,” Grabe

Shopenhauer quase incorporou o Budismo, os Upanishades e os Vedas na sua filosofia; e na vélhice Schelling considera os Upanishades *“a maior obra do espírito Humano.”*... ..

“São os nossos órgãos dos sentidos e o nosso pensamento que dão realidade, forma e significação ao mundo.”

W.Durant in “História da Civilização” Ed. C.N.N. São Paulo.

“O senso comum, fruto de evidências passivas, não penetra na realidade profunda das coisas. Na sua procura de explicar racional e objectivamente a realidade, a ciência vai ter uma luta contra o senso comum e a opinião. A ciência nasce da necessidade que o homem tem de dominar e compreender a realidade que o cerca. O conhecimento científico pretende traçar um quadro ordenado dos fenómenos naturais e humanos”

Bento de Jesus Caraça

Estamos hoje unidos na maior crise Mundial, com a mais esplendorosa expansão da Investigação Científica; é a maior oportunidade para domesticar os Deuses, triunfar do terror sagrado, frenar os exploradores-usurários dos pobres de espírito, “Elevemos o fardo à altura dos joelhos, aparecerá sempre alguém que nos ajudará a pô-lo às costas.”

9

– O ABRAÇO GENÉTICO AFRO-EURO-ASIÁTICO NA CONSCIÊNCIA DA NATUREZA FEMININA

O homem procura na natureza humana, integrado na Terra-Mãe, a consciência da sua própria essência, a plenitude do seu ser.

– À CERCA DAS MULHERES

Deu a Natureza ao touro
Os temerosos chifres;
Ao rei dos animais,
Um poço armado de dentes, uma goela aberta;
Às patas do cavalo, o vigor.
Fende o pássaro o ar; nada o peixe;
À falta de coragem,
Sabe a lebre mostrar agilidade;
Só o homem teve para si, em partilha, a prudência;
Que ficou para a mulher?
Que recebeu ela? A beleza;
É essa a sua fiel armadura,
Os seus dardos, o seu escudo;
A chama devoradora e o ferro guerreiro,
Todos devem ceder-lhe ... ela é bela!

Anacronte (Jónio, poeta báquico)

“É a luz do espírito, esse clarão subtil, torturante, ardente, eterno que, com a própria essência do Universo, constitui a suprema maravilha da criação.

Chama estranha, que uma vez insuflada num mísero antropóide, o ergue às culminâncias sublimes da Humanidade, e que, levantando mais alto a vida, nos deu a felicidade suprema de sentir e compreender a beleza, nas suas formas mais puras ou mais simples ou nas manifestações mais grandiosas; beleza cujo culto enternecido nos enobrece e redime, fortalecendo o amor pela terra e exaltando em nós o anseio de simpatia, de concórdia e de compreensão entre os homens. Não é, pois, o Sol que ilumina o nosso vasto mundo de Beleza Eterna. Esse Mundo só é visível à luz da chama mística que dentro de nós existe.”

Admirável síntese de Vieira da Natividade, agrónomo que, em Alcobaça, cuidou dos pomares, e nos ensinou a melhor nos situar perante a natureza, a arte e a vida.

Não se trata dum feito ou descoberta de um novo povo ou continente. Mas sim da proto-história da Europa, que, num dizer responsável, o é da humanização da espécie.

São essas ilustrações ocas que desde a Dinastia de Avis, e morte de Camões em 1580, convivendo com a usura da Igreja Católica, a Nação Portuguesa de conluio com a Espanha, nos fizeram regredir, à mingua de elites dirigentes, enraizando-se o analfabetismo.

A mulher que, como vimos na nossa proto-história foi deusa, esposa e mãe, mantendo a ordem, zelando pela nossa saúde e alimentação, inventando a agricultura, o tear, ensinando-nos a falar e certamente, a produzir os primeiros cantos, como os passarinhos; a nossa mãe, esposa e irmã, com as seitas religiosas foi vilipendiada e sujeita a horrores.

Ao elaborar os primeiros tapetes de junco, ao fazer os primeiros cestos ou as primeiras vasilhas de barro, dizem ser a mulher a primeira autora, ela descobre a geometria; passa a ornar os seus trabalhos com sinais geométricos, com cordões e bandas que a sua sensibilidade experimentada, a seus olhos devêm sedutoras. Mais tarde são os arquitectos e os geómetras que têm aqui a sua fonte de inspiração.

Nas festas a mulher é rainha.

A festa tem raízes fundas no psiquismo humano, no mistério desvendado dos solstícios, da influência lunar no ciclo feminino, como nas sementeiras e no crescer das culturas. O advento da Primavera ou a época das colheitas é tempo de festas; mobiliza as mais fundas energias, numa encarnação do prazer e da esperança, da necessidade de libertação.

Válvula de escape de todas as angústias, a festa encarna o maior prazer, aproximando do paroxismo.

“Insensíveis ao calor e ao pó, entregues por inteiro aos ritmos e piruetas das suas danças vivas e animadas, bailadoras e bailadores vingam-se hoje das monótonas tarefas das suas aldeias calmas e distantes; é um frenesi de vida, de acção e de movimento, uma febre de gestos e de atitudes, de poses graciosas e coleios elásticos, de pernas alçadas e de requebros de pés, instintivos, sem esforço, como se assim tivessem nascido e assim tivessem vivido, cantando e bailando, pelo tempo fora.

“As ancas peneiram sob os rins elásticos, erguendo as saias que mostram a base musculosa da perna rija e os rijos peitos saltam e bailam eles também; e dançam também argolas, pesados grilhões, nos colos morenos e dourados.

“E dança também o Sol, com cintilações loucas, nos oiros bailadores das moças em delírio, nas flores dos lenços de ramagens, nos mosaicos policromos dos pequenos aventais.

Os pés têm diabo, viram, reviram e tornam a virar, enquanto pesadas saias se torcem e contorcem como chamas serpenteando – e toda ela, a moça, é espasmo epiléptico de cintilações de cor.

O seu rosto afogueado, de olhos fulgurantes, está lambido de reflexos de oiro verde, que a beijam, movediços, em silêncio; mas ela nem disso se apercebe, alucinada como um dervixe no seu vira sem cessar...

” Abel Salazar in “Recordações do Minho Arcaico”



A MULHER AO LONGO DA HISTÓRIA

-Ardipithecus Ramidus, primeira espécie que nos separou dos chimpanzés, há 4,4 milhões de anos, na evolução, revelada pela Rev. Science de 3 de Out, 2009. À esquerda a nossa conhecida Mãe-Negra, Pelasga-Atlante.

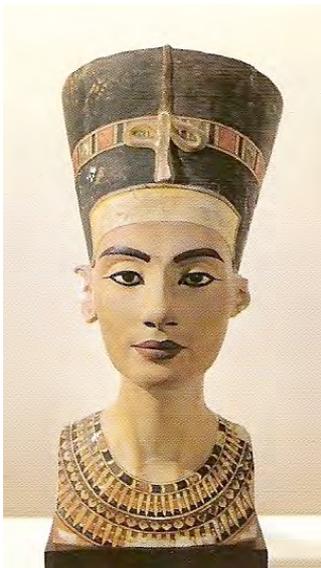


À direita a Dama de Elche.

"No parecer de Th. Reinack: " ... obra-prima, espanhola pela moda e pelo trajar, talvez fenícia pelos adornos, grega pelo estilo".

À esquerda a Rainha de Ur (c. 2700 a.C.)

" O tronco da Rainha Shubad estava inteiramente coberto de adornos de ouro e de pedras preciosas; na fronte ostentava um maravilhoso diadema..."
Nestas figuras vi: determinação, capacidade de acção e respeito, Que lhes é devido.



Rainha Nefertite,

Esposa de Amenhotep IV – o Rei Infiel, que morreu aos 18 anos. Foi certamente nesta bela figura de intelectual que o rei se inspirou para escrever a célebre poesia ao Deus Sol, abolindo, determinados, a deidade dos Faraós.

La Virgen de Hierro (Cerrada)
Na vigência da Inquisição...
In "La Inquisición – Lo que fue y lo que hizo";
Ed. Humanitas, Barcelona





O ISLÃO E O TERROR

Estas desumanas imagens da mulher e mãe Maometanas foram impostas pelo Corão e pelo Clero Islâmico.

Ainda nos nossos dias, repetidamente, desvairadas criaturas, fazem explodir bombas camufladas, como o rosto das suas mulheres, convencidos que no céu os esperam uma dúzia de virgens....

“Os sentimentos confundem-se com o princípio da consciência.”

António Damásio

Destas mulheres, a Rainha de Ur, Shubad, c.2.700 a.C. e a bela Rainha Nefertite, esposa do jovem Faraó, apelidado de Herege por ter eleito o Sol como verdadeiro Deus, nós temos sobejas notícias da sua personalidade interveniente.

A nossa Mãe-Eva Pelasga-Atlante:

Blasco Ibañez também nos fala das mulheres Túrdulas e Celtiberas, num mercado de Sagunto, com a sua admirável intuição antropológica:

“Alguns Celtiberos, chefes das tribos mais vizinhas de Sagunto, permaneciam no meio do Foro, a cavalo, sem abandonarem a lança e o escudo tecido de nervos de toiro, cobertos com o elmo de tripla crista e couraça de couro, como se estivessem em terreno inimigo e temessem uma emboscada. Entretanto, as suas mulheres, ágeis, tostadas e varonis, iam de um ponto ao outro do mercado, agitando ao andar, as vestes simples, bordadas de flores de cores vivas e, detinham-se com admiração infantil ante a mesa de algum grego que vendia contas de cristal, colares e bugangas de bronze, grosseiramente cinzeladas.

“Os mantos de linho finíssimo e de custosa púrpura roçavam-se pelos membros nus dos escravos ou pelo sagum celtibero de lã negra, preso nos ombros com fivelas. Os penteados à grega, com fitas vermelhas cruzadas, o penacho de caracóis sobre o occipital, semelhante ao chamejar de uma tocha, e a fronte pequena como sinal de suprema formosura, confundiam-se com os penteados das mulheres celtiberas, que usavam a fronte rapada e brunida para a tornar maior, e que frisavam os cabelos em torno de um pequeno pau colocado sobre a cabeça, formando um corno agudo, de onde pendia o véu negro. Outras celtiberas traziam um forte colar de aço, do qual saiam algumas varinhas que se uniam sobre o penteado, e, desta jaula que lhes encerrava a cabeça, penduravam o véu, mostrando com orgulho a fronte enorme, brilhante e luminosa como se fosse um crescente de lua.

“Aceón esteve muito tempo admirando o toucado destas mulheres e o seu aspecto varonil e belicoso. O seu fino instinto grego adivinhava o perigo ao contemplar os bárbaros, imóveis sobre os corcéis, em nome do Foro, dominando em toda a sua altura, com um olhar de ódio, aquele povo de comerciantes e agricultores. Eram aves de rapina, que para comerem e subsistirem nas suas áridas montanhas, tinham de descer à planície, semelhantes a ladrões. Rodeada Sagunto de tais povos...

“Falava-se muito da última expedição contra os Turdetanos e da grande vitória alcançada sobre eles ... haviam voltado, trazendo atrás de si um verdadeiro exército de carretas repletas de um rebanho interminável de homens e animais.”

Ainda sobre a dignificação da mulher e o papel varonil que desempenhava, como conduzir uma junta de bois a lavrar ou num carro bem carregado, vejamos costumes que ficaram até os nossos dias:

Comemoravam os Gregos, no Solstício de Inverno, o triunfo do Sol sobre os seus inimigos, o adeus ao Inverno, quando os dias começam a crescer, os velhos deixam de andar tão curvados e todos suspiram pelas novas colheitas, pela Primavera redentora.

De notar que no Norte, no Alto Lindoso, freguesia de Ponte da Barca, ainda se comemora a entrada da Primavera à maneira grega, com o carro do Ano Velho transportando um palhaço de palha e cara de pau, que vai ser queimado; e o Carro da Erva, engalanado de flores, puxado por uma bela junta de bois, com linda e rendilhada canga, conduzido pela *chamadeira*, em garridas vestes domingueiras, de vara na mão.

Depois de percorrer toda a povoação, o vira do Minho é batido, na eira comum da aldeia, a compasso ternário, com força e leveza, cantando-se também ao desafio e representando cenas cómicas, ao som da concertina, junto aos espigueiros.

Como na Grécia, festeja-se a Primavera, a esperança na fartura que a pródiga natureza oferece, quando se sabe semear...

A mulher desempenhou papel de primordial importância nesta civilização que nos legou o Panteísmo das civilizações Ibérica, Helénica, Hítita. É a ela que é atribuída a invenção da Agricultura e conseqüente sedentarismo, a arte de fiar, tecer e cuidar de ter filhos robustos. Deve ter sido ela que confeccionou a primeira samarra, de peles, usada no Cáucaso pelo cavaleiro ariano. Foi e é uma peça de vestuário imprescindível naquelas paragens, onde o que quita o frio também quita a calor e o vento das areias do deserto.

A palavra, portuguesa da Costa, tinha tanta estima que com ela foi designada uma boa cidade da margem direita do Rio Eufrates, na velha Suméria. Samarra é também palavra do **sânscrito centum** que os Hítitas nos trouxeram, pois na minha aldeia, o Lugar do Ferro, na Cova da Lã, havia em meados do século passado a loja do sr. Samarra. Se considerarmos o sânscrito língua de abundantes prefixos e se substituirmos o *Sam* por *Eta* fica Etarra., nome porque são conhecidos os Bascos.

A mulher, desde o Paleolítico, mereceu dos povos a consideração que lhe é devida e julguei de interesse referi-lo, porque na Idade Média deixou de ter esse lugar.

Até ao Nascer da Europa, tenho a imagem da Dama de Elche, algo de semelhante com a da actual Noiva de Viana; a imagem da Deusa Atena, conduzindo só um belo Carro Hítita, puxado por uma parilha de belos cavalos, pelas ruas de Atenas.

Outra bela imagem é da Deusa Atlante, mosaico de Cartago, do Museu Britânico, num belo corcel em galope de perseguição, de dardo em riste.

Esta imagem é em mosaico de pedrinhas em bruto, pouco coloridas, arte iniciada pelos Gregos no séc V a. C., em Pella, com desenvolvimento explosivo em Delos, posteriormente.

Não há dúvida que os Fenícios colonizaram Cartago a partir do séc.IX e, a partir do séc.VII, Cartago suplanta a sua Metrópole.

Os Romanos tomam Cartago em 146 a.C. A Tunísia é hoje detentora de grande colecção destes mosaicos, apelidados, numa recente publicação, de romanos. Alguns o serão, outros como este da Deusa Atlante, tal como alguns da Lusitânia, não.

Baseio-me nesta documentação, e noutra já referida, para afirmar que se é verdade que o Si (self) ariano – que devém Aqueu, Dório, Hítita, Ibero, a cavalo, armado de arco e flecha, com o sânscrito, uma cultura milenar e extraordinária capacidade de assimilação – fez a história, não é **menos verdade que foi a mulher que a humanizou.**

“ ... a esterilidade do séc.III é desconcertante.” ... “O espírito científico, nascido entre os Helenos por uma espécie de milagre, não conseguiu jamais lançar raízes entre os Romanos. É uma planta em demasia frágil. Na própria Grécia fenece rapidamente a partir do século primeiro pelo menos, ao sopro cálido do misticismo. O Neo-Platonismo, o Gnosticismo, o Cristianismo, não tarda o Islamismo, sem contar as religiões e sistemas que tiveram um destino menos brilhante, foram para ele mortais no Oriente, e com mais forte razão no Ocidente. O espírito religioso anulou a observação e a experimentação, isto é, o método científico. Substituiu-lhe a interpretação dos textos.”

É Abel Salazar que cito e conclui: **“Pode resumir-se esquematicamente esta questão dizendo que a religião romana nasceu da magia e foi a seguir elaborada, regrada e codificada oficialmente; finda numa espécie de organismo ao mesmo tempo religioso e político, uma religião de Estado, modelo da futura Igreja Católica.”**

Caminha-se para um novo sistema... “É esse fenómeno que Lot descreve quando diz: **“uma doença religiosa minava a sociedade romana, o Cristianismo. Diocleciano tinha permanecido no velho conceito de que a violência podia aniquilar a seita. Constantino, num transporte de demência, aparente ou real, vê aí uma força a utilizar, para o serviço do Estado Romano...”**”

. Lot, in La Fin du Monde Antiqué et le Debut du Moyen Age, Paris, 1927.



Este fresco de Giotto, di Bondone - 1300 **O último Julgamento**, na Capela Scrovegni, em Pádua, mostra-nos o sentido inovador de representar a natureza humana, com um realismo acutilante, numa transformação profunda - Pádua e Florença, nesta época.

Porquê tanto ódio, tanto bárbaro assassinio pelas principais seitas religiosas – a Igreja Católica, as muitas seitas do Islão, durante séculos????!!!

Estes irresponsáveis criminosos não tiveram mãe?

Não chuparam no seu seio a vida? No seu olhar, na persistência com que a mãe teceu, deu cor e geometrizou, talhou e coseu as suas primeiras garridas vestes; no amor com que aprenderam as primeiras palavras; na música celeste da alegria do seu cantar, tal como os passarinhos e o galo o faziam, olhando o Sol nascer no horizonte e iluminar a pujança da Natureza, ensinando-nos a ver, ouvir e pensar, como a Mãe da nossa Mãe já fizera?

Porque fritaram mulheres de seis anos e grávidas, em azeite?

Shakespeare (1564-1616) não o esqueceu na sua mais bela obra – Hamlet.

O poeta e dramaturgo William Shakespeare, não descuro para a história o tema a Mulher da Europa, e recentemente a nossa compatriota Anabela Mendes, in “A Missão e outras peças, tradução e prefácio; ed. Apaginastantas, Lisboa 1982, lembra-nos:

... .. “Ofélia (Coro / HAMLET)

“Eu sou Ofélia. Que o rio não guardou. A mulher na forca, a mulher com as veias cortadas, a mulher com uma dose (de narcótico) em excesso. Sobre os lábios de neve a mulher com a cabeça no fogão de gás. Ontem deixei de me matar. Estou só com os meus peitos, as minhas coxas, o meu ventre. Dou cabo dos instrumentos do meu cativo – a cadeira, a mesa, a cama. Destruo o campo de batalha que foi o meu lar. Rebento as portas para que o vento entre e o grito do mundo. Despedaço a janela. Com as minhas mãos sangrentas rasgo as fotografias dos homens que amei e que de mim se serviram na cama, sobre a mesa, na cadeira, no chão. Pego fogo à minha prisão. Atiro as minhas roupas ao fogo. Desenterro do meu peito o relógio que foi o meu coração. Vou para a rua, vestida com o meu sangue.”

Comentário; A capa da Time, primeira semana de Agosto de 2010, traz a ” foto de Aish, a Afegã a quem o marido, militante islamita, cortou a ponta do nariz e as orelhas por tentar fugir ao regime” :::
... .. Foto de Jodi Bierer título; “Wat Happens if we leave – Afghanistan”

A Europa do séc.VI levou Gregório Tous a dizer: A Europa é um “*mundus senescit*”.
Para o papa Gregório Magno, que morre em 604, “o corpo é a abominável vestimenta da alma.” “A arma envenenada de Belzebu.”

”Santo Agostinho tem a mulher como instrumento do Diabo, vê desejo, fascínio na sua face dúplice. Dupla face ainda quando representando corpo divino e corpo do mal”.

Sabemos como os maometanos tapam a mulher, nos dias de hoje. Até quando?!

A mulher não só humanizou a história como, com o seu sorriso, beleza e olhar, transmitiu a alegria de viver, o encanto do seu amor, um convívio e frescura de sentir, também propício à educação dos filhos. No seu sorriso inteligente, que troca com os filhos, ávidos de aprender desde tenra idade, ensina a arte de comunicar, de viver, de amar.

O encanto da mulher está na vivacidade do seu espírito, na arte de sorrir, de se apresentar, de transmitir às palavras e aos gestos a delicadeza dos seus juízos, da sua capacidade de sofrimento, de vencer as agruras da vida.

Dostoievsky escreveu:

” *Se Deus não existisse, tudo seria permitido.*” P. Satre comenta:

“ *É esse o ponto de partida do existencialismo. Com efeito, tudo é permitido. Se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem encontra-se abandonado...; dito de outro modo, não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade.*”

De facto, tudo foi permitido à determinação do homem. Sozinho pôs-se de pé, cresceu numa natureza hostil entre outros animais seus inimigos, erguendo sempre o facho da espécie, dando um sentido à vida. Durante milénios aceitou curandeiros, sacerdotes, seitas, igrejas, hierarquias criando poder, organizando-o; os iluminados vestindo vestes de seda, coloridas e bordadas a ouro, barretes condizendo – a tiara e o manto - munidos de um rico bastão e sempre ladeados de hierárquicos, também de vestes douradas, impressionando, tal como o pavão, abrindo o seu leque multicolor, percutindo atenção – num espectáculo agradável à vista. Não dispensam grandiosos e luxuosos palácios e bancos, a música e o canto adequados, invocando que quem nos criou foi Deus, Senhor do céu e da Terra.

O que não é verdade, depois de Darwin e Mendel terem estruturado a Teoria da evolução das espécies, o governo dos povos e a **nova cultura – audiovisual, a Internet e a informática – terem banido a identidade Cristã da Velha Europa.**

“A liberdade é o ser do homem. O homem não pode ser ora livre, ora escravo; ele é inteiramente e sempre livre, ou não o é.” Jean-Paul Satre

Com Kierkegaard (1813-1855) e Jean-Paul Satre (1905-1980) é a existência que se coloca no centro de toda a Filosofia; os valores que nos regem são da responsabilidade da Humanização que fomos capazes de ir criando, num caminhar de milénios, de sucessivos presentes e civilizações. Simone Beauvoir também nos diz: “O homem é o único e soberano senhor do seu destino, se efectivamente quiser sê-lo” .

Vi, há poucos dias, um documentário, muito bom, sobre a inteligência dos chimpanzés, conduzido por um casal de cientistas, que quis aprofundar o facto. Após reconhecer as capacidades por eles usadas, no seu seguimento e relações de aproximação, resolveram **ensinar-lhe noções de Matemática.**

Breve, com toda a naturalidade, o amigo Chimpanzé aprendeu a distinguir objectos de um a cinco . (Não me apercebi se o tratavam já, intimamente, só por Zé).

Transpondo para os humanos, eu vejo que a responsabilidade do facto de os nossos actuais alunos de matemática terem uma média de cerca de cinco valores, numa escala de zero a vinte, é da incapacidade dos professores de matemática e não dos alunos.

Cursos há, como o de Direito, que não têm esta disciplina no seu curriculum. Será por esta razão que cosem os apêndices dos processos e os amontoam em milhares de páginas, sem saber quantas são, pois no simples caso de meia dúzia de pedófilos da Casa Pia, de julgamento iniciado já lá vão seis anos e, hoje, Novembro de 2010, ainda se não vê o fim? Com Justiça assim, nenhum país pode progredir!

Com o Bispo Auxiliar do Cardeal Patriarca a aconselhar as nossas principais empresas a bem investirem os seus capitais, com um saber de experiência feito, digo eu; pois em 2007 investiram atempadamente, cerca de setenta milhões de euros, no rendoso negócio de Fátima.

Assim, recebendo ouro, notas e cera a troco de esperança em milagres, em curas, missas e sermões, sempre unidos ao poder até há pouco, assim, damos lugar ao aparecimento de novas I.U.R.D, OPUS DEI, com um representante governando cerca de uma dezena de anos os Açores sem nada ter feito pela gente do bairro Rabo de Peixe, em Ponta Delgada.

Esta pobre gente, aqui nascida, tem à frente o Mar, nas costas terra agrícola ubérrima. Única actividade dos utentes: fazer filhos em miúdas com menos de dezasseis anos, muitas passam a dezena de filhos. Numa visita que fiz a Ponta Delgada, no dia que foi entronizado novo bispo, a sua primeira declaração foi a proibição do uso do preservativo.

Estamos na terra de Antero de Quental, espírito clarividente, participante activo nas causas da decadência do País. Desiludido, voltou à sua terra. E, num banco do jardim, no largo da cidade, encostado a um muro, à frente o Oceano, tem uma lápide, testemunho da maldição a que a usura de dirigentes e seitas condenou, em milénios, o povo português.

A primeira grande crise da usura causada na Europa acontece com o fim do Império Romano, fiel aliado da Igreja Católica Apostólica Romana; a segunda é da responsabilidade desta mesma entidade religiosa e dos governos de então, denunciada pelo espírito clarividente de Lutero. A terceira provocou a Revolução Francesa de 1875, exigindo a separação da Igreja do Estado.

O Marques de Pombal extinguiu o **Santo Ofício** em 1821 e o Palácio da Inquisição foi demolido para a construção do Teatro Nacional.

“ Chaque génération aime se reconnaître et trouver son identité dans une grande figure mythologique ou légendaire qu’elle réinterprète en fonction des problèmes du moment : (Edipe comme emblème universel, Prométhée. Faust ou Sisyphe comme miroirs de la condition moderne. Aujourd’hui, c’est Narcisse qui, aux yeux d’un nombre important de chercheurs, tous particulièrement américains, symbolise le temps présent (...)

Gilles Lipovetsky

Fernando Pessoa elucida-nos:

*O único sentido íntimo das coisas
É elas não terem sentido íntimo nenhum.*

*Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu creditasse nele, sem dúvida que viria falar comigo.
E entraria pela minha porta dentro, dizendo-me aqui estou!*

*(Isto é talvez ridículo aos ouvidos,
De quem, por não saber olhar para as coisas,
Não compreende quem fala delas.
Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)*

Mas se Deus é as flores e as árvores

*E os montes e o Sol e o luar.
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora.
E a minha vida é toda uma oração e uma missa.
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.*

*Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes, o luar e o Sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores e montes e Sol e luar;
Porque se ele se fez, para eu o ver,
Sol e luar e flores e árvores e montes,
Se ele me aparece como sendo árvores e montes
E luar e Sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e Sol.*

*E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?)
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e Sol e flores e árvores e montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda a hora.*

F. Pessoa

– O LADO ESCURO DA NATUREZA HUMANA

O homem é o grande parasita da energia captada pelo mundo vegetal. Devia ter sempre presente este facto, mesmo esquecendo que o mundo vegetal é templo sagrado onde o homem pode colher o mais puro deleite espiritual.

Mas a aventura e a ganância do homem europeu, que há pouco mais de um século demandou outros continentes, já apetrechado com as técnicas da civilização ocidental, leva-o longe na destruição dos ecossistemas ocupados.

No continente americano ocorreu, então, a mais trágica e brutal destruição da flora e da fauna, que em toda a história da humanidade teve lugar.

Lembro-me que li, salvo erro em *Vinhas da Ira de Steinbeck* (The Grapes of Wrath, prémio Pulitzer, 1939 e Prémio Nobel da Literatura em 1962), que num estado em que fora eliminada a Floresta e implantados extensos campos de cultura, em dadas alturas, as poeiras levantadas por fortes ventos tinham tal intensidade que tapavam os raios solares, em pleno meio dia.

Os ocupantes indígenas, os Índios, utilizavam somente alguns dos melhores tratos dos vastos campos com a agricultura, tendo nos corpulentos bisontes abundante reserva alimentar, de fácil presa. Homens e bichos integrando-se nas condições naturais em equilíbrio dinâmico, há séculos.

Nos primeiros tempos da ocupação branca destes territórios, os índios foram deles expulsos e passaram a ter no Bisonte a primordial fonte de sobrevivência.

Breve, porém, com as exigências das matérias-primas do mercado, a nível mundial, a ocupação territorial tornou-se extensiva e, com ela, a necessidade de eliminar os senhores da terra, os Índios e os Bisontes.

A eliminação dos bisontes, além de necessária à ocupação agrícola, reduzia a possibilidade de sobrevivência dos índios. Deu-se pois caça a uns e a outros. Nos portos acumularam-se montanhas de peles secas de bisonte, aguardando embarque para a Europa. Por vezes só tiravam do bicho a pele e a língua, apreciado pitéu.

A determinação nesta caça ao homem e ao bisonte foi tal que, assim, abertos à migração – quem emigra são sempre os mais inconformados, mais ousados, mais capazes de todos os povos com excedentes populacionais – assim, miscigenando-se, a população branca, continuando com os negros em *apartheid*, nasceu a nação mais poderosa do mundo.

Detenhamo-nos também no que se passou nas ilhas Galapagos, a cerca de um milhar de quilómetros da América do Sul.

Ilhas que eram ainda relíquias vivas de um passado muito distante. Constituíam um isolado recanto da Natureza onde os fenómenos da evolução da flora e da fauna ofereciam copiosa informação à investigação científica.

Darwin concebeu nestas ilhas parte da sua célebre teoria, quando, em viagem de estudo, em 1835 aí aportou, Viviam neste paraíso, isento de povoamento de mamíferos depredadores, espécies já desaparecidas noutros lugares. Quando, no século XVI, foram descobertas pelos espanhóis, passaram estas ilhas a suportar o povoamento humano.

Com a introdução do cão da cabra do porco e do rato iniciou-se a degradação acelerada da flora e da fauna, até então em equilíbrio durante tantos milénios. Ao homem também cabe larga responsabilidade

Entre as espécies mais rapidamente exterminadas conta-se a tartaruga gigante, com a carapaça atingindo metro e meio e de cujo corpo se podiam extrair cinco a dez litros de óleo. Descoberta esta fonte de gordura, centenas de navios, regularmente, demandavam a ilha, destruindo, segundo alguns autores, mais de dez milhões de inofensivas tartarugas, organizando-se expedições com esse fim único.

Outras espécies de aves, plantas e animais, em outras partes do mundo, onde a ganância e a aventura levaram o emigrante europeu, sofreram igualmente depredações monstruosas.

Segundo Dors “ Desde 1860, a Inglaterra recebia anualmente, só para si quinhentas e cinquenta mil toneladas de marfim, o que representa um número de elefantes tanto mais importante quanto já rareavam as grandes pontas.

Livingston refere que nessa época, o peso médio das pontas era de 6 a 7 quilos, sendo mortos indistintamente animais adultos jovens e fêmeas. O tráfico, que atingiu um valor máximo entre 1880 e 1910, fazia-se então sobretudo pelos portos do leste africano que embarcavam os produtos vindos do Quênia, do Tanganica e do Congo Belga.”

Como refere Jeannin (1947), no Congo as defesas de 60 a 70 quilos não eram raras no início da ocupação europeia, sendo o peso médio de quinze quilos; este peso desceu a dez quilos em 1890, a oito em 1910 e a seis quilos em 1920. Por 1880, sessenta a setenta mil elefantes eram mortos anualmente para satisfazer as exigências do mercado; as destruições deviam, porém ser mais numerosas porque uma certa porção, não comerciável, era trabalhada localmente.”.

Julgamos de interesse conhecer estas facetas do desenvolvimento da civilização ocidental para que mais conscientes, tracemos as rotas do futuro, senhores de conhecimento tão mais profundo e tão generalizado dos fenómenos desencadeados e dos múltiplos efeitos, quanto pudermos. As consequências dos procedimentos do dia a dia passam por vezes despercebidas da grande maioria e, se não são dados, ouvidos às vozes raras dos peritos conscientes, criando situações altamente lesivas do património cultural da humanidade, situações muitas vezes irreparáveis.

Nota: Fui colaborador do Jornal “ A Província de Angola” Luanda durante alguns anos. Este artigo, que hoje encontrei entre os meus papéis, foi nele publicado no dia 11.8.1972; julgo que valeu a pena dactilografá-lo novamente.

10 .1 – RAINER DAEHNARDT E O MUNDO PORTUGUES

E, ainda, com esta doutrina lembrei-me do meu amigo Rainer Daehardt, Presidente da Sociedade Portuguesa de Armas Antigas, o organizador daquela Exposição na Cordoaria, aquando da EXPO do Mundo Português de 1998; intelectual, homem de História e grande colecionador de armas.

Com a devida autorização, da revista “Nova Acrópole, nº 68 com o Título: “*Em busca de Cristãos e Especiarias*”- “*Das raízes de Portugal ... às razões da sua expansão*” vou reproduzir duas páginas, com gravuras que sintetizam as suas ideias sobre a diferença entre a nossa longa colonização pelas sete partidas do Mundo e a dos outros povos.

Rainer Daehardt, no Texto:” O Porquê de uma Mega Exposição” Diz-nos:

“Há já longos anos que vivemos debaixo de uma lavagem cerebral permanente que mais não deseja do que a estupidificação das massas. Assistimos a uma inversão de valores, tanto éticos como morais, ao mais alto nível. A verdade passou a ser inconveniente. A mentira, e a sua prima muito chegada, a interpretação tendenciosa, ocupam os lugares de chefia, tanto nos media – para entreter o público com problemas secundários devidamente empolados – como no ensino, onde já não se deseja o aparecimento de capacidades pensadoras filosóficas, mas simplesmente o obediente e submisso “Crê e não aprofundes”, preparador de gerações de escravos.”



A riqueza de Portugal, no séc. XVI, veio essencialmente do negócio das especiarias. Ao serem adquiridas directamente nos países produtores e transportadas para a Europa, anulavam-se muitos intermediários.

Uma vez chegadas a Lisboa, as especiarias eram vendidas na Praça do Comércio, em leilão público, deixando os comerciantes estrangeiros, em livre disputa de mercado, estabelecer os preços das suas arrematações. Isto teve como consequência uma diminuição significativa dos preços que até então se praticavam. Tal facto, por sua vez, possibilitou a um mais vasto leque de populações o acesso a estas mercadorias. Outra consequência foi a novidade introduzida na alimentação, que fez aumentar drasticamente a procura.

A maioria do ouro e da prata que entravam em Portugal no séc. XVI, era dos comerciantes das outras capitais europeias, que aqui arrematavam produtos de origem longínqua, a preços mais baixos do que Veneza alguma vez oferecera.

O pote das especiarias simboliza a origem da riqueza quinhentista portuguesa. Não é por acaso que a alcunha europeia, então dada a D. Manuel I de Portugal, era “O SACO DE PIMENTA”.

Col. Rainer Daehnhardt

... .. “Deus foi substituído pelo Dólar”

Numa Exposição na Cordoaria Nacional, em 1997: “Ali se reuniram uns dez mil objectos e documentos, provenientes de todo o mundo e espalhados por cerca de trezentas vitrinas numa sala com outros tantos metros de comprimento.”

... .. Rainer Daehnhardt termina assim:

“ Nós somos a geração que ainda têm conhecimento da existência de uma identidade portuguesa e de um país que se chama Portugal. É nossa obrigação transmitir esse conhecimento aos nossos filhos e netos, mesmo que a sua existência seja oficialmente posta de parte como se de velhos trastes se tratasse.

Cabe a nós ver a exposição que dá acesso a isto tudo e que permite que cada um chegue às suas próprias conclusões. Não o fazer é tornarmo-nos cúmplices do enterro de Portugal

”Rainer Daehnardt. . Investigador Histórico”

(“Bebe o ouro, insaciável cristão! Gravura a cobre quinhentista de De Bry, Frankfurt”)



Outras nações europeias começaram a expandir-se na mesma época que Portugal. A origem das suas riquezas era, porém, bem diferente! Com o propósito de salvar as almas aos povos indígenas e de introduzir a então chamada “fé única e verdadeira”, estabeleceram-se impostos a estes povos, com os quais se pagavam as despesas tidas com as armadas enviadas. Da imposição desta ordem régia ao simples saque desenfreado, foi um passo. Culturas e Religiões foram destruídas, os ídolos em metal precioso tirados dos túmulos e esmagados, as jóias eram arrancadas à força. Todo o ouro que se encontrasse era derretido e transportado para a Europa em forma de barras. Estas eram refundidas e cunhadas em moeda.

Cometeram-se atrocidades que em nada beneficiavam a religião que se queria introduzir. A lei do mais forte impôs as suas regras provocando o ódio e a desconfiança. A expansão portuguesa teve episódios negros e também se cometeram crimes e injustiças, mas não se pode comparar com o que os outros países então faziam sistematicamente!

A principal diferença entre a forma da expansão portuguesa e a das outras nações era a orientação religiosa, ética e moral dada pela Ordem de Cristo, facto que não teve paralelo entre as outras nações europeias.

Rainer Daehardt, historiador, com esta imagem destrinça a colonização portuguesa cordial e muitas vezes miscigenando-se com os nativos, constituindo família, da inglesa na Índia, como na América.



Uma obra que narra muitos casos extraordinários de coragem e heroísmo dos portugueses e dá a conhecer as armas de ambos os lados combatentes

A História de Portugal encontra-se repleta de actos de bravura e heroísmo que são demonstrados em situações que desafiam a lógica. O que tornou isso possível e com que armas se confrontou um tão escasso número de portugueses contra exércitos substancialmente superiores?

O estudo comparativo do armamento utilizado esclarece as razões pelas quais foram assumidos certos riscos. Porém, a superioridade das armas lusas não explica tudo. Sem dúvida que a razão principal reside na coragem, qualidade, fé e convicção dos homens que defendiam as suas vidas, bem como a sua lusa identidade.

«Não houve outra nação a par da portuguesa que, com tão poucos homens, tivesse escrito páginas tão significativas na História da Humanidade.»

Alguns Feitos Históricos Surpreendentes Relatados Neste Livro

600 PORTUGUESES defenderam a fortaleza de Diu num cerco de vários meses contra 70 GALÉS TURCAS e um exército de terra de 23.000 HOMENS. Após a perda de milhares de homens os turcos desistiram, considerando os portugueses invencíveis. No final do confronto restavam apenas 40 guerreiros portugueses capazes de lutar.

UM PILOTO PORTUGUÊS veio da Índia para Portugal num pequeno barco a remos com uma só vela, tendo o Rei D. João III mandado queimar a minúscula embarcação para não constar que uma viagem destas fosse possível.

UM PORTUGUÊS desafiou sozinho um EXÉRCITO TURCO DE MILHARES DE GUERREIROS para recuperar um capacete perdido que lhe tinha sido emprestado.

CINCO PORTUGUESES tomaram uma GALÉ TURCA DE 150 GUERREIROS.

DOIS PORTUGUESES defenderam um baluarte em ruínas contra 700 TURCOS, impedindo a sua tomada.

120 PORTUGUESES conquistaram uma fortaleza defendida por um exército de 50.000 GUERREIROS.

Podemos lembrar-nos de Goa, com a sua Universidade e peculiar cultura, lembrada por muitos goeses residentes em Portugal, deslocando-se com certa regularidade à terra em que nasceram, mas voltando ao nosso país, para onde trouxeram filhos e o desejo de continuarem portugueses.

O paradigma da colonização inglesa ficou bem marcado na Índia com o papel desempenhado pelo Mahatma Gandhi, assassinado em 1948.

Tendo cursado Direito em Londres viveu depois na África do Sul onde fortaleceu melhor ao conhecimento do colonialismo internacional e amadureceu o seu posicionamento político. De regresso ao seu país filosoficamente enveredou por o Hinduísmo, despreendimento dos bens terrenos, vida austera, combate à usura, civismo, humildade e persistência.

Em 1920 organiza o 1º Congresso Nacional Indiano, defendendo restrições à colonização, à produção de matérias-primas como o algodão, enviadas para Inglaterra para a manufactura e fabrico e devolvidas à Índia para o seu consumo. Apesar de ter sofrido prisão as suas ideias e comportamento foram vingando.

Um dos seus aliados J. Nehru, filho de Motial Nehru, líder do Movimento Indiano para a Independência, aliado do movimento de Não-Cooperação de Gandhi, é eleito primeiro-ministro, após a Independência da Índia em 1947.

O Caso da Índia, como o do nosso deambular pelo Mundo, é paradigmático e Rainer Daehnhardt, de uma família enraizada pela via diplomática neste pétreo rectângulo onde o Sol europeu mergulha no Oceano, é um apaixonado activo e consciente do nosso passado.

Critica o provincianismo e marasmo actual, respondendo presente com o novo trabalho:

“Homens, Espadas e Tomates”- Feitos Heróicos dos Portugueses nos Descobrimentos; As suas Armas e as dos seus Adversários” Ed. Zéfiro, 2010.

Solicitei-lhe a publicação da contra-capa do seu último livro, para melhor firmar o interesse nacional de coroar a sua vida de investigador e coleccionador, com uma equipe adequada, a conceber o erguer, no Cabo Espichel, a réplica do Palácio de Cnosso, com reproduções das suas pinturas conhecidas em lugar de relevo o disco de Festos, com a escrita Cretense Linear A de c. séc XVI a.C.

A nação da cor da Terra.

*“ E se eu falar de exílios mergulhado em dambas
ou penetrar florestas de humidade alheia
ou me dessedentar em águas que me expulsem
por lhes negar respeito e vê-las fáceis
ainda assim recordarei montanhas
quando a manhã me recordar cacimbos
e saberei que estas imagens novas
por serem espelho de outras me pertencem
como se vê-las fossem a minha origem”*

Rui Duarte de Carvalho

– “EUROPA Y AFRICA JUICIOS FEDERALISTAS”

Foi-me dado conhecer o Caderno de Estudos Africanos, nº 23, do Instituto de Estudos Políticos, Madrid, **1953**. No 1º artigo com o título supra indicado diz-nos:

“Amplas meditações requerem numerosos problemas na Europa. Ora bem, não é este o lugar de inquiri-los e de exorciza-los. Reflexões interessadas acentuam a angustiosa contestação da limitação de meios do nosso Continente. Acaso se ofereça como consoladora perspectiva a urgência de entroncar o balanço europeu no acervo africano. Esta grande lição é perseguida pelos grupos federalistas europeus. O leitor com curiosidade conhecerá as linhas do chamado Plano de Estrasburgo.

... Em primeiro lugar trata-se de saber se a emancipação gradual de África se fará contra a Europa ou com ela, as suas expensas e por sua iniciativa ou fora do sistema colonial, “condenado pela evolução e pela Carta da O.N.U.

” Há uma circunstância a notar: a lição da Ásia... ... A Holanda viu-se obrigada a conceder a independência à Indonésia em 1948; a França foi posta em cheque pela Indochina em 1946, com um pressuposto de guerra de 500 mil milhões de francos e um saldo humano de 30000 mortos; a Grã-Bretanha conhece dificuldades na Malásia. Por outro lado, a Inglaterra, ao outorgar a independência à Índia e ao Paquistão pôde manter estes países na órbita do Commonwealth e desta maneira conserva uma grande parte dos seus interesses (em 1948, 70% dos capitais investidos na Índia era britânico) uma grande influência cultural e um influxo político. Com estes feitos, fácil é chegar a esta conclusão: se a Europa quer definir a sua atitude frente a África tem de ter presente que a manutenção pela força do sistema colonial leva ao risco de secessão; e por outro lado uma associação do tipo Commonwealth só é possível tomando a dianteira numa política preocupada com as aspirações dos povos. Pois bem, admitida a importância de África para a Europa, não devemos deixar de assinalar a presença europeia no espaço africano.

... “ no Daily Telegraph “A grande massa dos africanos vive numa alegre ignorância dos grandes problemas que se discutem sobre a sua cabeça” não obstante, já se conhecem as aspirações e necessidades africanas: recorde-se o papel dos movimentos que se formaram quase por todo o lado...

...Mas há urgências iniludíveis. Neste caminho se insere as necessidades económicas e sociais, naturalmente ... nesta conjuntura, as grandes linhas dum programa de impulso com a ajuda da Europa podem consertar-se sobre estes quatro pontos. 1º assistência técnica, 2º luta contra as enfermidades, 3º luta contra o analfabetismo, 4ª reforma agrária.

“... Ora bem; todo este esforço – enorme no nosso entender supõe meios consideráveis, desde o ponto 4º a assistência técnica da ONU e uma política consertada das potências coloniais europeias. E se certos matizes dos negócios africanos foram objecto de atenção de conversações internacionais o seu alcance deve ser conseguido.

“... A América do Norte com o seu tradicional anti colonialismo surge às elites indígenas melhor apetrechada que a Europa para uma ajuda técnica e económica.

... Assim, pois, trata-se de conseguir uma conduta europeia positiva afim de assegurar a permanência – económica, social e cultural – da Europa e a presença activa de minorias europeias. Isto implica que o nosso pensamento preste a nossa acção uma série de interrogações.

“...todavia chega-se à aceção de um verdadeiro federalismo para a constituição futura dos Estados Unidos da Europa e da África. Estes projectos atraíram a adesão do *Congresso dos Povos*.”

... Em 14 de Agosto de 1950 foi introduzida por R. W. Macay na Assembleia de Estrasburgo uma resolução pedindo uma Assembleia Constituinte para a África, afim de chegar à formação de uma livre e igual associação entre uma Europa Unida e uma unida África. O chamado Plano de Estrasburgo põe em pé uma nutridíssima bibliografia nas revistas e periódicos.”

Salazar, sempre isolado, ligou-se a Franco e, nem mesmo depois a queda de Goa, Damão e Diu, nada assimilou.

11 . 1 – O ESPÍRITO TACANHO DE SALAZAR, NA DESCOLONIZAÇÃO

Como já referi, vivi um quarto de século em Angola, onde cresceram e estudaram os meus oito filhos, tendo, filhos e genros provado as masmorras do M. P. L. A., conquanto militantes de esquerda.

Quando do 25 de Abril de 2007, exultei com a possibilidade de independência ou autonomia da terra onde nasceram e estudaram os meus filhos, fazendo parte de um pequeno grupo de estudo e participação cívica, lembramo-nos, no dia 25 de Abril de comemorar a Revolta, no Sindicato dos Ferroviários, no já próximo 1ª de Maio. Urgia trabalhar para que assim fosse. Lembrei que devíamos convidar o Professor Henrique de Barros, cunhado de Marcelo Caetano, então trabalhando na Estação Agronómica de Angola e na Faculdade de Agronomia, ambas funcionando nos arredores de Nova Lisboa, onde eu trabalhava.

O chefe do nosso grupo, David Bernardino, médico e musicólogo, que ficou e veio a ser assassinado pela Unita, diz-me: vá lá convidar o Senhor, V. que o conhece.

Fui recebido pelo Professor Henrique de Barros, que me deixou desbobinar todo o entusiasmo pela independência ou autodeterminação de Angola.

... E responde-me, com determinação:” *Vou, com muito prazer! Mas o senhor fique sabendo que não fica em Angola um único branco!*”

Realizou-se a manifestação de regozijo, todos discursamos; poucos dias depois, passa por lá o Dr. Almeida Santos, optimista, como sempre.

Poucas semanas passadas, ofereci um bom carro ao encarregado do Aeroporto, que era quem sabia quem precisava embarcar, e voei para a terra mãe, tendo deixado os filhos mais velhos, que já frequentavam a Universidade, em Luanda.

O professor Henrique de Barros veio a ser o primeiro Presidente da Assembleia Constituinte.

Há, porém uma coisa que mal compreendo: a tacanhez espiritual dos nossos governantes. É certo que o Padre Himalaia, que obteve o primeiro Prémio em Física na Exposição Internacional de Boston, em 1900, faleceu em 1930, nos diz.

“Portugal não é só um País idílico do analfabetismo, mas sobretudo de iminências ocas, sumamente prejudiciais.”

Duas delas serão o dr. Oliveira Salazar e o Cardeal Patriarca, legando-nos, no século passado, o Santuário de Fátima que nos salvou do Comunismo, conquanto ainda tenhamos o maior partido Comunista da Europa e os Sindicatos eivados de tal peste, que até a China de Deng Xiaoping se livrou, já.

– “ A ACTUAL CRISE MUNDIAL”

“ O actual Sistema Europeu, depois do seu desenvolvimento mundial, não cabe já no quadro do conceito de nações, nem nos quadros políticos que lhe correspondem. A máquina é demasiado vasta, demasiado complicada para esse conceito e para esses quadros; os problemas postos por ele ultrapassam e transcendem em muito, e de há muito, esses quadros e esses conceitos. O filho é maior e mais complicado que a mãe, e a mãe não sabe já como abraçar o filho.

Sob o ponto de vista económico, sob o ponto de vista social, intelectual e emotivo, a Europa actual transcendeu a sua orgânica histórica e os seus quadros políticos; ela tende a sair fora dos limites do seu Sistema Histórico: – tende para outro Sistema Histórico.

“Mas reage contra esta própria tendência, contra este movimento; porque outro Sistema Histórico significa outra civilização, outro elo na grande cadeia Greco – Europeia.

Assim oscila constantemente entre estas duas tendências, entre estes dois movimentos, e dilacera-se nesta constante oscilação, nesta perplexidade aguda. Ela quer um absurdo e um paradoxo: meter o mundo e o Futuro nos quadros do seu actual Sistema Histórico.

Ora este é já o passado, porque findou o seu período áureo; e o Presente é já o Futuro, porque o declínio de um Sistema, no seu período de decadência, é, como vimos, ao mesmo tempo o prelúdio de um novo Sistema. Por essa razão, a decomposição, a degradação actual está grávida do futuro; a Europa actual contém em suas entranhas um mundo novo, uma nova civilização. Por essa razão, igualmente ela tende para um novo conceito, sem poder defini-lo. E por essa razão ainda, num reflexo instintivo de vida e de conservação, ela reage, e tenta conservar o seu próprio Sistema. Mas as duas coisas são incompatíveis; uma aniquilará a outra.

A vida da Europa, por um lado, pertence, como entidade histórica, ao seu Sistema actual; mas, por outro lado, este faz parte de um complexo mais vasto, que é o grande Sistema Greco-Europeu. Ora a vida deste exige a morte daquele, como exigiu a morte da Grécia e a de Roma. E assim a Europa não poderá fugir à lei implacável.”

Abel Salazar

Admirável intuição! E este nosso ínclito investigador não sabia da existência em território da Beira Interior da “Enigmática” Torre de Centum Celas e do Primitivo Templo Grego de Almofala Devo acrescentar que este livro “A crise na Europa” de Abel Salazar foi traduzido para Sueco e adoptado no sistema de ensino deste País, como introdução à cadeira de História. Vale a pena debruçar-nos um pouco mais sobre esta crise, que vêm de longe.

Roger Martin du Gard, Prémio Nobel, referindo-se ao que cada um acredita e afirma, diz-nos: “é talvez útil que existam alguns que hesitem, ponham em dúvida e questionem – mentes independentes que escapem à fascinação de ideologias partidárias e cuja constante preocupação é a de desenvolver as suas consciências individuais afim de manterem um espírito inquiridor tão objectivo e liberal quanto lhe seja humanamente possível”

... “ a fascinação de ideologias partidárias”....

É incrível o que ocorreu no século passado neste sentido – a que, em linguagem hodierna, podemos chamar **Clonagem espiritual**.

O Nazismo, com o holocausto e cerca de cinquenta milhões de mortos. O Comunismo; as clonagens paroquiais de Mussolini, Franco, Salazar e outros; no que respeita às crenças religiosas, o espectáculo é confrangedor, a nível nacional. As mais recentes: Igreja Universal do Reino de Deus conquistou em trinta anos, as melhores casas de espectáculo de todas as vilas e cidades do País; quem quiser melhor conhecê-la ligue o rádio; As Testemunhas de Jeová; a nível de quadros superiores a Opus Dei etc. etc.

E, no panorama mundial, o recrudescimento dos Kamikases, a caminho do Céu, onde o esperam uma dúzia e meia de virgens...

Associado a toda esta clonagem espiritual está o fascínio da multidão, no Magno espectáculo realizado na Praça de S. Pedro em Roma, aquando da morte do Papa e a eleição do novo Pontífice. Magno, pelo apogeu, pela cobertura mediática e pelos meses de duração.

As guerras Santas começaram com as Cruzadas e a Inquisição, tão santas como as actuais, doutrinando os espíritos desde tenras idades, mergulhando-nos no terrorismo que, hoje, dizem conduzido por Al Qaeda, no Iraque, na Terra Santa, como por todo o mundo, neste início do sec. XXI.

“ A formação de um reino depende primordialmente do tempo e do lugar em que nasce, das partes que o compõem e das circunstâncias exteriores que o rodeiam”

“A mais alta compreensão, como Espinosa iria dizer, é a percepção directa, o discernimento imediato; é, como diria Bergson, a intuição, a visão interior quando o espírito deliberadamente fecha as portas aos sentidos externos.

“Brahman furou as aberturas dos sentidos de modo que se abrissem para fora; por isso o homem olha para fora e não para dentro de si mesmo; alguns homens sábios, entretanto, com os olhos fechados e o desejo na imortalidade, vêm para dentro.” W.Durant.

Para Espinosa, a ideia verdadeira contém em si própria a certeza, tal como as ideias basilares das matemáticas.

“A filosofia de Espinosa abate de um só golpe todas as raízes dos nossos preconceitos metafísicos e religiosos, pelo aprofundamento simultâneo das forças intelectuais e afectivas da consciência humana; tudo o que existe de obscuro e perturbado, injusto e carnal no sentimento filosófico ou religioso é volatilizado por esta sinceridade profunda de uma alma convertida plenamente à imparcialidade da ciência cartesiana,”

P. Ducassé.

Para alicerçar ideias claras sobre este assunto encontro nos meus papeis um G. Mail, apelidado de “simplesmente brilhante, merecendo ser lido e reflectido”, com o Discurso do Presidente da Costa Rica na Cúpula das Américas, em T&T, 18 de Abril de 2009. Tomo a liberdade de reproduzir um extracto fundamental:

12 . 1 –“ALGO HICIMOS MAL”

!

“... .. Como disse esta manhã, não pode ser que a América Latina gaste \$50 milhões em armas e soldados. Eu me pergunto quem é o nosso inimigo?

Nosso inimigo, presidente Correa, desta desigualdade que o Sr. aponta com muita razão, é a falta de educação; é o analfabetismo; é o não gastarmos na saúde de nosso povo; que não criamos a infra-estrutura necessária, os caminhos, as estradas, os portos os aeroportos; que não estamos aplicando os recursos necessários para deter a degradação do meio ambiente; é a desigualdade que temos que nos envergonha realmente; é produto entre muitas outras coisas, certamente de que não estamos educando os nossos filhos e as nossas filhas.

Vá alguém a uma universidade Latino-Americana e parece no entanto que estamos nos anos sessenta, setenta ou oitenta. Parece que nos esquecemos de que em 9 de Novembro de 1989 aconteceu algo de muito importante, ao cair o muro de Berlim, e que o Mundo mudou.”

... .. “ continuamos discutindo sobre todos os “ismos”(qual é o melhor? Capitalismo, socialismo, comunismo, liberalismo, neoliberalismo, socialcristianismo...) os asiáticos encontraram um “ismo” muito realista para o século XXI e o final do século XX, que é o “Pragmatismo”.

Para só citar um exemplo recordemos que quando Deng Xiaoping visitou Singapura e a Coreia do Sul, depois de ter-se dado conta de que seus próprios vizinhos estavam enriquecendo de uma maneira muito acelerada, regressou a Pequim e disse aos velhos camaradas Maoístas que o haviam acompanhado na Grande Marcha:

“Bem a verdade, queridos camaradas, é que a mim não importa se o gato é branco ou negro, só me interessa é que ele cace ratos.”

E se Mao estivesse vivo, teria morrido de novo quando disse que “a verdade é que enriquecer é glorioso.” E, enquanto os chineses fazem isso e desde 1979 até hoje crescem 11 %, 12 %, 13 %, e tiram 300 milhões de habitantes da pobreza, nós continuamos discutindo sobre ideologias que devíamos ter enterrado há muito tempo atrás.

A boa notícia é que Deng Xiaoping o conseguiu quando tinha 74 anos. Por isso lhes peço que não esperemos completá-los para fazer as mudanças que temos de fazer.”
“Muchas gracias.”

E connosco?

Já temos dois novos submarinos, contribuição dos dois partidos da Direita e na Esquerda prevalece o antiquado maior Partido Comunista da Europa, caçando jovens com a festa anual, com os Sindicatos promovendo alegres procissões-greves, de coloridos efeitos, tal como as outras fés.

A doutrina atrás expressa, com o pragmatismo aconselhado é... Chinês.

No entanto ainda há quem saiba pensar, como o Professor Adriano Moreira, com uma longa actividade de Catedrático e político. Diz-nos:

“A sociedade civilizada tem o dever e o poder de abrir caminhos a nova geração de responsáveis.”

... “Não parece de ignorar que, por todo o Ocidente, a debilidade das lideranças é evidente e preocupante.”

Na miséria do analfabetismo do século passado, antes do Plano Marschall, no nosso ruralismo, cada um comia o que semeava e vendia o excedente nas feiras e mercados. A partir da emigração provocada pela evolução que tal plano operou, só os grandes latifúndios produzem e as populações abastecem-se nos hipermercados.

Os lameiros criados nas encostas foram entregues às celulosas e aos eucaliptais – piro-motores da desertificação. Os incêndios da última década são no nosso país, como na Grécia e na Espanha, prova real da carência da floresta para absorver a água das chuvas; arrastando estas colossais cheias de solos que levaram séculos a formar, inundando povoados, vilas e cidades.

**– A ORALIDADE E A LITERACIA
GUARDIÃ DA MEMÓRIA**

A invenção da língua, substituindo a audição pela visão como meio de comunicação, armazenando informação é a mais bela e promissora conquista do espírito humano.

Com a explosão de C.1200 a.C do vulcão Santorini, que pulverizou a Atlântida, a Grécia foi a natural herdeira da Civilização da Creta Minóica e da Atlântida, tendo séculos depois alcançado a Dialéctica – a arte de raciocinar e argumentar com método e justa lógica, a maneira de conduzir um raciocínio, levando à demonstração. Daqui resultou o modo grego de pensar, ainda hoje seguido na Investigação Científica.

“A incompreensão do presente nasce fatalmente, da ignorância do passado”

Marc Block

“Apesar da inexistência de reflexão e debate no nosso País, foi aprovada a Lei de Bases do Património Cultural (Lei nº 107,2001) que contempla a obrigatoriedade de preservação do património imaterial. Nesta Lei, sem qualquer consequência prática posterior – é dito que integram o património cultural as realidades que tendo ou não suporte em coisas móveis ou imóveis, representam testemunhos etnográficos ou antropológicos com valor de civilização ou de cultura com significado para a identidade e memória colectivas (Art.91).

Se ela constituiu um sinal positivo, revela todavia algum desfasamento do debate internacional, bem como o uso de uma terminologia deficiente em conceitos como etnografia e antropologia, excedendo-se na aglutinação de civilização, cultura, identidade e memória.”

“Entre nós existem cerca de quatro mil imóveis classificados, mas não dispomos de um só exemplo de património incorpóreo”

Luís Marques, Antropólogo da Cultura referindo a Convenção para a salvaguarda do Património Imaterial (UNESCO, 2003) diz-nos serem os Museus as instituições mais bem preparadas para assumir tal objectivo e pergunta:

“Será possível Portugal manter-se indefinidamente à margem do que se passa no mundo, continuando sem uma política de salvaguarda da cultura imaterial, sem a sua promoção no futuro a partir de uma visão integrada?”

Livremente, sem pretensões, na narrativa histórica que vou urdindo, fui integrando aspectos das raízes do nosso fundo temperamental, transmitidos pela língua, pela arte e nesta pela arquitectura, pelo que denominei, com A. Damásio, o Si (self) Ariano, que devém Aqueu, Hítita, Ibero; e, por último, por razões que irei referir, achei que a dignificação da mulher, tão mal tratada pelas Igrejas, é tema que fica bem no Património Imaterial

Refiro também, com algum pormenor, a vida dos nómadas na floresta, que deu ao homem a capacidade de pensar e a vontade de acrescentar, à herança recebida, a dinamização que o domesticar do cavalo e a invenção do estribo lhe proporcionaram.

A Antropologia e a Etnografia – o homem e o povo irmanados com a Natureza, o habitat das espécies

A história do Si (self) Ibero tem elevado significado na memória e identidade dos povos que por aqui mourejaram e nos transmitiram as florestas, os soutos, cerejais, pomares, vinhas e olivais;

o acrisolado amor ao cavalo e à ovelha, à arte de fazer queijos, de fiar e de fazer panos, à arte de viver.

Vale a pena, num bom **Museu de Portugal e da Língua Portuguesa no Nascer da Europa** – ocupando todo o Cabo Espichel, contar aos nossos filhos o papel das ideias no que é a história, nos princípios e inovações que foram mudando o mundo. Erguendo aí uma réplica do Palácio de Cnossos, num aproveitamento global de todo o histórico espaço do Cabo – não longe da projectada construção da anunciada China Town. Noutro lugar trataremos este assunto com pormenor.

13 . 1 – O HOMEM E AS IDEIAS

“La vraie science de l’histoire est de remarquer dans chaque temps ces secrètes dispositions qui ont préparé les grands changements, et les conjonctures importantes qui les ont fait arriver.”

J.B. Bussuet (1681)

Pensando no Património Imaterial, lembrei-me do nosso antepassado, habitando a floresta densa húmida africana, que teve a ideia de se mudar, com a família mais próxima, para a savana seca, que perto havia. O regime alimentar passou a ser menos vegetariano e mais rico em bolbos e pequenos animais, que passou a caçar.

Com menos balbúrdia e mais senhor de si, teve a ideia de tentar pôr-se de pé, para ver melhor e melhor utilizar as mãos. Breve descobriu a alegria de correr atrás de uma cabra e de lhe atirar com um cacete ou uma pequena pedra e acertou-lhe; se não foi à primeira foi à terceira ou quinta vez. Ainda hoje, em investigação científica, se utiliza o Método Experimental.

Não devemos nunca pensar que somos bons. Eles, os nossos antepassados, atingiram a velocidade de cerca de cinquenta quilómetros à hora, depois de terem domesticado o cavalo e inventado as rédeas e os estribos, cerca de três mil e quinhentos a.C. e nós, os pretensos civilizados, só há pouco mais de um século conseguimos pouco mais de trinta e, ainda assim, quando o Caminho de Ferro do Norte chegou à estação de Nine (nona da empreiteira Inglesa) as forças vivas de Braga não quiseram, nos seus domínios, tamanho Belzebu, vomitando faúlhas e roncando; lá seguiu para o Norte, sem profanar tais domínios.

Voltemos aos outros nossos antepassados. Paulatinamente, vieram a substituir o cacete ou pedra por uma civilizada moca que sempre os acompanhava, mesmo depois de terem inventado a flecha e o arco – uma poderosa e elegante arma, ainda hoje utilizada no desporto.

Esta ideia do arco e da flecha é das que fazem parte da verdadeira ciência da história, alumando o seu caminho.

Entretanto, sabemos hoje que. “Entrelaçando conhecimento e observação, o cérebro organiza novos circuitos neuronais, crescendo o número e quantidade de neurónios: dendrites e axónios – extensões que nas células cerebrais têm por missão estabelecerem ligações entre as várias regiões cerebrais, conferindo assim o carácter utilitário à rede neuronal, que se traduz na consciência unitária em si” Jean-Pierre Changeaux, Gulbenkian, 2000.

A instrução progressiva do espírito, o seu treino, leva-o a examinar atentamente os seus actos, a ter consciência da conduta mais correcta. São, assim, as ideias e a acção que desenvolvem o espírito e é este que, motivado, produz mais ideias e leva à acção.

Há condições de relação que fundamentam o progresso social, as grandes mudanças. O conceito moderno de História, nesta época em que a imagem é rainha, coincide com a sua função política e social.

A ideia é uma coisa do espírito e são as ideias que desenvolveram o cérebro; este cresceu, cresceu ao longo de muitos milénios e está hoje em cerca de 1300 c.c.; mas a maior parte da humanidade pouco o usa.

É a instrução progressiva do espírito, o seu treino que nos proporciona a arte de deduzir, encontrar “em si e por si” a capacidade, maturidade e determinação que nos leva às condições de relação entre as ideias e as coisas ou os “restos” que herdamos.

As gerações das Grutas de Altamira (Norte de Espanha) e de Niaux, Lascaux, Montinhac, em França, nas pinturas coloridas, da mais aperfeiçoada técnica, afirmam já um diálogo com a beleza, que a Natureza, todos os dias, lhes oferece. São dessa época as Vénus de Aurillac que, na plástica figurativa dos acentuados seios, ancas e formas maternais, testemunham sensibilidade estética de interpretação da fecundidade da espécie e dos demais seres.

O conceito de arte, a realização de uma obra de arte é, também, ideia do espírito humano que quis gravar, na pedra ou no osso, uma imagem réplica do seu sentir.

“Yo soy yo y my circunstancia”...“Vivir es no tener más remedio que razonar ante la circunstancia inexorable”

Ortega y Gasset

Na floresta do Cáucaso, com todos os seres vivos que alberga, incluindo o nómada ariano, já senhor do sânscrito e de uma tradição milenar de convívio com as comunidades da civilização das estepes e dos oásis da Euro-Ásia, tendo domesticado o cavalo e inventado as rédeas e o estribo, para melhor usar o arco e a flecha, já senhor de si e sem medo – pode dele fugir a cerca de cinquenta quilómetros à hora – deve ter verificado que impera na Natureza *a lei do equilíbrio*.

Na floresta, que é o seu mundo, tudo, todos os seres vivos estão em equilíbrio com o meio ambiente, sujeitos a leis que o homem começa a compreender. Estamos a falar do homem de c. 3.500 anos a.C., da sua capacidade e equilíbrio no uso de uma língua – o sânscrito centum (oc.) que serviu de base e foi assimilado por todos os povos do Nascer da Europa, Ibero-Helénica, que o Si (self) ariano nos legou, em sucessivas migrações; com o sucesso da miscigenação, com as comunidades agrárias do Neolítico.

Por analogia com a aprendizagem, podemos aproximar-nos da sua génese. Segundo a Enciclopédia Lello Universal, apenas se podem reconstruir os traços gerais da língua-mãe indo-europeia.

Basta curvarmo-nos perante a capacidade do espírito humano e lembrar-nos que há poucos anos, cerca do meio do século passado, fecharam uma dúzia de sábios em Los Álamos, U.S.A., para gerar a Bomba Atómica!

Um deles consertava rádios aos doze anos, “pensando”...

Na maturidade de uma língua, há muito saber de experiência feito, aptidão intelectual, imaginação, factores de ordem fito-geográfica, traços culturais bem arreigados, todo um Património Imaterial que herdamos!

- A CIVILIZAÇÃO DO GRANITO DOS CASTROS

AO CICLÓPICO “EGEO PELASGO”

“Plus que jamais les peuples ont besoin d’images ...
le coup d’œil remplace la méditation »

A. Monzic

“O poder sugestivo da obra plástica vai desde a simples satisfação de sentimentos superficiais até à satisfação de estados de alma colectiva, e a um ponto tal que a arquitectura pode ser considerada como a manifestação sintética do estado de alma colectivo das raças, simbolizando e exprimindo no seu mais alto grau de génio de uma civilização, ficando ela, na derrocada dos séculos, como expressão definitiva e duradoira. Para compreender claramente a alma de um povo e o génio de uma raça é necessário compreender o génio da sua arquitectura; nela cristalizam e perduram todas as conquistas de uma civilização”.

... “ Ao contrário das matemáticas que, pela sua própria essência têm carácter de generalidade absoluta e independente da individualidade do homem e dos povos, a arquitectura, tendo um carácter igualmente abstracto, está, ao contrário, em estreita correlação com a psicologia colectiva e a individualidade das raças, condensando em si, numa forma objectiva, a cristalização suprema das civilizações, de cuja complexidade é a síntese final.”

...” Na realidade, as formas arquitectónicas representam singulares realizações tão abstractas como o conceito matemático, modeladas em fórmulas concretas: são símbolos como o triângulo ou a recta, símbolos imaginéticos e plásticos de um conceito abstracto profundo geral, do colectivo, em que cristaliza o génio da raça.”

Recorri a este texto de Abel Salazar, que transcreve Worringer, por o considerar, neste trabalho, profundo crítico de Arte e do Racionalismo da Natureza Humana.

in “Notas de Filosofia da Arte” Ed. Campo das Letras.S.A. 2000; Porto e Casa Museu Abel Salazar, 4465-012 S. Mamede de Infesta.

Numa boa agenda de 2003, que me ofereceram há meia dúzia de anos e nunca utilizei, deparo agora, entre meia dúzia de mapas do mundo actual, com este, em que a actual governação Grega reconhece que as suas raízes proto-históricas foram assimiladas no “Egeu Pelasgo”. Pormenorização geográfica e respectiva onomástica.

Com a devida vénia o reproduzo, como guia da proto-história Europeia, que o é da Humanização.

O nome “Pelásgos”, levado pelas naus da “Creta Minóica”, sulcou todo o “Egeu Pelasgos” até que a maior explosão do Santorini (c.1200 a.C.) originou aí, ao lado do actual Santorini, das açoteias, a famosa Krathera, pulverizando a Atlântida; o Tsunami de “cem metros de altura em Carcatou e 210 m em Strongylé”- causou sérios danos na Creta Minóica, provocando sua conquista pelos Dórios.” (ver na Gooble a imagem desta Kratera, tirada a vinte e três quilómetros de altitude – um assombro de imagem, cotada e acompanhada de outros dados).



Desde já devo afirmar que é pouco inteligente situar a Atlântida nos Açores, ou qualquer outra ilha do Mediterrâneo, quando, após a vinda dos Pelasgos da Sardenha para a Creta Minoica e Egeu e, séculos depois, *com a pulverização da Atlântida*, a debandada - fuga migratória dos Etruscos para o Norte de Itália e dos restantes povos para Ocidente, c. 1200 a.C. – **toda a vida desenvolvida pelos Pelasgos - Atlantes, foi continuada pela GRÉCIA PRIMITIVA (IV Milénio – Sec. VIII a. C.) após a invasão Dórica e fuga dos Gregos e descendentes de Pelasgos para a Ásia (Jónia) – toda a vida desta Proto-História da Europa, que o é da Humanidade, cresceu e teve o seu fim no “Egeo-Pelasgo”.**

A falta de informação nos séculos obscuros, que seguem estes acontecimentos, provocados pela pulverização da Atlântida, irmã gémea da actual Santorini, traz também, confusão de datas e localizações.

Atentemos neste texto:

“La légende de l’Atlantis, perdue, pleine de charme, nous la rencontrons de Platon, dans ses dialogues, Timaios et Kritias. Il passe de la sphère de l’imagination à celle de la réalité.

« Atlantis était un pays grand et admirable, qui dominait les îles et quelques parties du continent. L’état des Atlantes était le royaume qui consistait en deux îles, celle de « **Meizonos** » et celle de « **Elassonos** ». La supériorité de ce royaume, se trouvait surtout dans sa civilisation, qu’à ses forces militaires. Le royaume se constituait de deux cités. Dans le dialogue de Kritias, Platon décrit les deux cités, « **La Metropole** » et « **la cité Royale** ». En suivant la description de Platon, quelqu’un arrive à conclure que la cité de Metropole était l’île de Strongylé (La Ronde), l’île contemporaine de Santorin et la cité Royale était l’île de la Crète Minoenne.

Les deux archéologues qui ont fait des recherches sur ce sujet, sont Spyros Marinatos et Nikos Platonas. »

In « Santorin, Soleil et Lave ; Guide Touristique – Mythologie – Archéologie ; Histoire et Guide Touristique

Ficamos então cientes de que : « qu’un arrive à conclure que la cité de Metropole était l’île de Strongylé (La Ronde), l’île contemporaine de Santorin ; e cientes também de que foi esta ilha, irmã gêmea da actual Santorin a denominada Atlantida, que o Vulcão Santorini c. 1 200 a.C pulverizou. O enredo das datas é outra confusão histórica.

Voltaremos ao assunto.

*É de muito interesse lembrar, que o Geógrafo Orlando Ribeiro – apesar de nada saber sobre os Pelasgos Atlantes, responsáveis pela expansão do Megalítismo no Mar Egeu, pelas açoteias de Santorini, trazidas pelos Cónios para o Algarve, no séc.XII a.C. e pelos Palácios da Creta Minóica – no seu livro “**Geografia e Civilização**” Ed. Livros Horizonte, diz-nos:*

“Houve uma gente que soube extrair e mover grandes lajes de granito, colocando-as a pino, ou fechando com elas o circuito das câmaras funerárias sobre as quais se fazem correr, penosamente, através de rampas, outras grandes lajes que as cobrem. Esta arte representa além de um gosto, uma mestria na maneira de utilizar o granito para fins monumentais; na evolução humana é a primeira vez que aparece esta manifestação.”

“Nada, na vida actual, se pode filiar neste remoto passado.” (???!!! - meu.)

Orlando Ribeiro, como os nossos arqueólogos e historiadores, erram por nada saber de nós, Pelasgos-Atlantes a colonizar a Sardenha, a Creta Minóica e o Egeu Pelasgo, que a Grécia assimilou. No entanto O. Ribeiro diz-nos:

“A “arte” do granito:

“Um dos traços mais impressionantes da civilização no Norte de Portugal é certamente a mestria na construção de granito. Nas casas, nos muros, os suportes, nos monumentos, a pedra constitui sempre o principal material de construção. Terrenos de maciço antigo dispõem de granito, de xisto e de quartezite. A última rocha é muito dura, pesada e difícil de trabalhar; o seu uso é limitado a raras povoações muito rústicas assentes nas próprias surgências, usando-se em muitas delas a par com o xisto. Este extrai-se das pedreiras em lascas que não carecem de nenhum preparo para se sobreporem, ou em placas de ardósia, usadas como cobertura em certas áreas de montanha e, nalgumas cidades (Porto, Lamego, Viseu etc.) como revestimento de paredes de tabique.”

... .. “ Os solares da fidalguia rural tomam quase sempre um cunho artístico e a pedra aparece neles finamente lavrada.” “O maior virtuosismo no trabalho do granito está, porém, nos esteios de vinha, que podem alcançar, três metros de altura.”

Porém, um dos traços mais impressionantes da Civilização Castreja e dos seus muros separando a propriedade privada do domínio público – a rua e o largo – é o terem usado um aparelho rústico que dispõe as pedras obliquamente, de tal modo que, com o rodar do tempo e a acção da gravidade, dão ao muro ou parede cada vez maior resistência. Assim, tal aparelho mereceu a honra de ter nome de identificação e, dos nossos Castros, foi levado pelos Pelasgos-Atlantes para a Creta Minóica, como a seguir refiro.

Um outro contributo fundamental para atribuir cronologia e origem – nada se cria, tudo cresce a partir de alguma coisa – vem das pedras trabalhadas: o chamado aparelho *helicoidal (poligonal)* da Citânia de Briteiros (est.XIII, foto Sarmento; in Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso de Mário Cardoso), do detalhe da muralha de Sabroso (est. XXXIV, foto Sarmento) e o balneário do Castro de Sanfins **está, também, no muro poligonal do Santuário de Apolo em Delfos (548 a. C.) e junto à capela do Tesouro dos Atenenses, também em Delfos. E o aparelho de ressaltado ritmado, por camadas horizontais do muro do Castro de Urjais, bem perto de Centum Celas, está nos muros da Egostena, em Priene, na fortaleza de Eleuteras, barrando a estrada de Tebas para Atenas, e em Egostena, no Golfo de Corinto.**

Devemos orgulhar-nos do traçado desta arquitectura sem arquitectos, que nossos avós Pelasgos-Atlantes ergueram, de Norte a Sul, na primitiva Civilização do Granito *at Lusitânia ... que mare Atlânticum spectad*, na Idade do Cobre, que nos proporcionou – com o corredor de menires de Carnac e o erguer de Stonehenge - **o Megalitismo.**

E não esqueçamos, sobretudo, que “ os Pelasgos haviam erguido, no Mar Egeu, em torno das suas cidades muralhas *Ciclópicas*, formadas por enormes blocos de pedra, indestrutíveis, apesar de construídas sem cimento.

Será que a alcunha de Ciclopes, vem da autoria destas ciclópicas muralhas...que Homero leva Ulisses a chamar-nos?

Hoje tenho informação suficiente para afirmar que em Portugal, com os nossos antepassados Pelasgos-Atlantes iniciaram o seu Reino com o MEGALITISMO – “at Lusitânia que mare Atlânticum spectad”, colonizando a Sardenha, Creta Minóica e o “Egeo-Pelasgo.

Ver e meditar o mapa da página 59 e, com atenção, a contracapa deste volume.

– CAMINHOS ERRADOS NA HUMANIZAÇÃO

“Chaque génération aime se reconnaître et trouver son identité dans une grande figure mythologique ou légendaire qu’elle réinterprète en fonction des problèmes du moment : (Edipe comme emblème universel, Prométhée, Faust ou Sisyphe comme miroirs de la condition moderne. Aujourd’hui, c’est Narcisse qui, aux yeux d’un nombre important de chercheurs, tous particulièrement américains, symbolise le temps présent... »

Gilles Lipovetsky

Antes do assunto, procuremos equacionar razões chave do retrocesso havido no Processo de Humanização auspicioso, até à Grécia de Péricles e de Fidias, erguendo e decorando o Partenon com a sua obre Prima: a estátua de Atenas, adorada como deusa.

Após a civilização da Creta Minóica, absorvida pela Grécia Arcaica “tornada politeísta e mística. a religião liberta o homem da obsessão primitiva do sobrenatural e do temor além túmulo.” Milénios de Fé Cristã, incrustada recorrendo ao Tribunal do Santo Ofício e às Cruzadas, à carência de ensino e de Universidades, o povo português de hoje, ainda há pouco saído do analfabetismo, não raciocina; mesmo nas camadas universitárias; só com o actual Ministro da Ciência, decididamente voltadas para a internacionalização, sempre ofereceram muita dificuldade para a argumentação racional.

Bento XVI, veio dizer-nos em Maio de 2010:

“as maiores perseguições contra a Igreja não vêm de fora, mas dos pecadores que há dentro da própria Igreja”. É aterrador...

O Mundo está a mudar, é tempo e oportunidade de tratar as populações rurais e as cidadinas como adultos!

“Nas ondas vela pôs em seco lenho”

Assisti, recentemente a uma Missa do Sétimo dia, dita por rum profissional de fama e devo confessar que nada entendi de racional ou de compreensão da dor.

A Criação da Humanidade por Jesus Cristo é uma afirmação irresponsável, sobretudo de falta de respeito pelo passado e por nossa Mãe - Eva, pela evolução do espírito humano, pelo contributo que os Pelasgos-Atlantes dos Castros à Creta Minóica e à desaparecida Atlântida, absorvidas pelo modo grego de pensar e pelo surgimento de uma plêiade de filósofos e de artistas que deixaram no Partenon um dos mais belo testemunho da Infância da Humanidade..

“ A Criação é inconcebível porque “uma coisa não pode ser feita do nada” Kapila

No entanto, durante milénios o povo português, com os Cónios e os Tartessos que, no séc. XII a. C., trouxeram para as “Hespérides dos Pomos de Ouro”, no *extremum mundi*, a língua, o conhecimento dos *clusters* da lã, do linho, do trigo, da Oliveira e da vinha e a arte das Açoteias; que com a migração dos seus companheiros de desdita, e com os Celtas são os cabouqueiros da Civilização Ibérica, Celtibérica e Celta na Europa, interrompidas por Constantino e César, em companhia da Igreja Católica Apostólica Romana, que findou assim:

In Que Força é essa, Madalena Barbosa

“Nasceu em Faro a 13 de Março de 1942. Cresceu e fez-se adulta em Luanda. Começou a sua militância em Abril de 1974. Co-fundou o Movimento de Libertação das Mulheres e todos os movimentos feministas que se lhe seguiram. Nos anos 80 integrou a Comissão da Condição Feminina, actual Comissão

“ A fúria e o ódio devastaram a Europa. A Santa Inquisição perseguia as heréticas, os cristãos novos, as feiticeiras, as religiões não conformes à fé católica. Houve aldeias no Norte da Europa em que se queimaram todas as mulheres com mais de sete anos de idade.”

“ Repitam as sílabas antes que a lição vos perfure o útero.

Anne Ransh, de 12 anos de idade, queimada em 1628

Sybill e Duta, de 11 anos, queimada em 1628

Frau Dumler, grávida, fervida em azeite em 1630

“O número de mulheres queimadas na Europa durante três séculos chega a ser avaliado em nove milhões. Nós chamamos-lhe genocídio.

Para os historiadores, esta enorme fogueira é um pormenor. Mas a frase de tradição oral ficou-nos, para designar qualquer perseguição cruel e injusta – a “caça às bruxas”.

“Castigam-se as mulheres que fugiam à norma. E a norma era a maldição de Eva:

“Multiplicarei a tua dor e o teu trabalho; parirás na dor; o teu desejo será do homem e a ele serás submissa” As feiticeiras eram as não conformes. Essa fuga podia ser até mesmo a beleza, “tentação abominável”. Ou as artes médicas do seu tempo – as mulheres que conheciam as ervas, as doenças, eram parte do quotidiano dedicado ao cuidado dos outros. Se este conhecimento era maior, passava a ser ameaçador, da Igreja, do poder instituído, dos homens a quem deviam submissão:

*“Ana Martins, viúva de António Macedo, lavrador, concelho de Martinho de Barnes e moradora na freguesia de S. Vicente, Concelho de Felgueiras, comarca de Guimarães, Arcebispado de Bragança”...” de certo tempo a esta parte, **esquecida da sua obrigação, com pouco temor a Deus Nosso Senhor, em grande dano de sua alma e prejuízo das consciências alheias, não tendo ciência alguma, curava de várias enfermidades e para esse fim a procuravam muitas pessoas ou a mandavam consultar a respeito de achaques de que padeciam...**” Tribunal do Santo Ofício, 1694, Lisboa (sublinhado nosso).*

No entanto Paracelso, o mais famoso físico da Idade Média, dizia saber o que aprendera devido “às boas mulheres”. Essas mulheres eram também parteiras as que assistiam e ajudavam as outras mulheres no parto, tratando minorar-lhes a dor. Por isso contra a maldição de Eva. Por isso delas dizia Kramer *“Nada prejudica mais a fé católica que as parteiras.”*

Para a Cidadania e a Igualdade de Género”

O dramaturgo e poeta inglês William Shakespeare, 1564 – 1616, reagiu contra a Inquisição, com a sua melhor obra: **Hamlet**. Há uma tradução em português.

O investigador, que me fiz, não é um erudito, procura pareceres eruditos e com eles encontra condições de relação; quando de História é com eles...por isso quero traçar neste livro o papel dos *Pelagos-Atlantes na Humanização da Europa numa Perspectiva Histórica*.

Uma nota a respeito desta erudita lição. O nosso mal, grande mal, foi o isolamento a que nos votaram Reis e Presidentes... que nunca passaram o Equador. Costumo dizer que nunca teríamos tido um Fernando Pessoa, se ele não tivesse ido além do Equador.

Com Madalena Barbosa, foi além da Taprobana...